

A romantic couple is lying in a field of green plants and small white flowers. The man, with dark hair and a light beard, is lying on his back with his eyes closed, wearing a light-colored button-down shirt. The woman, with long, wavy blonde hair, is leaning over him, her face close to his, looking at him with a gentle expression. She is wearing a light-colored top. The scene is bathed in warm, golden light, suggesting late afternoon or early morning. The overall mood is intimate and tender.

o meu erro foi não saber amar-te

SERÁ O AMOR VERDADEIRO
CAPAZ DE VENCER MESMO TUDO?

FILIPE BACELO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



o meu erro foi não saber amar-te

SERÁ O AMOR VERDADEIRO
CAPAZ DE VENCER MESMO TUDO?

FILIPE BACELO

 ANUSCRITO

***o meu erro
foi não saber
amar-te***

FILIPPE BACELO

***o meu erro
foi não saber
amar-te***



facebook.com/manuscritoeditora
instagram.com/manuscrito_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *O Meu Erro Foi não Saber Amar-te*

Autor: Filipe Bacelo

Copyright © Filipe Bacelo

Copyright © Editorial Presença, S.A. 2024

Revisão: Ana Guerreiro/Editorial Presença

Imagem da capa: Shutterstock

Capa: Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença

Composição: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-9181-15-1

1.^a edição em papel, Lisboa, abril, 2024

Para todos os que acreditam no amor.

Prólogo

23 de dezembro de 2007

19h07

O Ye Olde Cheshire Cheese é um dos *pubs* mais antigos de Londres. Fica na Fleet Street e enche-se diariamente de ingleses desejosos de descomprimir depois do trabalho. O interior é acolhedor, apesar da escuridão que emana do chão, das paredes e do teto, resultante dos inúmeros apontamentos em madeira que se misturam com o papel de parede estampado, combinando amarelo e castanho-escuro. Há um enorme balcão, com três torneiras de cerveja que, àquela hora, não têm descanso.

Fora uma colega do supermercado onde Carmen trabalhava a incutir-lhe o hábito de passar ali antes de ir para casa. Embora não gostasse de sítios com muita gente, ganhara o gosto por aquele momento de descontração e já não dispensava oferecer aquela recompensa a si mesma no final de mais um dia de trabalho extenuante.

Quando passavam poucos minutos das sete, preparou-se para sair do *pub*. Abriu caminho por entre os corpos colados, fintando cervejas, interrompendo conversas e dizendo *sorry* e *excuse me* cada vez mais alto para se fazer ouvir.

Já era noite cerrada. Nuvens velozes traziam consigo a certeza de que o dia seguinte seria de chuva, em contraste com aquele, que se mantivera soalheiro ainda que a temperatura não tivesse ultrapassado os oito graus, ou não se estivesse em pleno inverno. Carmen vestia calças de ganga azul-

claras e escondera a camisola de lã grossa alusiva ao Natal debaixo de um casaco de penas. Antes de sair para o passeio, calçara as luvas e pusera o gorro.

Enquanto caminhava, foi admirando as ruas cheias de enfeites natalícios. Tudo era mais bonito naquela altura do ano, o que a deixava encantada, mas também nostálgica. Ao olhar para as luzes e os ornamentos, desejou mais uma vez ter alguém com quem celebrar o Natal. *Para sempre, e que sempre seja todos os dias* — a frase repetia-se nas conversas com as amigas, mas também nos seus sonhos acordados. Queria viver um amor arrebatador, apaixonante e eterno. Um amor fundado no companheirismo e no respeito mútuo, permitindo que os dois crescessem individualmente e como casal. Sonhava ser pedida em casamento na praia e, quem sabe, receber o anel de noivado do seu príncipe em cima de um cavalo.

Pensou nisto enquanto ia pela rua e fitava as centenas de luzes que envolviam as árvores alinhadas de cada lado da estrada. Os seus olhos cor de amêndoa pintalgados com manchas chocolate brilhavam, rendidos à beleza e à magia daquele cenário tirado de um livro infantil.

Com dezoito anos, terminado o secundário e cansada de desavenças com a madrastra, Carmen resolvera partir à aventura e viajara para Londres com uma amiga. Planeava empregar-se e deixar para trás uma vida repleta de complicações familiares. Anos depois, contudo, começava a sentir saudades de casa e de Vila Nova de Gaia, a sua cidade, mas sobretudo do sol que tanto amava e da doçura do areal banhado diariamente pelo mar. Aproximando-se o Natal, as saudades apertavam mais: sentia falta do bacalhau, do loto, da meia pendurada por cima do fogão, da euforia antes de abrirem as prendas e do momento em que se escondiam na casa de banho para não se cruzarem com o Pai Natal, que tinha muitos presentes para oferecer e não se podia demorar, mas, sobretudo, não podia ser visto pelas crianças.

Enchendo-se o coração de saudade, ela ficava melancólica; mas sobrava um espacinho para a certeza de que um dia teria a sua família. Era a coisa que mais desejava no mundo. Sempre acreditara que tudo tem um porquê, que nada acontece por acaso. Acreditava no amor, nunca perdera a certeza do amor à primeira vista e sabia que havia *para sempre*. Acreditava no brilho de um olhar e na intensidade de um sorriso, em contos de fadas e finais felizes, e na força que as palavras têm. Acreditava nas promessas — sendo feitas, deviam ser cumpridas — e na satisfação de fazer bem às pessoas que amava, e não duvidava de que a vida fora feita para se aproveitar cada segundo dela, sem preocupação com o amanhã.

— Devia estar louca quando decidi vir para Londres — confessara a uma amiga. A conversa tinha alguns meses, mas o sentimento mantinha-se, bem como a certeza de que estava na altura de regressar a casa. Tinha viagem marcada para Portugal dentro de duas semanas e não fazia tenção de voltar a Londres tão cedo. Ao fim de poucos anos, juntara um bom pé-de-meia. Agora, queria voltar e concorrer a Medicina Dentária. Ia seguir outro rumo, trilhar um novo caminho, mesmo que isso significasse voltar a viver com o pai e a madrastra. Tinha de ser. Já não aguentava estar em Londres.

Arrendara um pequeno quarto por cima do supermercado onde trabalhava. Quando dobrou a esquina e tornou a entrar na sua rua, reparou numa senhora sentada nos degraus do prédio ao lado do seu. Vestida de preto e de lenço escuro na cabeça, trauteava uma lengalenga incompreensível. Desconfiada, Carmen abrandou para tentar descortinar o mistério.

— *Lady! Lady!* — exclamou a mulher quando a viu. Tinha sotaque do Leste. Pelos gestos, Carmen percebeu que ela queria ler-lhe a mão em troca de umas libras. Sentiu-se tentada a aceitar, pois o mundo holístico sempre chamara a sua atenção, mas o seu lado racional fê-la encaminhar-se para casa.

— *Love! Love!* — insistiu a mulher, quando Carmen se preparava para atravessar a rua. — *I take a look at your future in love.*

Carmen estacou. Nos últimos dias, a palavra «amor» — tão pequenina, mas que a fazia voar para tão longe em sonhos — perseguira-a com uma intensidade avassaladora. Naquele, em particular, tinha estado presente em cada minuto. Seria um sinal?

Deixou-se ir. A cigana agarrou na mão dela e largou frases soltas sobre saúde e dinheiro; depois, os seus dedos percorreram uma linha específica, e o indicador tocou-lhe três vezes.

— *You're going to live unforgettable love, like Hollywood movie* — disse-lhe a cigana. — *Your soulmate live in the country you were born. But don't haste, there's still lot of time for you to meet.*

Carmen arregalou os olhos, surpreendida com a revelação. Mas talvez não houvesse motivo para ficar assim; talvez a cigana dissesse o mesmo a todas as pessoas a quem lia a sina, na esperança de as fazer felizes e com isso ganhar algumas moedas simpáticas.

— *You go home, girl* — continuou a mulher, indiferente ao olhar cético de Carmen. — *Someone you love is very sick.*

A jovem ficou de coração apertado. Por momentos, temeu que ele fosse explodir de dor. Em pânico, recolheu bruscamente a mão e recuou. Não queria ouvir mais. Deixando cair algumas moedas no bolso do avental preto da cigana, Carmen virou-lhe as costas, atravessou a rua e continuou apressadamente até à escada do prédio.

— *You'll be much loved, girl. But before, you'll suffer much.*

Carmen sentiu um aperto na garganta, e uma sensação estranha percorreu-lhe o corpo. Começou a correr e quase voou pela escada, até chegar ao quinto e último andar, onde morava. Ofegante e com o coração a bater-lhe, enfurecido, no peito, tentou enfiar a chave na ranhura da fechadura, mas as suas mãos tremiam, consumidas pela ansiedade. Com um nó na garganta, resmungou uma asneira quando as chaves se

escaparam dos seus dedos e caíram ao chão. Correram-lhe algumas lágrimas. Então, fechou os olhos e respirou fundo três vezes. Depois disso, conseguiu por fim abrir a porta.

Pendurou o casaco no bengaleiro e sacudiu as botas dos pés, fazendo-as darem três piruetas e caírem cada uma para seu lado no *hall*. Finalmente livre, apressou-se a ligar ao pai, marcando o número mal se sentou na ponta da cama. Após o terceiro toque, ouviu a voz dele do outro lado da linha, e só nesse momento o seu coração sossegou.

— Não tens de te preocupar, filha, está tudo bem — garantiu-lhe o pai. Carmen não quis explicar-lhe o porquê da súbita preocupação descontrolada, dizendo-lhe apenas que estava cheia de saudades; a sua ausência já levava demasiado tempo... e agora havia a ansiedade por ele ter tido um enfarte poucas semanas antes.

Antes de terminarem a chamada, o pai voltou a assegurar-lhe que estava tudo bem e prometeu esperar ansiosamente o regresso dela. Embora tivessem ficado desavindos quando Carmen partira para Londres, não tinham cortado relações. Entretanto, o tempo sarara as feridas, e os anos tinham convidado à reaproximação. Agora, falavam quase todos os dias.

Depois de desligar, a jovem deixou-se cair de costas na cama e fitou o teto. Com o coração mais calmo, o seu olhar viajou para longe, e ela pensou no que a cigana lhe tinha dito sobre o amor. Talvez a culpa fosse da morte da mãe, quando ela tinha apenas três anos: haviam-lhe faltado o colo e o aconchego de uma figura materna. Talvez tivesse sido isso a torná-la carente de afetos. Também talvez viesse daí a sua ânsia de construir uma família, quiçá em substituição daquela que não tivera.

Antes de adormecer, viajou naquele veio imaginário, entre o mundo real e o mundo dos sonhos, onde tudo é possível. A cada noite, sonhava com uma vida em família como a que não conhecera. Via uma casa térrea com jardim, dois filhos a brincarem com o pai, deliciados com as palhaçadas dele, e um cão a pular de volta dos três. O riso deles inundara a

tarde. Ali, ela era amada. Era feliz.

Capítulo 1

Quarta-feira, 8 de maio de 2019

14h38

Ricardo tentou abrir os olhos, mas eles recusaram-se e continuaram cerrados. Ele insistiu. Nada. Ordenou às pálpebras que se movessem, mas elas pareciam coladas e incapazes de aceitar as ordens.

O que queriam os seus olhos ver na penumbra? Talvez estivessem viciados nas viagens noturnas. Há noites assim, em que sentimos a alma inquieta e a deixamos vaguear por lugares nenhuns, enquanto o corpo, exausto, sem forças para segurar a alma viajante, se mantém imóvel. Em noites assim, a alma é um andarilho de mochila às costas, que percorre vales e montanhas sempre na ânsia do novo, da descoberta de algo excitante e diferente. Como cantara António Variações, Ricardo só estava bem onde não estava, só queria ir aonde não ia.

— Tem de ser — murmurou, numa voz áspera como lixa. O dia começava, ia a meio, na verdade, e ele tinha de se mexer. Falou-lhe, e, a custo, o corpo acabou por ouvir. Acontecia-lhe muitas vezes: dava ordens, mas o corpo recusava-se a ouvi-las.

Tomou uma decisão: dessa vez, não seria assim. Não iria parar. Armou-se de coragem. Chegara a hora de viver, sobreviver ou o que fosse.

Pôs os pés fora da cama. Ergueu-se. Sentia as pernas bambas, mas caminhou pelo quarto. *Terei sido atropelado por um camião e não me dei conta?*, pensou. O cérebro estava com dificuldade em processar as imagens que lhe

chegavam.

Ajudado pelas paredes, conseguiu chegar à casa de banho. Era uma bênção, uma vitória — a primeira do dia. Não quis arriscar ficar de pé e sentou-se na sanita para esvaziar a bexiga, que estava a ponto de rebentar. Foi uma das melhores sensações que teve em muito tempo. Então, de olhos fechados, curvado e com as mãos na nuca, jurou a si mesmo que os erros da noite anterior nunca mais se repetiriam. A batida da música parecia bombardear-lhe a mente.

Precisava urgentemente de café. Tinha de despertar e, para isso, nada como a cafeína, esse magnífico elixir poderoso que lhe percorria as entranhas, lhe revitalizava os órgãos e lhe devolvia a capacidade de pensar. Sem cafeína, nada feito: o cérebro não funcionava. O problema era que isso implicava sair de casa, e, naquele momento, não lhe ocorria nada mais difícil do que isso.

De olhos semicerrados, voltou ao quarto. Cada dia era uma repetição do dia anterior, e nada mudava. Sentia-se preso num vertiginoso *loop* de más decisões. Não mudava os lençóis havia semanas. Apanhou a roupa do chão e atirou-a para cima da cama, mas esse ato tão simples, que lhe custou a alma durante alguns momentos, não foi suficiente para dar ordem ao caos — havia roupa em cima dos móveis, pendurada nas portas e a espreitar do armário. Sentia o cheiro do tabaco entranhado na barba por aparar e em cada objeto que tinha em casa.

Fitou momentaneamente uma garrafa de cerveja vazia na mesa de cabeceira. Pousara-a sobre uma fotografia virada ao contrário. De repente, julgou que fosse sufocar: aos poucos, sem que ele tivesse dado por isso, o seu pequeno apartamento enchera-se de desordem e solidão até não sobrar espaço para mais nada. Como podia ambicionar arrumar o seu passado, o presente ou mesmo o futuro, se nem um T1 conseguia manter em ordem?

Era o seu aniversário. Fizera trinta anos. Talvez isso explicasse aquela melancolia: num dia que se queria alegre e festivo, de repente, tudo lhe

parecia pequeno — menos as saudades que tinha de Carmen. A falta dela doía-lhe no coração com uma força avassaladora.

Fora uma noite afogada em álcool. Perdera a conta aos *shots* que bebera e havia espaços em branco em que não se recordava de nada. Celebrara trinta anos de borgia, de vida louca, de total ausência de regras e limites. Como chegara a casa? Teria vindo de carro? A que horas? Ter-se-ia envolvido em alguma rixa ou teria arranjado problemas no bar? Sentou-se na cama e tentou organizar os pensamentos. Volta e meia, a sua cabeça era assaltada por imagens rápidas e turvas que o faziam estremecer. Teria aquilo acontecido, de facto, ou seriam visões? Deixou-se ficar de olhos fechados e boca entreaberta. De resto, não se moveu. Sentia-se sem forças. Alguma que lhe restava era para se manter vivo.

Quando conseguiu que o corpo tornasse a ouvi-lo, levantou-se e voltou para a casa de banho. No duche, a imagem de Carmen regressou ao seu pensamento. De olhos fechados, pareceu-lhe que ela estava ao seu lado. O perfume que ele ainda adorava banhava a pequena divisão sem janelas, deixando-o atordoado. Sentia a presença dela, o toque do seu abraço. Estaria a delirar? Seria aquilo um efeito da bebedeira desmedida da noite anterior?

Levou as mãos ao rosto e respirou fundo três vezes. Imaginou o abraço de Carmen, o corpo dela colado ao seu. Ouviu-a sussurrar-lhe ao ouvido, dizer-lhe que era viciada no cheiro dele, que o sentia e enlouquecia, que estava sedenta dele. Queria senti-lo nela, queria que ele lhe agarrasse as ancas com firmeza e lhe murmurasse ao ouvido.

— Merda! — gritou Ricardo. Abrira acidentalmente a torneira da água fria, que lhe caiu gelada sobre a pele, interrompendo o devaneio. A presença de Carmen esfumou-se, o seu perfume foi engolido pelo ralo do polibã a uma velocidade vertiginosa. A vantagem era que já não precisava de café para os olhos se abrirem.

Desperto, tornou a rodar o manípulo para a posição certa e esperou que

a água aquecesse. Sabia que um duche frio fazia bem à alma e precisava disso, mas não conseguia; no mínimo, a água tinha de estar morna. Nem no verão podia ser de outra maneira. Em pequeno, fosse verão ou inverno, lavavam-no numa bacia — a água quente ainda não chegara à aldeia. Talvez isso explicasse o facto de ele não a dispensar agora que era adulto.

Lembrava-se nitidamente da casa da sua infância. Era uma construção de poucos metros quadrados, com as divisões separadas por tábuas pintadas de azul. À noite, ouviam o sapateado dos roedores no sótão. Por vezes, também os ouvia a passarem perto — lá em cima, nas vigas, ou cá em baixo, no mesmo soalho gasto onde ele dormia. Nesses momentos, abraçava o seu peluche preferido com mais força e sentia-se um bocadinho mais seguro.

Com o passar do tempo, habituou-se à presença deles. Começou a criar histórias sobre o que eles andariam a fazer lá no alto, por cima da sua cabeça, ou cá em baixo, no chão. Imaginava que aqueles pequenos roedores estavam ali para o ajudar e proteger, como nos desenhos animados. Tornaram-se pequenas criaturas encantadas num mundo que passara a existir dentro da sua cabeça. Fantasiou casamentos, lutas contra dragões e demónios. As situações do dia a dia tornavam-se fantásticas, mágicas, empolgantes. Aquele mundo à parte foi a sua maneira de fugir de uma realidade de pobreza extrema, em que os bens de primeira necessidade eram escassos e faltava conforto, mas não a violência do pai.

A noite trazia consigo atos bárbaros. O pequeno Ricardo tentava dormir, mas o barulho e os gritos impediam-no. Sabia aquilo que estava a acontecer no quarto ao lado. Bêbedo e zangado, o pai batia na mãe, chamava-lhe nomes e culpava-a por tudo. Ele ouvia a mãe a chorar, a pedir ao pai dele que parasse, a implorar-lhe o perdão, e sentia-se impotente. Queria ajudar a mãe, mas tinha medo do pai, que já lhe batera quando ele tentara intervir. Quando isso acontecia, o pai dizia-lhe que ele era igual à mãe, um inútil e uma desgraça, e que provavelmente nem era seu filho.

Nessas noites, Ricardo fechava os olhos com força, tapava os ouvidos com as mãos e rezava, pedindo para que tudo acabasse depressa. Perguntava a si mesmo que motivos teria o pai para não gostar dele nem da mamã. Sabendo que os pais dos outros meninos gostavam deles, sentia-se culpado e tentava perceber o que fizera de mal para não acontecer o mesmo consigo. Quando não tinha pesadelos, sonhava com o dia em que o pai se aproximaria com um gesto carinhoso e lhe daria abraços e muitos beijinhos enquanto lhe dizia que o amava. Nesses sonhos, a mãe estava feliz: sorria e cantarolava. Não havia medo, nem manchas escuras no corpo dela, nem cicatrizes.

Embora fizesse turnos e trabalhasse muitas horas, a mãe conseguia manter a casa limpa e arrumada. Ainda assim, o marido dizia que ela era porca. Ricardo sempre gostara de fazer bolos com a mãe. Esperava ansiosamente que chegasse sábado, o dia que os dois passavam na cozinha, o qual era pouco maior do que as suas mãos. A mãe punha o avental, depois ajudava-o a pôr o dele, e faziam queques de iogurte e brigadeiros. Esses momentos eram felizes e únicos.

Recordava muitas vezes as tardes de sábado passadas com a mãe. Sentia-se feliz e amado, e, à medida que ela lhe ensinava cada passo da confeção do bolo, a ligação entre os dois ficava mais forte. Quando a mãe estava presente, os olhos dele brilhavam como o mar quando é beijado pelo sol, e o mesmo lhe acontecia agora, de cada vez que se lembrava dela. Sempre amara os pais. Crescera convencido de que era normal acontecerem aquelas coisas e de que a sua casa era igual às outras, embora os colegas o olhassem de lado ou com aversão e, no recreio, não lhe falassem nem o chamassem para as brincadeiras.

Numa noite de muito frio, houve um acidente. A pequena casa ficou reduzida a cinzas, e eles perderam o pouco que tinham. Então, ganhando coragem, a mãe levou-o consigo e foram morar com um familiar, e ele nunca mais presenciou um ato violento. Não tornou a ver o pai, entretanto

emigrado em França. A mãe foi vivendo com a dor que carregava. Muitas mulheres viviam casos semelhantes, mas escondiam-nos, porque havia a ideia de que tudo aquilo era normal. Uma mulher maltratada pelo marido tinha vergonha de pedir ajuda psicológica e não queria expor os filhos. Por isso, a sua mãe tentou levar a vida para a frente, mas sentia-se culpada por ele estar a crescer sem pai. Nas noites em que não conseguia dormir, pensava no ex-marido e, estranhamente, chegava a sentir saudades. Com o tempo, tornou-se uma mãe ausente. Era uma mulher destruída e imersa numa escuridão de que nunca mais se conseguiu levantar, até que morreu de desgosto, convencida de que fora responsável pelas agressões que sofrera e por o pai do seu filho ter partido.

Ricardo foi deixado um pouco à sorte de Deus. Andou na catequese por imposição dos tutores, que lhe diziam que ia ser «salvo». Entretanto, os anos passavam, e ele começou a faltar aos encontros na igreja. E trocou as brincadeiras pelas más companhias.

A água aquecera, e ele voltou a deixar que ela lhe caísse nas costas. Permaneceu ali quieto, de olhos abertos e expressão vazia. A vida resumira-se àquele calor prazeroso que lhe beijava o corpo. De repente, sentiu um aperto no peito e um nó na garganta. Tinha tantas saudades de Carmen... Juntou instintivamente as mãos em posição *Gassho*, palma com palma, e encostou-as suavemente ao peito. Vira Carmen fazer aquele gesto inúmeras vezes — ela meditava com as mãos naquela posição, dizia que isso a ajudava a esvaziar a mente. Ricardo nunca experimentara, mas, naquele dia, fê-lo quase sem se dar conta.

Começou a chorar, primeiro devagarinho, depois compulsivamente. Não chorava daquela forma desde tenra idade. O sufoco aumentou, e ele temeu que o seu peito fosse rebentar de dor. Carmen fora e continuava a ser o amor da sua vida. Não tinha a mais pequena dúvida de que assim era. Por mais que tivesse negado aquele sentimento e tentado fugir dele, estava na hora de admitir que nada tinha mudado. Sabia que Carmen não voltaria

para ele, mas isso não fazia desaparecer todo o amor que sentia por ela.

Cerrou os punhos e deixou sair um grito de raiva e frustração. Por mais voltas que a vida desse, ele voltava sempre ao mesmo lugar, e era o único culpado disso — se as suas escolhas continuavam a ser as mesmas, como podia querer alcançar um resultado diferente? Escravo do seu ego, deixava-se levar pelas noites loucas e pelo perfume das mulheres; o padrão repetia-se, e o círculo vicioso não tinha fim.

Quando as lágrimas pararam, Ricardo saiu do banho e vestiu o que encontrou: uns calções floridos e uma *T-shirt*. Parecia um turista — um turista em Ermesinde, ou talvez um *avec* igual a tantos outros que invadiam a cidade em agosto, sempre a misturarem o português com o francês. Ele gostava de os ver chegar e não raras vezes dizia a João que eles eram sempre os melhores compradores. A casa que compravam na terra onde tinham nascido era a mais importante. Por isso, no momento de tomarem uma decisão, investiam sem apego ao dinheiro.

Naquele dia, ele não ia vender casas. Na verdade, nem sequer ia passar no escritório. Além de não ver dois dedos à frente, estava de férias e não fazia questão de visitar os colegas. Deixara tudo organizado, passara os processos em aberto para Cláudia e fechara a porta ao trabalho, convencido de que as duas semanas seguintes seriam dedicadas apenas e exclusivamente a si. Aquelas férias seriam para relaxar. Acima de tudo, aproveitaria para pensar no que raio ia fazer da sua vida.

Nunca imaginara que o trigésimo aniversário seria o ponto de viragem. Mas assim foi. Aquele foi o primeiro dia do resto da sua vida. O dia em que ele se ergueu das cinzas.

Capítulo 2

Ricardo fechou suavemente a porta de casa e rodou a chave até sentir o trinco. Segurando o puxador, sacudiu a porta duas ou três vezes para se certificar de que estava bem fechada. A bem da verdade, não guardava nada de valor naquele apartamento imundo e desarrumado, e o mais provável seria qualquer ladrão virar costas e ir-se embora assim que abrisse a porta, mas, por mais que tentasse, não se livrava daquela mania.

Voltou-se para o corredor estreito e pouco iluminado e sentiu o cheiro forte do detergente barato com perfume de lavanda. Rute, a empregada de limpeza, estivera naquele piso havia pouco tempo. Não desejava cruzar-se com ela, por isso pressionou com insistência o botão do elevador, como se isso o fizesse chegar mais depressa. Envolvera-se com ela algum tempo antes; fora uma aventura e nada mais do que isso, mas acabara por se tornar uma fonte inesgotável de problemas. Fora transparente com Rute desde o início, falara-lhe com honestidade e dissera-lhe que não queria compromissos. Ela concordara e, nos primeiros tempos, parecera não se importar com a situação. Contudo, com o avançar das semanas, começara a mostrar-se cada vez mais possessiva, a ponto de o perseguir pelos bares e de lhe ligar incessantemente para saber onde ele estava. A ausência de resposta ou uma resposta negativa deixavam-na completamente alterada e sem olhar a meios para conseguir estar com ele.

Fora uma altura complicada para ele. Vendo-a comportar-se dessa maneira, jurava que aquela vez seria a última, que não voltaria a estar com ela; mas uma noite com demasiado álcool e sem companhia feminina era

quanto bastava para ele mudar de ideias. No dia seguinte, com o cabelo preto apanhado atrás e fitando-o com uns olhos redondos e cor de avelã, ela fazia-se prisioneira dos braços dele, e Ricardo arrependia-se. Mas a solidão da noite era demasiado pesada para a enfrentar sozinho e, muitas vezes, apenas queria ter alguém consigo, ainda que fosse a companhia mais errada do mundo. Isso criara expectativas em Rute, que acreditara que um dia ele assumiria a relação e viveriam felizes para sempre.

Todavia, Ricardo não era homem de uma só mulher. Ele era um conquistador e tinha consciência disso. Desde muito novo, o jogo da sedução enchia-o de adrenalina, até porque nunca gostara especialmente de dormir sozinho. Com o tempo, parecia ter deixado de saber estar de outra maneira que não na cama com alguém. Hoje, ponderava se não procuraria a mulher que amava em todas aquelas com quem se deitava.

O elevador chegou. De costas para o espelho — para não ver o seu duplo refletido —, começou a balancear o corpo. Estava nervoso. Não queria mesmo nada cruzar-se com Rute, mas algo lhe dizia que ia acontecer precisamente isso.

Não se enganou. Quando o elevador parou no rés do chão e a porta se abriu, Rute terminava de passar a esfregona no *hall* de entrada do prédio. Ricardo agarrou no telemóvel e apertou o passo, tentando mostrar-se ocupado e decidido, para que ela percebesse que não o devia incomodar, mas nada feito: ao vê-lo, ela pôs-se imediatamente no seu caminho.

— Bom dia, Ricardo. Parabéns! — exclamou, risonha e derretida.

— Bom dia. Obrigado — respondeu ele, num tom mais seco do que o habitual. Tornando a fixar-se no telemóvel, procurou desviar-se e avançar para a porta, mas Rute voltou a impedir-lhe a passagem, ficando com o rosto a poucos centímetros do dele. Irritado, Ricardo revirou os olhos e desviou o olhar para o lado. — Dás-me licença? Estou atrasado.

— Claro que sim. Antes disso, posso dar-te um beijo de parabéns?

— Não, obrigado.

Nesse momento, entrou a dona Zulmira, a vizinha do terceiro direito. Vinha com dois sacos do supermercado. Andava sempre aprumada e imaculadamente penteada, sem um único fio de cabelo fora do sítio, graças ao poder da laca e da permanente. Aproveitando a ocasião, Ricardo esquivou-se pelo meio das duas feito ninja.

— Boa tarde, dona Zulmira! — atirou, enquanto avançava a passos largos para a porta. Não lhe deu tempo de fazer perguntas, como era seu hábito de cada vez que se cruzavam no prédio ou na rua; a dona Zulmira gostava muito de conversar e fazia questão de se manter informada sobre tudo e todos.

— Bom dia, senhor Ricardo — respondeu ela, com os olhos arregalados. Em seguida, franziu as sobrancelhas e voltou-se para Rute. — Ele vai tirar o pai da força?

— Sei lá, dona Zulmira. Ele hoje está estranho — murmurou Rute, cabisbaixa.

— Anda tudo louco neste prédio — resmungou Zulmira.

Ricardo atravessou a rua num passo ágil, não se atrevendo a olhar para trás. As pernas encaminharam-no para o Bella Donna. Quando entrou, tinha a respiração acelerada. A primeira coisa que fez foi olhar lá para fora, procurando certificar-se de que ninguém o seguira. Depois, sentou-se ao balcão e pediu um café, que foi bebendo enquanto esperava por uma mesa livre na esplanada. Ali dentro, havia apenas o balcão, mas o estabelecimento dispunha de um pequeno jardim com meia dúzia de mesas. Era uma esplanada acolhedora, que eles abriam nos dias em que a chuva se escondia no céu. As mesas e as cadeiras eram de vime castanho-claro, e as almofadas brancas criavam um ambiente sóbrio com uma nota de elegância. Num canto, dois sofás com uma mesa baixa convidavam grupos de amigos a passarem ali um bom bocado. Tendo poucos amigos, Ricardo nunca se sentara num daqueles sofás. Não lhe faltavam vida social nem companhia para as bebedeiras; quanto a amigos de verdade, contava-

os pelos dedos de uma mão. Na verdade, um dedo chegava para os contar. O único a quem podia realmente chamar seu amigo era João.

João era o diretor comercial da imobiliária — e filho do dono. Não era suposto trabalhar lá, mas, quando Domingos Nobre adoeceu com cancro, ele deixara a advocacia para liderar o negócio do progenitor. Não dando ouvidos ao pai, que lhe dissera repetidamente para não se preocupar, entregara-se de corpo e alma ao negócio sem pensar duas vezes. Durante o tratamento, Domingos Nobre não se afastou completamente da empresa que criara: passava na loja duas vezes por semana, pelo menos, para ver como corriam os negócios, ajudar o filho em alguma coisa de que ele precisasse e matar saudades de toda aquela logística.

Tudo correu bem. Ele recuperou, e o cancro não tornou a dar sinal. Contudo, depois do susto, Domingos decidiu entregar de vez o negócio ao filho e usar parte da poupança para viajar com Rita, a sua mulher. A doença trouxera aos três a consciência de que a vida é breve e não pode ser só trabalho. Já a cura ensinara-lhes a encontrarem um equilíbrio em tudo o que faziam. É bem verdade que a morte pode ser devastadora, mas, quando paira, ensina as pessoas a olharem a vida de outra maneira.

Foi nessa fase que João e Ricardo se conheceram e se tornaram bons amigos. Ricardo foi um grande apoio para João enquanto ele dava os primeiros passos no mercado imobiliário. Por seu lado, João fez tudo para ajudar o amigo a ultrapassar a separação de Carmen — uma tarefa que se revelou bastante difícil.

Tendo bebido ao balcão o primeiro café de muitos que tomaria durante o dia, Ricardo saiu rapidamente para a esplanada, para não deixar escapar a mesa que ficara livre. Antes disso, pediu a Renata que lhe levasse lá fora o segundo café.

Capítulo 3

Sentado na esplanada, segurando um cigarro aceso, tentou fazer círculos com o fumo, proeza de que nunca fora capaz. Entretanto, entregou-se a divagações. Na sua vida profissional, já estivera no auge. Fora um dos melhores vendedores a nível nacional, mas o fim da relação com Carmen prejudicara-lhe o desempenho. A partir do momento em que ela saiu da sua vida, entrou numa espiral e foi sempre a descer. Começou a faltar às reuniões, chegava atrasado às visitas que marcava com clientes e tinha desentendimentos com os colegas. Quanto à sua vida pessoal... a situação era desastrosa. Sendo verdade que, antes disso, a sua vida já não era muito certa, depois de Carmen partir, foi o caos.

Com a respiração quase normalizada, coçou suavemente a barba e refastelou-se na cadeira. Segundos depois, ouviu uma voz que lhe era familiar.

— Ouvi dizer que ias pagar um café.

Rodando a cabeça, Ricardo abriu um sorriso, depois levantou-se para abraçar o amigo e convidou-o a sentar-se. João assim fez.

— Claro que pago — disse Ricardo, dando-lhe duas palmadas no joelho. — Depois pagas tu o jantar.

João vestia um fato *slim fit* azul-marinho, de gola com abas entalhadas. A camisa era branca, e a gravata larga de seda condizia com o fato. Os sapatos de pele eram de corte liso com biqueira redonda. João gostava de andar bem-apresentado. Quando não estava a trabalhar, trocava o fato pelo estilo casual. Não era raro Ricardo chamar-lhe «beto de Cascais».

— Então?! Parabéns! — felicitou-o João, dando-lhe uma palmada nas costas.

— Obrigado, amigo.

— Como é fazer trinta anos?

— É como fazer vinte e nove, mas soma-lhe um — disse Ricardo, com ar de gozo. — Já pediste o café?

— Sim, pedi à Renata.

— Boa.

— Então e já pensaste no que vais fazer nas férias? — perguntou João, recostando-se na cadeira.

— Ainda não. Hoje não quero pensar em nada. Ainda tenho a cabeça a rebentar depois da festa de ontem. Por falar nisso, foste-te embora muito cedo.

— Tinha de ser. Eu trabalho, lembras-te? Alguém tem de o fazer — disse, sorrindo. — Quem me dera a mim ter a tua vidinha e estar de férias.

— Com licença, senhores — disse Renata, falando num tom seco. Pousou os cafés na mesa.

Ricardo olhou, intrigado, para João, franzindo a testa. Estava com vontade de rir, mas João fez-se de desentendido e não falou até ela se afastar.

Renata era extravagante. Usava cabelo curto, pintado de rosa-claro, normalmente vestia-se de preto e calçava sempre *Doc Martens*. Tinha um *piercing* na língua e algumas tatuagens à vista. A voz rouca e profunda era o toque final; fazia lembrar as locutoras de rádio. Talvez tivesse sido o seu estilo diferente a chamar a atenção de João. As relações dele eram sempre com meninas «bem-comportadas» e não propriamente com mulheres rebeldes e aventureiras.

— Não seas parvo. Para! — João estava claramente constrangido com a situação.

— Senhores?! — gozou Ricardo, revirando os olhos e voltando a

cabeça. — O que lhe fizeste tu para ela te tratar desta maneira? Estava furiosa...

Ricardo não continha as gargalhadas. Estava deliciado com a situação. João e Renata tinham tido um caso fugaz mas intenso, ao que parecia.

— Só vim porque pensei que pudesses estar aqui. No nosso último encontro, ela disse-me que queria assumir um relacionamento comigo. Estivemos juntos três vezes. Foi bom, mas...

— Então?! O que é que lhe disseste? — perguntou Ricardo, sorridente.

— Disse que não. O que eu senti por ela foi atração sexual. Nunca me passou pela cabeça termos um relacionamento sério, pelo menos por enquanto. É verdade que as coisas estavam a andar muito depressa, mas achei que ela sentisse o mesmo. Olha, enganei-me. Ela queria algo duradouro. Não sei. Não senti que ela fosse a tal... Não me consegui ver com ela daqui a trinta anos, compreendes?

— Como compreendo... Ninguém manda no coração — murmurou Ricardo, pensando em Carmen. Quem lhe dera não a amar, mas, por mais mulheres que conquistasse, ela teimava em não sair do seu coração.

— Ficou danada comigo. Berrou, esbracejou e ainda me chamou mentiroso e parasita. Não foi uma situação confortável. Fiquei a pensar que nalgum momento terei dado a entender que aquilo que tínhamos podia vir a ser mais do que sexo, e sinto-me culpado por isso. Mas agora é dar tempo ao tempo.

— Bem feito. É para aprenderes!

— Olha quem fala! O santo de Ermesinde, o destruidor de corações!

Ricardo assentiu, depois encolheu os ombros. A sua expressão mudara num ápice, tornando-se melancólica e sofrida. Fitou o horizonte. As palavras do amigo tinham-no feito voltar ao rodopio de sentimentos e escolhas que vinha fazendo na sua vida.

— Que cara é essa, rapaz? — perguntou João, reparando na mudança de energia.

— Tenho a vida feita num caco, João... — disse Ricardo, esfregando a cabeça. — Foi a conclusão a que cheguei hoje. Desde que acordei, não paro de pensar nas minhas escolhas e, inevitavelmente, na Carmen...

— Pois, tu nunca esqueceste a Carmen... apesar de negares esse sentimento constantemente. Falaste com ela depois daquele dia?

— Não. Quando fui buscar as minhas coisas, ela não estava lá. Tinha saído da cidade por uns dias e pediu-me que fosse buscar as coisas nessa altura. Aliás, tu foste comigo.

Ficaram silenciosos durante longos segundos. Ricardo contemplou o céu, depois tirou o maço de tabaco do bolso e acendeu mais um cigarro. João dava o último gole de café e, dando-se conta do desconforto do amigo ao mencionar Carmen, agarrou no telemóvel e fingiu-se distraído. Ricardo fitou o cigarro como se ele pudesse dar as respostas que o fariam não se sentir tão perdido. Por fim, encarou o amigo.

— Nunca pensei amar tanto alguém. Não percebi que sentia algo tão forte pela Carmen, e agora... — Ia estalando os dedos e não parava quieto na cadeira, balançando-se para trás e para diante. — Só agora começo a dar-me conta do que perdi. É sempre assim, só damos valor quando perdemos. — Suspirou. — Hoje tenho consciência de que talvez a relação não tenha sido tão espetacular como eu achava. Acho que criei uma mentira para mim mesmo. Talvez por ser mais fácil. Se queres saber, acho que não me perdoo.

João ouvia-o atentamente, sem nunca desviar o olhar. Ricardo estava bastante fragilizado. Começava a ganhar consciência dos seus atos. Sabia ser um ótimo amigo, mas fora um mau companheiro para Carmen. João pôs a mão no ombro dele e assentiu, encorajando-o a continuar.

— Tudo piora quando chego a casa e me vejo obrigado a enfrentar o silêncio em cada divisão. É como se as minhas sombras me assombrassem sem dó nem piedade. É assustador. Ela estava a curar-me aos poucos com aquilo que sentia por mim. E saber que perdi o amor da minha vida por

minha culpa, saber que não lhe dei o devido valor, que a fiz sofrer... — Respirou fundo, ganhando fôlego para continuar. — E a merda é que ainda tentei sair por cima! Fui mesmo estúpido! Um alarve, um estulto, um imbecil! Fui os adjetivos e os substantivos todos juntos. — Cerrou os punhos e pressionou o maxilar. — Agora, não há volta a dar. A Carmen já não me quer. Passou um ano e meio. — Suspirou, recomeçou a estalar os dedos e prosseguiu: — Talvez tenha outra pessoa. É mais do que justo. — Fazendo uma pausa, levou o olhar ao chão. — Confesso que tinha esperança de receber uma mensagem de parabéns da parte dela. Mas isso é apenas fruto da minha imaginação. Estou a alimentar sonhos impossíveis.

— Não era de esperar o contrário. Eu faria o mesmo, se estivesse no lugar dela — fez-lhe ver João.

— Pois. Se fosse eu, provavelmente também não enviava.

— No entanto, tendo em conta tudo o que me contaste e conhecendo a personalidade da Carmen, acho que ela é mulher para perdoar. Atenção, isso não significa que te vá querer de volta. Simplesmente, pedires perdão seria libertador para ambos. Mas, primeiro, tens de curar as dores do passado.

Ricardo admirou-se com aquelas palavras.

— Tens razão. És um bom amigo, e eu por vezes não valorizo isso como devia. Eu sei que me tenho desleixado na imobiliária. Tenho chegado tarde e faltado às reuniões.

— Também é verdade — concordou João, encolhendo os ombros. — Tenho-te dado tempo e espaço, mas acho que chegou a hora de te reergueres. Não tem sido fácil lidar com os problemas que andas a causar. Sendo outro, provavelmente já não estaria na imobiliária. Mas vou ser sincero contigo, Ricardo: não sei até quando consigo segurar as pontas. — Fez uma pequena pausa, e aconselhou: — Devias procurar ajuda para o teu problema.

— Qual problema? O coração partido?! Não há médico que cure isto!

— respondeu Ricardo em jeito de troça, levando a mão direita ao coração.

— Sabes bem do que estou a falar. — O olhar de João endureceu.

Ricardo baixou a cabeça. Coçou a nuca, depois a orelha. De novo, sentia-se desconfortável e não sabia o que dizer. João aproveitou a deixa.

— O álcool está a dar cabo de ti. Sabes bem todos os problemas que trouxe para a tua vida. Não quero que vejas isto como uma crítica, mas sim como preocupação. Se assim desejares, estarei aqui para te ajudar no que for preciso.

Ricardo desviou o olhar. De tanto pinchar, a sua perna direita parecia o amortecedor de um carro numa estrada esburacada. Mais uma vez, estalou os dedos um por um enquanto assimilava o que acabara de ouvir. O desconforto era notório, e, apesar de não conseguir proferir uma única palavra, começava a ficar cada vez mais disposto a enfrentar a dura realidade. Com um gesto lento, tirou mais um cigarro, acendeu-o, depois recostou-se na cadeira. Puxando uma grande baforada, ganhou coragem para ouvir o resto do que o amigo tinha para lhe dizer.

— Tu sabes que eu quero o teu bem. Se te digo estas coisas, é por esse motivo. Não sei que mais posso fazer para te ajudar a saíres desse vício. O álcool está a dar cabo de ti, e dói-me muito ver-te afundares-te assim.

Ricardo fumou mais depressa do que o habitual, em tragos rápidos. Deu a última passa, depois apagou a beata no cinzeiro. Atordoado por ter fumado o cigarro depressa de mais, acomodou-se na cadeira e rodou-a, ficando de frente para João.

— Tens razão. Eu sei — murmurou. Dias antes, acreditara que conseguia controlar o impulso de beber, mas, uma vez mais, tornara a pôr-se naquele estado de alcoolemia e destruição. Na noite anterior, voltara a descontrolar-se, embora não tivesse acordado com uma desconhecida ao seu lado, como já acontecera tantas vezes. Ricardo enganava-se a si próprio e tinha consciência disso, mas o vício era mais forte. Havia vários anos que só conseguia adormecer depois de ingerir uma grande quantidade de

álcool. Naquele dia, reconheceu que tinha de proferir as palavras que tanto temia.

— Preciso de ajuda — murmurou, baixando o olhar, envergonhado pelo pedido, mas também por só agora perceber que tinha realmente um problema.

— Não tens de ter vergonha, amigo. Admitires que precisas de ajuda é um grande passo para a cura — incentivou-o João. — É um ato de coragem. E repito: estou aqui para te ajudar no que for e naquilo que achares que é preciso.

— Obrigado... — agradeceu Ricardo, fragilizado.

— Procura um médico, vai aos AA, informa-te sobre medicina alternativa, qualquer coisa. O importante é fazeres algo. É a tua vida, carago! Fá-la valer a pena. Um dia de cada vez. Vais ver que consegues.

Estando os dois sentados, Ricardo procurou o abraço do amigo. Foi um abraço demorado, com algumas lágrimas à mistura. Naquele momento, Ricardo sentia dor. Acabava de assumir que tinha um problema e que o caminho não seria fácil. Por outro lado, não era impossível. Surpreendentemente... estava aliviado. Por mais estranho que lhe parecesse, sentia-se mais leve depois daquela conversa com João. Dizer tudo o que lhe ia na alma libertara-o de um peso que carregava. Assumir o problema é sempre o primeiro passo para a cura, e ele sabia que o dera. Era um passo pequeno mas enorme.

Acendeu mais um cigarro, depois fez sinal a Renata para lhe trazer o terceiro café.

— E se eu não for capaz? — murmurou, cabisbaixo.

João fitou-o, tentando entender o sentido daquela interrogação.

— Como assim? Se não fores capaz de quê?

— De largar este vício maldito. E se eu falhar e continuar mergulhado nele?

— Não penses no fim, mas sim no caminho. Não penses em quem vais

ser, mas sim em quem és hoje. Hoje, sabes quem és e sabes os passos que tens a dar. É uma tarefa árdua, claro, e tens consciência disso. De vez em quando, vais sentir-te tentado a desistir e regressar ao fundo do poço, e será nesses momentos que a tua força de vontade terá de se sobrepor à energia que te quer empurrar para baixo. Eu sei que és capaz. E, se alguma vez fraquejares, não sejas demasiado duro contigo. Falhar faz parte do processo de crescimento. Desfruta do caminho, é o que te digo.

Ricardo assentiu. Guardaria aquelas palavras para o dia em que iria certamente precisar delas. Embora fosse o mais novo dos dois, João mostrava grande maturidade. Era um ser humano incrível e dedicado quando tocava a ajudar os outros. Ricardo sabia que aquele lado adulto do amigo era consequência da doença do pai, que o fizera perceber que a vida é um estado de impermanência. João aprendera a viver a vida mais devagar, desfrutando do caminho. *Vive um dia de cada vez. Isso não significa que não devas projetar o futuro ou ter sonhos. Idealiza, projeta, depois volta para o tempo presente, o aqui e agora.*

Ricardo tinha o cotovelo apoiado na coxa, e o punho fechado sustinha o queixo. Ia mordiscando o lábio, e o seu olhar era apagado, mas nele começava a nascer uma luzinha. O silêncio perdurou alguns segundos, até que ele olhou na direção do balcão, procurando Renata para lhe pedir mais um café.

— Queres outro café? — perguntou a João.

— Não, obrigado. Estou bem — respondeu o amigo, olhando para ele. Ricardo ia acender o enésimo cigarro. — Olha que essa merda também mata. Têm sido uns atrás dos outros desde que estou aqui.

Ricardo aquiesceu, depois encolheu os ombros e fez um ar culpado, como se dizendo «eu sei, mas nada a fazer». Então, para surpresa de ambos, recomeçou a falar de Carmen.

— Estivemos juntos nove anos. Foi quase uma década em que eu não valorizei o amor, a Carmen e tudo o que ela fez por mim. Fui vivendo no

comodismo e no esquecimento de quem tinha ao meu lado. Traí-a, disse-lhe coisas horríveis, fui tudo menos um bom namorado. A Carmen fez os impossíveis para que a relação fosse eterna, amava-me como nunca ninguém me tinha amado. Era carinhosa e sempre atenta comigo. Era a mulher mais doce que eu alguma vez conheci. Com tantos planos que fizemos, nesta altura provavelmente seríamos pais. Não imaginas o entusiasmo apaixonado dela quando falava em filhos, mas eu não estava para aí virado e, como não a queria desiludir, ia dizendo sempre que sim. Hoje, se pudesse, já iríamos no terceiro filho. Só te digo: se o arrependimento matasse, já teria morrido umas dez mil vezes.

Fez uma pausa, para ganhar fôlego.

— Depois dos primeiros dois meses, eu parecia um pássaro louco que tivesse estado aprisionado durante anos e agora ganhava a liberdade. Dizia vezes sem conta que a separação era a melhor coisa que me tinha acontecido. Mas rapidamente percebi que isso não passava de uma ilusão. Quando o arrependimento começou a vir ao de cima, quando tomei consciência das asneiras que tinha feito, não só com a Carmen mas também comigo próprio, foi doloroso.

Ricardo não era de chorar, mas, naquele momento, uma lágrima correu-lhe pela cara. Vendo-o naquela tristeza, João afagou-lhe o pescoço, e permaneceram os dois em silêncio durante alguns segundos. Ricardo limpou os olhos marejados.

— E foi assim que eu perdi a Carmen. Não soube guardar-me só para ela, dava bola a quem abrisse uma brecha e, feito galo, lá ia, embeijado, sem nunca me lembrar de quem me amava realmente. Isto já para não falar nos copos; aí, fui um diabo com ela, disse e fiz-lhe coisas muito feias, inimagináveis. Pensando bem, juntando tudo isto, nem sei como é que ela aguentou nove anos...

— Agora é levantar a cabeça e perdoar o passado. Daqui para a frente, terás de fazer diferente.

Ricardo encarou o amigo. O seu semblante dizia tudo. Sentia-se derrotado.

— Não fiques assim. Sei que é difícil, mas estás a dar o passo mais importante, que é reconheceres...

Ricardo baixou a cabeça e refletiu durante um momento. Depois, continuou.

— É verdade que dormi com algumas mulheres nos últimos tempos. Foram meses loucos, em que procurei preencher o vazio com sexo. Via corpos apetecíveis e acreditava que iam saciar essa falta. O problema era que, em seguida, deixavam de ser apetecíveis, tornavam-se apenas corpos. Procurei aquilo que sentia quando fazia amor com a Carmen, que era uma mistura de amor, sexo, um encontro de duas almas, algo que nos transcendia. Quando fazíamos amor, eu não era só mais um homem, era alguém especial nos braços dela, sem medo de me mostrar como sou, de coração aberto. Na cama com outras, nunca fui quem sou de verdade. Foi dessa diferença que me dei conta. Fazer amor com a Carmen era libertador, era como uma dança entre as estrelas. Com as outras, sentia uma solidão enorme dentro do peito depois de as usar para saciar o meu lado mais irracional.

João surpreendeu-se com o desabafo do amigo. Durante alguns segundos, não soube o que dizer.

— Talvez andasses a fazer isso para teres «material» com que te gabar. A sociedade ainda vê o homem como um garanhão, e acha que é muito homem aquele que dorme com muitas mulheres. Mas isso não é verdade. Um homem não é menos másculo por se entregar a uma única mulher. Nós, os homens, temos uma grande dificuldade em partilhar as fragilidades, por medo de nos verem como fracos.

Desta vez, foi Ricardo que ficou sem saber o que dizer. De olhos arregalados e sem pestanejar, fitava João, surpreendido com o que ouvira.

— Agora é que a minha cabeça vai arrebentar. Desde quando é que tu

falas assim, ou és assim? — perguntou-lhe, de braços abertos, ombros subidos e pescoço encolhido.

João sorria.

— Olha que eu não sou perfeito... Tens o caso da Renata. Estamos todos em evolução, e gostava muito de também encontrar alguém que me fizesse sentir tudo isso que sentiste com a Carmen. Não é todos os dias que encontramos a nossa alma gémea.

— Pois... mas agora é tarde.

— Nunca é tarde para recomeçar, amigo. Tudo acontece como deve acontecer, e acontece sempre por uma razão.

— Queres dizer que não há coincidências? — Ricardo estava cada vez mais curioso com a sabedoria que só agora vislumbrava no amigo.

— Não, não há. Tudo tem um propósito. Repara, o que aconteceu com a Renata não foi um erro, foi algo que tinha de acontecer para eu perceber que ainda tenho de caminhar mais do que pensava. Às vezes, o ego faz-nos acreditar que sabemos tudo. Ter conhecimento não faz de mim melhor do que ninguém, mas sim mais responsável.

— Estou a compreender.

— Tu, por tudo o que passaste, só podes evoluir e tornar-te melhor. Seres a tua melhor versão. Agora, tens de te focar em ti para conseguires ultrapassar o desafio que tens à frente. Tens de mergulhar no teu íntimo e procurar o amor-próprio, pois perdeste-o em algum lado. Tens de te fortalecer com o teu amor, para nunca mais precisares de andar a saltar de cama em cama para te validares como homem. Aposto que te fazia bem começares a fazer ioga — rematou João.

— Quem sabe... Começo a estar disposto a tudo — disse-lhe Ricardo, concordando.

— Bem, tenho de ir. Tenho uma reunião daqui a pouco. Se quiseres, podemos conversar mais logo.

— Sim, vou querer saber mais. — Ricardo sorria. — Tu estás um

mestre! — Levantaram-se os dois para irem embora.

Ricardo meteu a mão ao bolso, procurando moedas para pagar os cafés, e deixou-as em cima da mesa. Caminharam lado a lado para a saída do Bella Donna. João pôs o braço aos ombros do amigo, e assim continuaram até ao passeio. Antes de seguir cada um o seu caminho, repetiram o abraço, desta vez mais curto, interrompido por Ricardo, que despenteou o seu compincha sempre muito bem-apresentado. João recuou dois passos para fugir da investida do amigo. Ricardo ria-se, mas João estava danado com a brincadeira, pois não gostava nada de andar com o cabelo de qualquer maneira. Afrito, tentou pentear-se com a mão, olhando-se no ecrã do telemóvel, com a câmara ligada, no modo *selfie*.

— É assim que pagas o que fiz por ti?! — arreliou-se João, mas passou-lhe rapidamente, e sorriram os dois.

— Desculpa lá, ó mestre do budismo — brincou Ricardo, juntando as mãos no peito como se rezasse.

— Não sejas tolo. Eu percebo que a tua essência é seres brincalhão e não lebares a vida muito a sério, mas, desta vez, por ti, compromete-te a seres melhor do que ontem. Não devemos ser nem demasiado sérios nem demasiado duros, mas tens de crescer um pouco. Tens de ser responsável.

— Estou disposto a isso. Não quero repetir os erros do passado, e sobretudo não quero voltar ao buraco onde cáí.

Já composto, João seguiu para a imobiliária, e Ricardo foi em direção ao centro de Ermesinde. Revelara um pouco do seu coração ao amigo e sentia-se mais leve. Um peso que antes o fazia definhar acabara por desaparecer com aquela conversa. Tentara esconder o problema do álcool durante largos anos, mas sem sucesso, pois as pessoas mais próximas dele sabiam bem do seu vício. Só ele não reconhecia que o tinha, enquanto aqueles que o rodeavam e se preocupavam com ele tentavam, sem sucesso, alertá-lo para o buraco onde acabaria por se meter.

De repente, naquele dia, tudo mudara. Começava a dar os primeiros

passos, já que nunca é tarde para recomeçar. A sua mente estava coberta de nevoeiro, os seus pensamentos estavam numa confusão, eram um emaranhado de pontas soltas, e cada uma delas tinha bastantes nós por desatar. As palavras de João pairavam no seu espírito. Não reconhecera o amigo naquela versão budista, como lhe chamara, e isso só lhe mostrava o quanto andava afastado de tudo e de todos, fechado numa existência leviana e boémia e ausente da vida das pessoas mais importantes para si.

Até ali, vivera uma vida egoísta, concentrado no seu umbigo, justificando-se com a desculpa de que assim era livre para ser quem quisesse e escolher o caminho que lhe desse mais jeito. Usara as pessoas, manipulara-as, fazendo delas o que queria, e agora começava a ganhar consciência de que isso o levara a lugar nenhum. Amava Carmen como nunca amara mulher alguma. Porém, o seu coração selvagem, pequeno e sofrido das dores de um passado que só Carmen percorrera, também era um coração grande de mais, pois nele cabiam muitas conquistas, embora não passassem do *hall* de entrada do seu edifício enquanto homem. Ricardo sentia-se com coragem para enfrentar o Adamastor, mas teria resistência para a dura batalha que se apresentava diante de si? Essa era a grande dúvida que o assaltava. Temia falhar e sabia que a dor seria grande. Mas, agora que tinha consciência dos seus atos, também sabia que o autoperdão seria fundamental para ganhar a batalha.

*

Minutos depois, Ricardo chegou ao centro de Ermesinde. Estava na praça em frente da estação de comboios. A conversa que havia tido com o amigo ainda ecoava na sua cabeça.

Durante o dia, aquele largo era colorido por centenas de pessoas numa correria desenfreada de casa para o trabalho e do trabalho para casa, um ir e voltar constante. De tão programados na sua rota, muitos nem olhavam à

sua volta. Aquela afluência de pessoas devia-se, em grande parte, à estação ferroviária inaugurada em 1875, que transformara a cidade num ponto de passagem de milhares de passageiros e mercadorias. Aliás, Ermesinde fora escolhida por muitos ferroviários para fazerem dela o seu lar, e foi erguida uma estátua em homenagem a eles, que se encontra numa extremidade da praça. Aquele lugar era um ponto de partida e de chegada, ligando a cidade a muitos destinos.

De mãos nos bolsos, Ricardo caminhou com passos lentos, deixando o seu olhar perder-se nos pormenores daquele espaço, como se fosse o seu primeiro dia em Ermesinde. Encaminhou-se para um dos bancos, no qual se acomodou e ficou durante algum tempo. De pernas cruzadas, fitando o monumento gigante que era a estação ferroviária, puxou de mais um cigarro. Observou as pessoas que saíam da estação ou entravam, e lembrou-se de que também Carmen apanhava o comboio para ir trabalhar e para regressar a casa. Pensou em como seria bom revê-la naquele momento. Receber um abraço dela seria o ponto alto dos últimos meses. Imaginou que ela saía pela porta principal da estação, pronta para o salvar das sombras que o abraçavam. Mas, olhando para o telemóvel, viu as horas e percebeu que tal sonho era impossível, pois havia muito que Carmen viera do emprego.

No largo, alguns reformados faziam daquele espaço a sua casa. Passavam horas sentados nos bancos e, como verdadeiros velhos do Restelo, davam as suas opiniões, na maioria das vezes críticas, sobre tudo o que acontecia na cidade e no mundo. Se havia obras por perto, então, era vê-los a gesticular e reclamar da maneira como a construção estava a ser feita. Eram autênticos engenheiros de bancada.

Outros costumavam juntar-se à volta de uma mesa de jogo localizada num pequeno jardim do outro lado da rua. Nesses momentos, aquele jardim tornava-se um casino onde se jogavam partidas de sueca e de canasta. E valia tudo, incluindo murros na mesa e palavrões.

Mais abaixo, meio escondido junto à estrada, havia «o tasco», como lhe chamavam, onde a bebida era servida à discrição. Não faltava quem ansiasse pelo final do dia para sair do trabalho e ir até lá beber um copo e descontraír. Quanto aos que vagueavam pela praça, era vê-los entrarem e tornarem a sair com um fino na mão. Havia dias em que alguns deles passavam dos limites, e, quando o álcool corria abundantemente nas veias, começava o filme: pontapés falhados e murros frustrados; uns ficavam estendidos no chão, dormindo um sono profundo; outros, levavam-nos as paredes até casa. Era raro o dia da semana em que não viesse uma ambulância buscar uma dessas pessoas embebidas. No dia seguinte, aos poucos, começavam a regressar, sempre na paz do Senhor, sem se lembrarem de nada. Pura amnésia.

Ricardo levantou-se do banco e dirigiu-se à confeitaria Doce Sabor, que ficava na praça. Aquele estabelecimento era um lugar encantador, onde os aromas doces e aconchegantes envolviam quem entrava. O interior equilibrava perfeitamente o clássico e o moderno. Paredes de tijolos expostos contrastavam com móveis de madeira clara e elegantes luminárias. Grandes janelas deixavam a luz natural entrar, criando uma atmosfera acolhedora. Como sempre fazia quando ali entrava, Ricardo foi dar uma vista de olhos à montra dos doces.

Um balcão de vidro exibia uma variedade de bolos, tortas, *macarons* e *cupcakes* artisticamente decorados. Os tons pastel das sobremesas eram um deleite para os olhos, mas raramente ele escolhia outro bolo além das natas. Assim foi mais uma vez. Pediu um café e uma nata, e foi escolher uma mesa na esplanada. A confeitaria tinha duas esplanadas, uma delas virada para a estação, e, apesar de estar sempre cheia, o ambiente era tranquilo, como se houvesse uma proteção invisível contra os amantes da pinga, que se mantinham afastados. Aquela esplanada era uma espécie de jardim encantado. Canteiros de coloridas flores cercavam as mesas e trepadeiras cobriam o teto, proporcionando uma sombra suave nos dias

ensolarados. Rodeando as mesas de ferro forjado, cadeiras de vime com almofadas fofas convidavam os clientes mais gulosos a apreciarem o ar livre.

Aquela esplanada era um dos sítios onde ele mais gostava de estar, não só pelos doces mas, sobretudo, porque dali via muitas vezes Carmen a atravessar a rua a caminho da estação, onde apanhava o comboio das nove, que a levava ao trabalho. Nos dias em que ia ali propositadamente para a ver, ficava de coração apertado quando isso acontecia, trazendo à tona a dor de a ter perdido.

Então, enquanto saboreava a sua nata, pareceu-lhe ver Carmen a sair da estação. *Impossível*. Era demasiado tarde para isso. No entanto, ali estava ela, com aquele seu caminhar que ele sempre adorara, segura de si, a anca balançando ao ritmo dos seus passos, numa dança sensual que atraía olhares por onde ela passasse. Longo e liso, com cachos nas pontas, o seu cabelo dourado respirava luz em cada fio, condizendo com um sorriso vindo da alma, rasgado e radioso, que abraçava Ricardo em cada olhar. Profundo, intenso e marcante, aquele olhar cor de outono transmitia felicidade pura.

Carmen estava com um vestido floral de alças finas, sem costas e com a saia dois dedos acima do joelho. Leve e lilás, mostrava toda a sensualidade que ela trazia em si. O coração de Ricardo acelerou, e cada batimento era como um sino que badalava na sua cabeça. Atarantado, pousou a nata no prato e deslocou-se ligeiramente para a esquerda, para se esconder atrás do grupo que ocupava a mesa da frente. Pelas brechas entre os corpos dos outros clientes, tentou perceber se aquela Carmen era mesmo real ou apenas mais um delírio, já que passara a manhã inteira com a sensação de a ter ao seu lado. Duvidava daquilo que via.

Ela atravessou a rua e veio na direção dele. Ricardo coçou os braços, depois as pernas, o pescoço e o peito. O ar sufocou-o, e o corpo gelou; sentiu-se apavorado. A comichão repentina passou quando tornou a

espreitar por entre as pessoas e não a encontrou. Suspirou de alívio, mas, ao mesmo tempo, estava frustrado e confuso. *Estarei a ficar louco?*, pensou, esfregando a nuca e revirando os olhos. Acendeu mais um cigarro. Já lhes perdera a conta. Teria sido uma excelente oportunidade para a rever e, quem sabe, meter conversa. Talvez lhe tivesse dito que sentia imensa falta dela. Mas o medo fora tão grande... Na verdade, ele não teria sabido como reagir ou mesmo o que dizer, caso o reencontro tivesse acontecido. Espreitou mais uma vez, agora pela direita, e o resultado foi o mesmo. Não a avistou em lado nenhum.

Capítulo 4

Não era uma alucinação. Carmen atravessou a rua e serpenteou pelo meio da multidão até chegar à confeitaria, onde comprou dois pães de girassol. Parou junto da porta para guardar o troco, e então, quando ia sair dali, o seu olhar encontrou Ricardo na esplanada. Carmen parou de respirar. Estática, sentiu calafrios. Naquele momento, se pudesse, ter-se-ia teletransportado dali para fora.

Ricardo sempre achara que ela não se apercebia da presença dele... Mas não era verdade. De todas as vezes, ela via-o de longe. Do seu lado da rua, escondido entre as pessoas, Ricardo via-a passar. Nas primeiras vezes que o vira, Carmen receara que ele estivesse alcoolizado e fosse fazer alguma asneira, mas, com o passar do tempo, fora-se acostumando à sua presença escondida. Inicialmente, nos dias em que ele não estava, ela enchia-se de preocupação. De uma vez que ele não aparecera durante duas semanas, ficara aflita. Quando dera por si, estava a cuscar as redes sociais dele, coisa que nunca tinha feito, nem mesmo quando namoravam. Procurava provas de que ele estava bem, de que apenas seguia o seu caminho. Entretanto, não o vira durante quase um ano... mas nunca o procurara. Depois de tudo por que tinha passado, não daria esse passo. Sim, ela já o havia perdoado, independentemente de ele nunca lhe ter pedido perdão. Depois, tinha o seu ego, que lhe dizia que, se ela fosse atrás dele, tudo se repetiria. E, no entanto, ali estava ele.

Carmen voltou-se e, num passo apressado, atravessou a sala da confeitaria e foi trancar-se na casa de banho. Sem levantar a tampa da

sanita, sentou-se, inclinada para diante, escondendo a cara nas mãos e tentando recompor-se do impacto de ter visto Ricardo. Sentia um rebuliço de emoções dentro do peito. Tornar a vê-lo após um ano deixara-a de coração apertado e com o peito pesado. Nos poucos segundos em que fixara o olhar nele, notara que Ricardo estava com um ar fatigado e um pouco desleixado. Quis ir ter com ele e abraçá-lo, como tantas vezes fizera quando ele se deixava ir abaixo. Ao mesmo tempo, uma voz dizia-lhe para não o fazer, porque apenas se iria magoar novamente. Carmen não tinha medo do que ele lhe poderia fazer. Ela tinha medo de descobrir que ainda o amava.

Fechou os olhos e juntou as mãos na posição *Gassho*, orando e pedindo orientação à força divina em que tanto acreditava.

— O que é que eu faço? — murmurou, fitando a parede branca da casa de banho, até que se encheu de coragem. Levantou-se e assumiu a sua vontade. — Vou! Vou ter com ele. Pelo menos, dou-lhe os parabéns.

Tão rápido se levantara como depressa se sentou. A dúvida tinha-se instalado. O seu corpo estava tenso, contraído pela perturbação daquele momento. A conversa consigo própria continuava. Eram duas vozes, que não paravam de tagarelar. Uma vinha do coração, e a outra era o seu lado racional. Quanto mais ouvia cada uma, mais confusa ficava. Por vezes, parecia-lhe que a voz do coração fazia sentido, mas, logo a seguir, a voz da razão contrapunha os seus argumentos e ganhava vantagem. No meio daquele caos emocional, deu a mão à palmatória: talvez ainda existisse nela uma fagulha de amor por Ricardo. Talvez a chama ainda não se tivesse apagado completamente. Talvez a fogueira daquele amor se tivesse reavivado naquele encontro fugidio, mais do que ela desejava ou devia deixar que acontecesse, pois sabia que havia o perigo de perder o controlo sobre os seus sentimentos, e a certeza do caminho que decidira trilhar ficaria posta em causa.

Voltou a respirar fundo, tentou esvaziar a mente e trouxe até si o

relaxamento físico e emocional. O vendaval de emoções e pensamentos havia acalmado um pouco, e, nessa clareza, ela decidiu que iria ter com Ricardo e lhe daria os parabéns. *Nada mais do que isso.*

Não vou alimentar nenhum sentimento ou esperança, em mim ou nele, repetiu mentalmente vezes sem conta. Olhou para o colar que trazia ao pescoço. Segurou com cuidado o pingente, pondo-o na palma da mão e ficando a admirá-lo. Aquele colar com um pendente em meia-lua não tinha propriamente valor monetário, mas possuía um enorme valor sentimental, fazendo-a recuar ao dia em que o recebera. Desde então, nunca mais o tirara.

Finalmente, tomou consciência da verdade. Todas as suas certezas ruíram, sem que ela o pudesse impedir. Amava-o como nunca amara alguém.

A nova Carmen era feliz na sua independência, mas parte de si desejava secretamente o poeta por quem se apaixonara. Nesse momento, saiu da casa de banho, determinada a ir ter com Ricardo. Atravessou a sala da confeitaria num passo assertivo, confiante de que tudo iria correr bem. *O que é que pode correr mal?*, pensou.

*

Carmen passou a porta da confeitaria e parou durante alguns segundos, depois avançou três passos e parou, voltada para a esplanada onde avistara Ricardo. Procurou-o olhando em todas as direções, vendo cada pessoa que estava na esplanada, mas não o encontrou. Perscrutou os rostos mais uma vez, alargando a busca à esplanada mais pequena atrás de si. Sem virar o corpo, olhou por cima do ombro direito, depois repetiu o movimento com o ombro esquerdo.

Foi-se embora, pensou, não contendo um suspiro de desilusão. *É porque não era para ser.* Descaíram-lhe os ombros, e fitou o chão. *O que me estás a*

querer dizer com isto, Universo? Qual é a mensagem? Sempre confiara na vida, acreditava que tudo acontecia por uma razão, mas agora sentia-se confusa. Primeiro, vira Ricardo e ficara sem saber o que fazer. Depois, quando decidira ir falar-lhe, ele havia desaparecido. Ficou ali parada. Por fim, levantou a cabeça e encolheu os ombros, como se dizendo a si mesma que nada mais podia fazer senão esperar por respostas do Universo. Sorriu timidamente perante a situação por que acabava de passar e pôs-se a caminho de casa.

— A vida é uma caixinha de surpresas — disse baixinho.

*

Carmen convidara Miguel para ir jantar a sua casa. Desde que se separara de Ricardo, nunca mais tivera uma relação. Quisera fazer o luto com calma e não tinha intenções de se entregar a um novo amor apenas para esquecer outro mais antigo. Nunca começara uma nova relação para esquecer a anterior, e não era agora que o faria.

Já para não falar de que a separação de Ricardo tinha sido dura, deixando um rasto de dor e saudade... Tivera de lutar contra a sua vontade para não ceder ao desejo nostálgico e voltar para os braços dele. Era verdade que nunca mais existira contacto entre os dois, mas ela sabia que, voltando para ele, o risco de sofrer novamente era muito grande.

Ricardo tinha uma jornada a fazer sozinho. Teria de ser um lobo solitário e curar as suas feridas e dores, que tanto o atormentavam, impedindo-o de se entregar plenamente. Só depois poderia corresponder ao grande amor dela.

Carmen sempre acreditara que constituiriam família, que ele seria o pai dos seus filhos, que teriam uma casa com jardim e animais de estimação e seriam felizes. Desde menina que sonhava com isso. Quando ela tinha três anos, a mãe perdera a batalha contra o cancro. Tinha poucas recordações

dela, mas havia uma de que jamais se esqueceria: a última vez que a vira. Era outono, e estava à janela do seu quarto. O jardim em frente da sua casa cobrira-se com um manto de folhas de tons amarelados e acastanhados. No céu passavam algumas nuvens cinzentas, empurradas pela brisa que vinha da costa, trazendo consigo o cheiro do mar. No horizonte avistava-se uma mancha que parecia desenhada a carvão, deixando adivinhar a tempestade que estava para breve. Carmen viu a mãe a entrar numa ambulância e, na sua inocência, acreditou que ela voltaria. Rezava a Deus todas as noites, pedindo-Lhe que a curasse. Planeou o que faria quando ela regressasse: ia abraçá-la e embalá-la com a mesma canção que a mãe lhe cantava para ela adormecer. Mas a mãe acabou por não voltar.

Talvez essa perda em tão tenra idade fosse a explicação para Carmen ter romantizado a relação com Ricardo, falhando em ver a dura realidade e as falsas promessas que ele lhe fazia. Era verdade que, nos primeiros tempos, o namoro corria lindamente — até Ricardo ter começado a trocá-la por noitadas com os amigos, regressando constantemente alcoolizado. Carmen demorara algum tempo a dar-se conta do problema. Ela era frágil, o que talvez adviesse da ausência da mãe. A mãe é a primeira figura de afeto, cuidado e proteção na vida de uma criança, e a falta dela no crescimento de Carmen influenciara o seu desenvolvimento emocional. Crescera sem o amor, o carinho e a proteção de uma mãe, que teria sido um porto de abrigo. Isso trouxera desequilíbrio emocional à relação com Ricardo, que, sendo a mais duradoura que Carmen tivera, acabara por ficar marcada pela insegurança e pela dependência. Começara com flores e canções, mas o medo de o perder acabara entranhado entre eles.

Chegara à sua rua, que ficava no coração da cidade. Morava em frente do Parque Urbano de Ermesinde. Não lhe apetecendo ir logo para casa, sentou-se num banco. Depois da separação, achara que não fazia sentido continuar no apartamento onde sonhara iniciar uma vida com Ricardo. Aquele lugar guardava imensas recordações dos dois, boas e menos boas, e

isso não a ajudava a esquecê-lo. Então, numa noite em que fora fazer uma caminhada com Raquel para espairecer, viu o letreiro na janela daquela casa. «arrenda-se», dizia. No mesmo instante, soube que iria morar ali.

Entrava-se por um portão lateral e atravessava-se um jardim com flores de mil cores e relva de folha larga. O pátio das traseiras fora equipado com uma churrasqueira de tijolo com um lava-louça incorporado, e havia uma mesa de cimento, com dois bancos corridos também do mesmo material. A casa tinha dois quartos, uma casa de banho, sala, cozinha, despensa e um espaço de arrumos entre a cozinha e o pátio. Era igual àquela que Carmen via em sonhos. Guardara o contacto e, no dia seguinte, ligara logo de manhã cedo e marcara uma visita. E ali estava até agora.

Aquela casa simbolizava a independência de Carmen, que traçara um caminho que não contemplava um regresso ao passado... até àquele dia. Depois de ter visto Ricardo na esplanada, as suas certezas tinham-se evaporado. O seu coração estremecera, e os sentimentos nele guardados tinham vindo à tona. Mas, por agora, não podia pensar nisso.

Nessa noite, ia jantar com Miguel, um amigo que conhecera numa festa havia três meses. Fora Raquel a apresentá-los, convencida de que ia dar certo. Achava que Miguel era o homem ideal para Carmen, e, talvez o mais importante, ele era totalmente diferente de Ricardo. Diretor de uma sucursal de um banco, estava no pico da carreira. Bem constituído e sempre bem-vestido, gostara de Carmen desde o primeiro momento. No começo, ela mostrara alguma resistência aos seus avanços, mas, aos poucos, ele conseguira ganhar a sua confiança. Ainda assim, Carmen sentia que o seu coração ainda pertencia a Ricardo, e não queria dar falsas esperanças a Miguel nem a si mesma.

Ele não desistira, e, após dois meses, ela decidira dar uma oportunidade ao amor. Chegara à conclusão de que tinha de abrir as portas do seu coração e permitir-se aquela oportunidade. Queria encontrar alguém que ficasse ao seu lado pela vida fora. Aceitou um convite para tomar café.

Seguiram-se outros, para almoçar e para dar passeios à beira-mar, e, por fim, houvera o primeiro convite para jantar — num restaurante em Gaia, com vista para o Douro. Apesar de todos os avanços, ela definiu uma linha entre eles e não deixava a relação avançar para o nível seguinte. Continuavam a ser apenas amigos, e isso demonstrava a calma de Miguel, que nunca forçava nada ou mostrava impaciência. Desfrutando de cada segundo com Carmen, ele aguardava o dia em que ela estaria pronta para dar o passo seguinte.

Miguel estava apaixonado e ainda não a conseguira decifrar. Não percebia se Carmen estava interessada nele ou se aquilo era apenas carência. Então, na véspera, ela surpreendera-o com um convite para jantarem em sua casa. Finalmente, sentia-se pronta para pôr um ponto final na história anterior, esquecer o seu amor perdido e seguir em frente. Quando soube da novidade, Raquel ficou tão entusiasmada que até parecia que era ela a convidada. Não gostava de Ricardo, e a última coisa que desejava para a amiga era vê-la voltar para os braços dele.

Na verdade, fora por causa da insistência de Raquel que Carmen decidira abrir uma brecha no seu coração e convidara Miguel para jantar em sua casa. Com ele, sentia-se segura, ouvida e sobretudo valorizada, mas também sentia que faltava algo que a atraísse sem ter de pensar duas vezes. Faltava a pele a arrepiar, as borboletas no estômago e a excitação que ela sentira quando Ricardo lhe tocava. Mesmo assim, baixara a guarda, pensando que talvez fosse culpa sua ainda não ter sentido o «clique». Talvez estivesse fechada de mais. Quando estava com as amigas e falavam de relacionamentos, ela não se imaginava com ninguém num curto espaço de tempo. Levava uma vida tranquila, sem emoções fortes, era certo, mas, sempre que se falava em namorados, ela fechava o coração a sete chaves. Apesar disso, decidira arriscar. Resolvera que, nessa noite, daria uma oportunidade a Miguel.

Mas, agora, vira Ricardo na esplanada.

Andavam gaivotas e patos no lago. No meio da água, havia uma estátua cujo significado os habitantes da cidade nunca tinham decifrado: de braços estendidos, uma figura masculina curvada para trás olhava o céu; nas mãos, segurava um tubo que lhe passava pelas costas e serpenteava pelas pernas. Talvez aquele tubo simbolizasse a linha da vida. Carmen olhou os pombos que esvoaçavam em torno da estátua e a usavam como poleiro. Não era mulher de se entregar a lamentos e sentimentos negativos. Viera sentar-se no parque para serenar o pensamento, escutando e observando a vida a acontecer. Fitou o saco do pão pousado ao seu lado no banco. Mordiscando o lábio, abriu a carteira e procurou um elástico para prender o cabelo, arranjado horas antes no cabeleireiro. Fez um rabo de cavalo, depois prendeu uma madeixa solta atrás da orelha. Admirou o esplendor das aves a voarem.

Essa noite ficou marcada por duas decisões. A primeira foi cancelar o jantar com Miguel. Agarrou no telemóvel e enviou-lhe uma mensagem. Não se alongou muito — escreveu que não se sentia bem e que o jantar teria de ficar para outro dia, e terminou pedindo desculpa. Não estava habituada a mentir, ou a «ocultar a verdade», expressão que usou consigo própria para se desculpar do que havia feito. Sentiu-se mal por não dizer a verdade, mas, naquele momento, nem ela sabia realmente o que sentia. Não queria magoar Miguel, mas sabia que provavelmente o fizera enviando-lhe aquela mensagem. Por outro lado, não cancelando o jantar, teria estado fisicamente presente mas com a cabeça longe, portanto tê-lo-ia magoado das duas maneiras. A resposta de Miguel chegou daí a instantes: dizia que compreendia e que não faltariam oportunidades, desejava-lhe as melhores e acrescentava que, se ela precisasse de alguma coisa, era só dizer.

Depois de mais alguns minutos ali sentada, Carmen levantou-se e continuou pela relva até à sua casa. A *Luna* estava à sua espera. Quando viu a dona a atravessar a rua, abanou a cauda e apoiou-se no portão. Carmen entrou e contornou a casa até ao pátio das traseiras. Sentou-se

num sofá feito com paletes — uma invenção sua —, e a *Luna* parou à sua frente, depois pousou as patas dianteiras nas coxas da dona. Só parou de lhe lambear a cara e as orelhas quando recebeu um abraço.

Carmen deixou-se ficar assim durante alguns minutos. Deixou que os seus pensamentos viajassem. Lembrou-se da cigana que lhe lera a sina em Londres, dizendo-lhe que ela viveria um grande amor, mas que, antes disso, iria sofrer. *You'll be much loved, girl. But before, you'll suffer much.* Aquelas frases ecoaram na sua mente. Pôs-se a matutar. *Sofrer, já sofri. Agora, quem será o grande amor?* Estava mais confusa do que nunca e, quanto mais pensava, mais baralhada ficava. Seria Ricardo? Seria Miguel? Ou seria um desconhecido que viria num cavalo branco? A ideia de ser pedida em casamento por um príncipe que chegaria montado num cavalo branco fê-la sorrir.

Levantou-se e sacudiu-se, como que afastando aqueles pensamentos, que lhe traziam ansiedade. Entrou pela cozinha e pendurou a mala nas costas de uma cadeira. Abriu o frigorífico, tirou uma míni e voltou para o pátio. Tornou a sentar-se no sofá de paletes, e, quase ao mesmo tempo, o seu telemóvel tocou. Pela melodia, soube que era Raquel. Adivinhou qual seria o tema da conversa e preparou-se. Vinha aí chumbo grosso. Ia levar na cabeça por ter desmarcado o jantar com Miguel. Se lhe revelasse que o motivo fora Ricardo, a amiga soltar-lhe-ia os cães, mas Carmen não só não queria mentir como nem o sabia fazer, portanto teria de lhe dizer... a menos que tornasse a «ocultar a verdade». Atendeu ao quarto toque.

— Alô.

— Então, Zoguelha? — Da primeira vez que Raquel usara aquele nome carinhoso, Carmen perguntara-lhe o que significava, mas nem a amiga sabia; saíra-lhe no momento e acabou por ficar. — Ouvi dizer que cancelaste o jantar com o Miguel.

— *Ouviste dizer?* Pois, conta-me histórias.

— O que aconteceu?

— Não me sinto bem, só isso.

— Pois, conta-me histórias, *tui*.

Carmen ficou silenciosa durante alguns segundos, depois engoliu em seco, sem saber que dizer.

— Tiveste dúvidas? Arrependeste-te? — disparou Raquel, quase certa de que tinha sido esse o motivo para o cancelamento do jantar.

— Olha lá, já jantaste? — perguntou Carmen, tentando desviar a conversa.

— Não.

— Queres vir jantar cá a casa?

— A sério?! Já não estás maldisposta? — perguntou-lhe a amiga, em tom sarcástico.

— Não sejas parva. Anda, que eu preparo algo e falamos melhor.

— OK, vou só tomar um duche e sigo para aí. Mas não penses que vais fugir com o rabo à seringa.

— Combinado! Beijinhos, até já.

Carmen levantou-se, deixou a míni na mesa de apoio junto do sofá e entrou em casa. Na cozinha, abriu o frigorífico e tentou decidir qual seria o cardápio. Não estava com apetite para preparar nada de extraordinário, embora fosse uma excelente cozinheira, gabada por todos os que saboreavam os seus pratos.

Resolveu fazer uma salada de massa fria. Tinha um resto de massa tricolor no frigorífico e um peito de frango já grelhado. Agarrou em dois tomates-chucha, couve-roxa e duas cenouras para ralar. Do armário, tirou uma embalagem de milho e uma lata de cogumelos. Preferia cogumelos frescos, mas não os encontrara no supermercado. Foi buscar dois pratos fundos e preparou as saladas. Saiu para o pátio e abriu a toalha na mesa de cimento, debaixo de um guarda-sol branco. Trouxe os pratos e os talheres. Depois, era só esperar que Raquel chegasse.

A preparação do jantar tinha-a distraído, mas, agora que estava parada,

Ricardo não lhe saía do pensamento. Sentia-se possuída da cabeça aos pés. Podia jurar que ele estava ali, que as suas mãos lhe percorriam o corpo. Ela amava-o de uma forma arrebatadora. Mas como falar disso com Raquel? Sabia que a amiga ia barafustar, que lhe ia dizer que ela era louca e que não tinha amor-próprio — e não deixaria de ter razão. Simplesmente, os sentimentos por Ricardo eram mais fortes do que ela. A amiga não ia gostar... mas merecia saber a verdade.

Raquel tinha um passado sofrido, também ligado ao álcool e às drogas. Vira a mãe perder-se nesse caminho, sem que ela a conseguisse ajudar, o que a fizera sentir-se inútil e incapaz durante muito tempo. A mãe acabara por morrer de *overdose*. O padrasto tentara abusar dela na noite em que a mãe fora enterrada. Por sorte, uma vizinha tinha as chaves da casa e fora ver se ela precisava de companhia. «Foi Deus que me enviou para salvar a menina», dissera ela mais tarde, aos vizinhos e à polícia.

Não havendo parentes dispostos a acolhê-la, Raquel fora para um orfanato. Três anos depois, tinha sido adotada por um casal maravilhoso, Pedro e Inês. Embora eles a tivessem criado com amor, Raquel nunca se conseguira libertar da revolta pelo que acontecera à mãe, daí que fosse muito dura quando o tema era a dependência. Ela não acreditava que as pessoas fossem capazes de largar os vícios e mudar de rumo. Outra tristeza que carregava era o pai ter falecido quando ela tinha apenas dois anos. Tinha uma fotografia em que estava ao colo dele no jardim do Palácio de Cristal, no Porto, e andava com ela na carteira. Era a única recordação que guardava do pai.

Raquel tinha o coração profundamente marcado por lembranças dolorosas, que não conseguia esquecer. Certos dias eram uma escuridão no seu peito, e só queria ficar no escuro, em silêncio e com a respiração sufocada, sentindo o coração bater lentamente sem se fazer ouvir. Não queria ter de falar com ninguém ou dar explicações. Queria existir não existindo. Queria desaparecer.

Carmen conhecera-a durante o curso, e agora trabalhavam no mesmo consultório de dentista. As duas tinham uma ligação especial. Inseparáveis desde a faculdade, consideravam-se irmãs de alma e de coração. Estavam sempre ao lado uma da outra, nos momentos bons e nos menos bons. Ambas tinham perdido a mãe, mas por razões diferentes. No caso da mãe de Carmen, que morrera de cancro, tratara-se de determinismo. Já o destino da mãe de Raquel fora ditado pelo seu livre-arbítrio.

As duas amigas tinham vivido o luto de forma diferente. Carmen fora preenchida pelo sentimento de saudade e, na adolescência, perguntara-se muitas vezes porque teria a mãe sido vítima de uma doença tão cruel, porque não tivera mais tempo, porque não a vira crescer. Por sua vez, Raquel alimentara sentimentos de raiva e vergonha. Perguntava-se porque escolhera a mãe as drogas em vez dela, porque não lutara contra o vício, porque não se importara com o futuro da filha. Ainda assim, no fim de contas, ambas sentiam que lhes faltara o colo materno.

Havia outro ponto em que as suas experiências convergiam: ambas padeciam da dor de o amor fugir delas. A diferença era que Carmen continuava a acreditar nele. Já Raquel dizia que o amor era uma fuga à realidade, uma desculpa que as pessoas davam para não morrerem sozinhas. Segundo ela, a culpa era da sociedade, que lhes injetava na mente a ideia de que só podiam ser felizes tendo alguém ao seu lado.

Raquel dizia que era bem pior ser-se mulher nos dias de hoje, pois as mulheres eram rotuladas com adjetivos menos simpáticos com mais frequência. A retrógrada sociedade tinha muito a dizer sobre as mulheres que escolhiam viver sem um companheiro fixo, entregando-se ao prazer da maneira que bem entendessem — em novas, eram putas; em velhas, eram solteironas, porque ninguém as quisera. Certa vez, Raquel dissera isso num jantar de colegas do consultório, e o choque e o desconforto tinham sido notórios em cada rosto, menos no de Carmen, que já estava habituada àquelas saídas da amiga.

Raquel tinha um ódio de estimação aos homens. Nunca haviam falado abertamente sobre o assunto, mas Carmen suspeitava de que tal se devesse ao sucedido com o padrasto. As duas eram como unha com carne, e, embora afirmasse que não acreditava no amor, Raquel fazia o papel de casamenteira, o que era contraditório; no entanto, dizia que apenas queria ajudar a amiga, que não era um pássaro solitário. Já Carmen via aquilo como um sinal de que ela se começava a render à energia do amor, que, aos poucos, lhe estava a amolecer o coração. Depois da provação que vivera, Raquel fechara-se numa masmorra, mas Carmen sentia que aquele ar de durona era uma fachada, e que a amiga tinha esperança de um dia ser resgatada e amada como nunca fora.

Levantou-se do sofá do pátio e foi buscar o telemóvel, que deixara no balcão da cozinha. Voltou para o sofá, desbloqueou-o, abriu a lista de contactos e procurou o nome pretendido para enviar uma mensagem. Começou a escrever, mas voltou atrás na decisão e apagou tudo. Isto repetiu-se três vezes. As suas mãos tremiam. Desistindo, pousou o telemóvel no sofá. Levantou-se e, durante alguns minutos, andou à volta da mesa. Eram quase nove da noite, e Raquel devia estar a chegar. Completou mais um par de círculos em torno da mesa, depois parou, voltada para o telemóvel. Olhou para a *Luna*.

— O que é que eu faço, meu amor? — perguntou-lhe.

A *Luna* inclinou a cabeça para a esquerda, arregalou os olhos e abanou a cauda. Parecia estar a dar o seu *OK* para a dona fazer aquilo que tinha na ideia. Carmen fechou os olhos, engoliu em seco e avançou para o telemóvel. Tornou a escrever a mensagem e enviou-a. Estava consciente do que aquele ato podia desencadear.

Ali estava a segunda decisão. Que era sua e de absolutamente mais ninguém.

— Já está. Agora não há volta a dar — disse alto, olhando para a sua fiel companheira.

Minutos depois, chegou Raquel. A *Luna* foi ter com ela e vinha a pular de contente ao seu lado. Raquel vestia uns *jeans* pretos e uma *T-shirt* também preta, lendo-se no peito «*Your God Is the Devil*», e calçava ténis pretos com listras brancas. O rabo de cavalo realçava a beleza do seu rosto. A sua pele clara contrastava com os cabelos pretos e com a indumentária. Certa vez, tinham-lhe dito que os seus olhos eram azuis como o céu, e ela rira-se e dissera que preferia o Inferno. Vinha cheia de energia e deu início ao inquérito assim que chegou.

— Diz lá, Zoguelha: porque é que desmarcaste com o Miguel? — De braços cruzados, fitou Carmen com desconfiança. Parecia querer ler-lhe o pensamento.

— Já te disse ao telemóvel.

— E achas que eu acreditei?!

— Tu não acreditas em nada, tirando no Diabo — brincou Carmen, aludindo à *T-shirt* que ela trazia vestida. — Que tal jantarmos? — propôs.

Sem dizer nada, Raquel seguiu-a até à mesa. Suspeitava do motivo por que a amiga fugia das suas perguntas. Estava com a pulga atrás da orelha, e Ricardo já lhe viera ao pensamento. Conhecera-o durante o curso, quando namorara com Daniel, que era amigo dele. Raquel não gostava de Ricardo. Tentara alertá-lo para o que ele andava a fazer, avisando-o de que o álcool o levaria por caminhos destrutivos, mas ele não lhe dera ouvidos. Nunca lhe perdoara as traições a Carmen. No passado, ela própria sofrera na pele a dor desse sentimento, e ver a amiga devastada mexera com as suas feridas. Raquel conhecia bem o tamanho do amor deles, mas temia pelo futuro de Carmen.

Capítulo 5

Em 2017

A porta bateu com estrondo. Enregelada, Carmen encolheu-se. Naquele barulho ensurdecador, ela sentira a raiva descarregada por Ricardo. Agora, o silêncio era agonizante e sufocava-lhe o peito. Depois do álcool e de minutos de violência psicológica que tinham parecido infinitos, naquele momento, ela sentia terror. Não havia palavra mais certa.

Culpou-se por ter acreditado naquele amor. Culpou-se por se ter convencido de que, juntos, conseguiriam derrotar o vício do álcool. Durante anos, fizera de tudo para salvar o sentimento que os unia. Vivera com a esperança de que algum dia, não sabia quando, Ricardo iria conseguir, mas a fé que restava no seu coração acabava de morrer. Morreria ali. Deixou cair por terra a frase que repetidamente dizia: *o amor vence sempre*.

«Basta!» era a palavra que agora ecoava na cabeça de Carmen. O seu corpo tremia de alto a baixo, impedindo-a de ter qualquer reação. Sentada no chão do corredor que dava para os quartos, estava petrificada. Não queria acreditar no que acabava de acontecer. Ricardo entrara em casa alcoolizado e agressivo. Sendo frequentes as situações idênticas nos últimos tempos, naquele dia, tudo subira de tom. A violência escalara de uma maneira imprevisível.

Quinze minutos antes, Carmen conseguira libertar-se das amarras invisíveis que a prendiam havia demasiado tempo. Dera dois passos atrás

e, enchendo o peito de ar, olhara-o nos olhos e gritara:

— Basta! Vai-te embora!

Ricardo estacou, surpreendido com aquele grito de desespero. Recuperou a respiração e levou as mãos à cabeça, depois escondeu os olhos. Sentia vergonha de si mesmo.

— Muitas vezes, ou melhor, *sempre*, achei que a culpa era minha. Que não conseguia amar-te da maneira correta. Que estava a fazer alguma coisa errada e que eram os meus atos a provocar as tuas reações descontroladas — disse-lhe Carmen, tentando não levantar a voz.

Não queria parecer fora de si. Ricardo sentiu a segurança dela. Carmen procurava palavras para o apunhalar. Naquele momento, ele não teve coragem para dizer o que fosse, apenas baixou a cabeça. Não conseguia enfrentar o olhar destemido dela, que estava assustada, mas não ia quebrar. Ela respirou fundo e continuou:

— Foram anos a idealizar um futuro. Sonhei ter uma família contigo. Sabes bem que foi sempre o que mais desejei. — Fungou algumas vezes, tentando não chorar, depois tornou a respirar fundo e continuou, mesmo com os olhos inundados de lágrimas. — Agora, basta. Já não me vou sujeitar a isto. Não mereço ser tratada como lixo. Depois de tudo o que me fizeste, da traição que perdoei, das vezes que me trocaste pelos copos... trais-me novamente?! Fizeste-me acreditar que não era mulher suficiente para ti. Que falhava como esposa, amante e amiga. Acreditei nas tuas falsas desculpas e no mundo que me ias prometendo. Neste momento, sinto que a minha vida contigo foi uma mentira. Atiraste-me para o fundo do poço e queres-me lá contigo. Basta! Não mais serei maltratada.

Ricardo tentou expressar-se, mas as palavras não saíam. Naquele breve momento de claridade, tomou consciência de que tinha partido o coração da sua Carmen. Ajoelhou-se, deixou a cabeça ir ao chão e soluçou de arrependimento.

— Perdoa-me — sussurrou.

— Não, Ricardo. Já não acredito em ti. Vai-te embora, por favor — ordenou ela. Tentava manter-se firme, apesar de tudo estar a desmoronar dentro de si.

Não estava disposta a dar-lhe uma nova oportunidade. Tinha decidido o que queria, e já não queria aquele desamor. Esforçou-se para que a imagem de Ricardo a chorar não chegasse ao seu coração, levando-a a perdoá-lo uma vez mais.

Ricardo cedeu à frustração de ouvir o seu pedido ser recusado. A sua respiração tornou-se mais profunda, e um olhar de nojo pintou o seu rosto. Fitou-a de maneira lancinante e feroz, quase espumando de raiva. Levantou-se. Parecia um lobo prestes a atacar. Carmen viu aqueles olhos raiados de vermelho, o sorriso sarcástico e as presas à mostra. Ele estava realmente prestes a atacar.

— Vais arrepende-te do que estás a fazer! — gritou Ricardo, de dedo em riste. Com o olhar cravado nela, não se desviando um milímetro, olhou Carmen até ao fundo da alma e disse-lhe: — Nunca terás ninguém que te ame como eu te amei.

Virou as costas com ódio e dirigiu-se para a porta. Carmen sentiu-se como se ele lhe tivesse batido. Sentia-se socada e violentada, esquartejada a sangue-frio. Mas Ricardo tinha saído de casa. E, finalmente, da sua vida.

Era o fim daquele amor à primeira vista. Desde o primeiro olhar, duas almas tinham sentido que havia ali algo especial, que já se conheciam de outras vidas. Mas os anos tinham passado, e, aos poucos, ela percebera que o grande amor dele era o álcool. Fora criando ilusões e histórias de encantar, romantizara aquela relação tóxica. Não podia negar que tinha havido momentos cheios de amor e ternura. Ricardo mostrara-lhe um lado ternurento, preocupado e apaixonado, a que ela se agarrava quando o desprezo gatinhava pela relação e o desrespeito espreitava. Agora, podia respirar de alívio.

Correu para a porta de entrada. Com as mãos a tremer, rodou a chave

até à última volta, fazendo força para se certificar de que não rodava mais. Colocou a corrente, para se sentir mais segura, caso ele regressasse e quisesse entrar. Apoiou as mãos na porta, depois a testa. Toda a adrenalina se começava a dissipar. A explosão tinha passado, e agora ela precisava de recolher os cacos. Tentou respirar, fez um esforço para acalmar todo o seu ser. Ficou ali durante uns minutos, depois virou-se e deixou o seu corpo exausto escorregar pela porta até ficar sentada no chão, com as pernas estendidas e os braços prostrados junto do corpo. Fitando o vazio à sua frente, entregou-se a um choro intenso. Precisava de deitar para fora as emoções acumuladas.

Estava destroçada. O seu sonho deixara de ser. As ilusões alimentadas haviam desaparecido. Passados minutos, ainda não tinha conseguido fazer as lágrimas pararem, e uma sensação de vazio começava a crescer dentro de si, assolando-lhe o espírito. As forças tinham-na abandonado.

*

Ricardo estava parado diante do prédio onde deixara de morar havia minutos. Não encontrava forças para reagir ao que acabara de acontecer. Tinha as mãos trémulas, e o corpo ia sendo corroído lentamente por uma dor agonizante que aumentava a cada segundo, sem que ele pudesse fazer alguma coisa para o impedir. Estava à beira de rebentar, de perder o controlo uma vez mais. Esse era um dos seus maiores receios: perder as estribeiras ébrio, para depois se arrepender sóbrio. E era sempre isso que acontecia. Bebia até fazer alguma estupidez, ou até o seu corpo não se aguentar de pé.

Sentiu a raiva de Carmen invadir aos poucos o seu corpo, depois percorrer os recantos da sua alma. Estava a ser vencido por aquela ira e não a conseguia controlar; ela alimentava-o com a verdade da mentira em que ele queria acreditar. Crescera a ouvir que um homem devia ser forte,

assertivo... agressivo. Que isso era sinal de virilidade. Que um homem não podia chorar ou levar a sério os conselhos de uma mulher. Que a mulher devia ser submissa ao homem, pertencer-lhe. Que não podia admitir os seus erros perante os outros, para não ser gozado ou questionado. No fundo, ele temia que os outros homens se apercebessem de que ele tinha medos, de que era frágil. Isso não podia acontecer.

Sempre vivera com um vazio enorme em si. Por mais que fizesse, nunca se sentia preenchido. O vazio continuava lá. Aos olhos dos outros, era um homem bem-sucedido e com razões para ser feliz. Mas não o era no seu interior — sempre vivera escondido atrás de uma máscara. Morrer era algo que não lhe metia medo. Na adolescência, tentara três vezes o suicídio, até que desistira da ideia, pois tinha-se mentalizado de que era merecedor do sofrimento em que vivia e das imagens aterradoras na sua mente. Ainda que ninguém imaginasse, ele vivia abandonado num terreno seco e árido, escondido por um corpo que sorria e encantava as mulheres.

Os ramos das árvores dançavam no suave vento que se fazia sentir. Lá no alto, a Lua desapareceu atrás de nuvens negras que se apressavam em chegar — queriam poupá-la de assistir àquele triste fado. Do lado esquerdo, um comboio de mercadorias passou a grande velocidade. O barulho fez ressoar a vibração no seu corpo. Era um ruído ensurdecedor que não lhe dava tréguas. Não percebeu que aquilo não era o comboio, mas sim o inferno que habitava na sua cabeça. Estava preso naquele sentimento. Acorrentado àquela energia, agarrou a cabeça com as duas mãos, e nem a vergonha da Lua lhe trouxe clareza à mente agitada. Uma nova tempestade impiedosa ia explodir, levando tudo à frente.

Inesperadamente, soltou um grito de raiva e ódio. Com os punhos cerrados e o olhar vidrado, levantou a cara para o céu. O som do seu grito propagou-se pela escuridão da noite, ecoando na rua onde ele se encontrava e nas circundantes, fazendo com que algumas pessoas do prédio em frente viessem à janela. Mas, com aquilo, ele descarregara metade das emoções

que estava a sentir. Num passo desajeitado, atravessou a estrada. As pernas fraquejaram, faltava-lhe uma parede para se segurar. Com alguma dificuldade, conseguiu chegar ao outro lado. Dobrou a esquina ao fundo do prédio onde morara até pouco antes. Atirou o seu corpo contra a parede e deixou-o escorregar lentamente até ao chão, ficando sentado de pernas dobradas. Proferiu palavras ofensivas contra Carmen — que, aterrorizada pelo grito que ouvira na rua, andou à pressa pela casa, desligando todas as luzes e correndo as persianas. Depois foi para o quarto e, sem tirar a roupa que usara durante o dia, deitou-se na cama feita e orou a Deus para que a protegesse.

A *Luna* veio deitar-se ao seu lado, pousou o focinho grisalho na barriga da dona e fitou-a com os seus olhos de mel. Parecia triste. Carmen sentiu que a sua cadela compreendia o que acontecera naquela casa. Por entre o choro compulsivo e todos os pensamentos que lhe iam na cabeça, a frustração e a tristeza por a relação ter terminado e o sofrimento que Ricardo lhe causara, ganhou consciência de que não tinha amor-próprio. Perdera-o ao longo da relação, tal como se perdera a si mesma. Acreditando que, no fim, o amor venceria, deixara de ser quem era por uma pessoa que nunca lhe dera valor. Mas, desta vez, ele não vencera. Ela estava no fundo do poço e sentia vergonha, medo, incerteza, desilusão.

De uma coisa começava a ter certeza: nunca mais se deixaria chegar ao ponto a que chegara naquele dia, e nunca mais permitiria que a maltratassem.

— Nunca mais! — afirmou, dando murros na almofada. Enxergando-a com um olhar triste e o focinho ligeiramente inclinado para a esquerda, a *Luna* levantou-se e deu duas lambidelas molhadas no rosto da dona; depois encostou a sua cabeça à dela e deu-lhe duas turrinhas, tentando encorajá-la. Conseguiu chamar a atenção de Carmen, que se sentou na cama e a abraçou.

— Tu és amor no estado mais bonito — disse, agarrada à *Luna*.

Sossejou o choro, e ficaram as duas deitadas lado a lado. De vez em quando, a *Luna* levantava a cabeça para se assegurar de que a dona estava bem. De orelhas esticadas, em estado de alerta, também olhava para a porta do quarto. Só fechou os olhos passados largos minutos depois de Carmen ter adormecido. Ficaram assim a noite toda, dormindo lado a lado, numa união perfeita de amor incondicional.

Capítulo 6

Em 2017

Com o corpo esgotado e a alma infeliz, Ricardo chorou até à exaustão. Aquela já não era a sua casa. Fora obrigado a sair dela, por sua culpa. Caiu, prostrado, junto do prédio onde já não vivia. Ficou deitado no passeio durante umas largas horas.

Já com o efeito do álcool atenuado, quando a noite ia a meio, acordou enregelado e confuso. Arregalou os olhos inchados, tentando perceber onde estava. Apoiou a mão direita no chão e, com algum esforço, sentou-se encostado à parede. A mente tentava processar as últimas horas. O olhar vazio fitava as estrelas que brilhavam intensamente no céu. Não era só o olhar que estava vazio. Ricardo sentia o vazio dentro de si. Naquela noite ao luar, até a sua alma o tinha abandonado. Ficou assim durante longos minutos, sem mexer uma única vez o corpo, mergulhado em apatia. Apesar do silêncio que a noite trouxera, a sua cabeça latejava sem lhe dar descanso, fazendo companhia à consciência, que agora regressava. Sentia-se desgostoso consigo, desiludido com aquilo que tinha feito. *Fui monstruoso*, repetia em pensamento.

Por duas vezes, tentou erguer-se. O corpo oscilava, e a força da gravidade dificultava a tarefa. A agilidade não era muita, e não ajudava que ele estivesse enregelado. Por fim, lá conseguiu pôr-se de pé. Avançando dois passos, voltou-se para o prédio e olhou demoradamente a janela da sala, que ficava virada para a rua. Os seus olhos congestionados

encheram-se de lágrimas.

Queria dizer alto o nome dela, mas abria a boca e não saía som. Queria que ela o ouvisse, mas naquele momento não tinha coragem para fazer fosse o que fosse. Cometera atos imperdoáveis, e a consciência deles, ainda que ténue, mandava-lhe não fazer a vontade a si mesmo.

Abandonado por si próprio na estrada, começou a caminhar pelas ruas desertas. Tinha a visão fosca. No pensamento, ecoava-lhe uma pergunta: *E agora?* Não tinha ninguém a quem recorrer, ou talvez tivesse, mas, contando a alguém aquilo que fizera, ficaria numa posição vergonhosa. Começou a pensar em maneiras de fugir à responsabilidade pelo que tinha acontecido. Talvez não contar a ninguém fosse a melhor estratégia.

Ricardo estava a ser ele próprio. Criava mentiras para encobrir as suas ações desprezáveis. A mente magicava no que ele ia dizer ou fazer para sair por cima da situação. Dizia-lhe sempre que ele não tinha culpa, e a consciência só dava sinal após uma noite pesada de bebida. Não tinha forças para enfrentar o seu problema e, com a frustração de não conseguir, descarregava nos outros. Crescera cheio de remendos emocionais, carregando as dores, o vazio e a impotência de não ter conseguido proteger a mãe dos maus-tratos. Nunca ninguém lhe pergantara o que sentia ou procurara ajuda para ele. Fora crescendo como um feijoeiro sem estaca, rebelde, misturando a mentira e a verdade, a ilusão e a realidade, e a revolta que nascia dentro dele lembrava-lhe o pai alcoólico. Era certo que a sua agressividade nunca atingira a dimensão das fúrias do pai, mas, no que tocava a beber álcool, caminhava a passos largos para ser como ele. Agora, ia pensar numa mentira, para o caso de alguém lhe perguntar o motivo da separação. Crescera assim, a esconder a verdade.

Carmen era uma mulher doce. Não merecia sofrer assim, ninguém merecia. Naquela noite, ele passara das marcas. Não era a primeira vez que a agredia verbalmente, mas agora fora um porco.

Que merda fui fazer...

Paciência e Resiliência. Aí estavam dois nomes do meio perfeitos para Carmen. Nos dias sóbrios, ele assumia a culpa, dizia-lhe que a amava e prometia-lhe que não se voltaria a repetir — mas sabia que não ia conseguir cumprir a promessa e, pouco tempo depois, voltava a beber e deixava Carmen triste e desiludida, não só com ele mas também consigo mesma, por voltar a acreditar em promessas falsas. Acima de tudo, independentemente do que acontecesse, Carmen acreditaria sempre no amor.

Ela dizia sempre que via o lado bom de Ricardo. Que via a luz que habitava nele. Que ele tinha de ter força para que o seu lado escuro não o corrompesse. Carmen via nele alguém que o próprio Ricardo não conseguia ver, e não desistia dele. Mas toda essa esperança estava a levá-la para o fundo do poço juntamente com ele.

O sol nasceu escondido pelas nuvens. Ricardo adormecera novamente, desta feita no largo, num banco voltado para a estação de comboios. Sentou-se e ficou de olhos fechados. Não acreditava que tinha passado parte da noite ali. Os candeeiros de rua iam-se apagando um por um, porque vinha aí a luz do dia. As pessoas começavam as suas rotinas, e o dia ganhava ritmo. Ele também tinha coisas para fazer, mas, no estado em que se encontrava e por tudo o que tinha acontecido, não ia conseguir trabalhar. Embora as pessoas que iam passando por ali não soubessem que ele dormira no banco, era um facto e destruía-o por dentro. Era a consciência a ganhar consciência. Sentia a alma corroída pela escuridão dos seus atos. Estava na merda, e sentia-se uma merda de homem.

Levantou-se e começou a caminhar. Foi um dos primeiros clientes a entrar na confeitaria. Pediu um abatanado, pagou e foi imediatamente sentar-se na esplanada, ainda com o empregado a dispor mesas e cadeiras. Quem olhasse para Ricardo, vendo a cara e os olhos inchados, pensaria que ele vinha de uma noite, que acabava de sair de uma discoteca onde tivesse passado a noite a beber.

Encolhido num canto da esplanada, de óculos de sol e sem vontade de muitas palavras, esperou pela água castanha que não dispensava assim que acordava. Estava a ressacar não só do álcool, mas de todas as emoções que a noite lhe trouxera. Depois de ter tomado o abatanado e fumado dois cigarros, pensou nos passos a dar. Estava sem casa, e tinha de resolver essa parte rapidamente. Deixou-se cair contra as costas da cadeira, fechou os olhos e tentou pôr as ideias no sítio e pensar de forma objetiva.

Entrelaçou os dedos e alongou os braços e as costas. Ao ver o empregado, juntou o indicador e o polegar e aproximou-os da boca: *Queria um café*. A mensagem passou, e depressa o café estava ali. Telefonou para contactos que tinha da imobiliária e, quase por magia, conseguiu arrendar um apartamento. O senhorio admirou-se de ele não querer ver a casa antes de fecharem negócio, mas o desespero por um teto fê-lo ignorar essa etapa. Disse que tinha urgência e que queria assinar o contrato logo que possível. Ricardo já vendera uns quantos apartamentos dele, e tinham uma boa relação, por isso não foi difícil convencê-lo.

Já passava das dez quando recebeu uma mensagem de Carmen. Continuava na esplanada. Curta, fria e incisiva, ela informava que não estaria em casa nos próximos cinco dias e que ele devia ir buscar as suas coisas. Também lhe pedia para deixar as suas chaves e para avisar quando já não restasse lá nada seu. Estava a ser bastante explícita — não tinha qualquer intenção de se cruzar com ele. Estático, sem pestanejar, Ricardo olhou para a mensagem. Uma dor enorme atravessou-lhe o corpo e trespassou-lhe a alma. Tornou a sentir-se sem rumo.

Por mais estúpido que parecesse, ainda lhe restava uma centelha de esperança de que tudo se resolvesse e ele voltasse para casa, mesmo tendo acertado o arrendamento do apartamento. No passado, Carmen cedera de todas as vezes, e tudo voltara a ficar bem durante algumas semanas. Nunca tinha havido uma mensagem tão fria. Ela nunca pusera um ponto final na história de amor dos dois.

Ricardo levou as mãos à cabeça, apoiou a testa na mesa e chorou. Desde a véspera, parecia querer compensar os anos que passara sem lhe cair uma lágrima. Já de cabeça erguida, acendeu mais um cigarro, depois telefonou a João para avisar que não ia trabalhar nos próximos dias. Inventou que estava com febre e tinha uma tosse danada, e que ia ao médico naquele preciso momento. João achou aquilo estranho, mas disse-lhe para se resguardar e desejou-lhe rápidas melhoras. Perguntou-lhe se precisava de alguma coisa, e Ricardo agradeceu e disse que não, mas que, se precisasse, ele seria a primeira pessoa a quem ligaria.

Ricardo sabia bem que João não acreditara em nada do que ele dissera, mas também sabia que ele não faria perguntas. Era seu amigo e iria dar-lhe espaço. Nunca lhe cobrava nada. Por vezes, achava que devia ser mais ríspido com ele, mas, na hora da verdade, não conseguia separar a amizade do trabalho. Ricardo andava a falhar com os seus deveres na imobiliária, mas, por terem uma grande amizade, João dava cobertura à sua falta de responsabilidade e de sentido de compromisso. Ricardo tinha-o apoiado durante toda a fase do cancro do pai, e João sentia-se em dívida para com ele, mas não era só por isso que o protegia — sabia que Ricardo não tinha mais ninguém, que ele era o único amigo que realmente lhe queria bem. Os outros eram amigos de copos, que pouco ou nada se importavam com aquilo por que Ricardo estava a passar. João não era assim. A sua amizade era verdadeira. Independentemente das escolhas pouco acertadas do amigo, ele estaria sempre lá para o levantar.

À hora combinada, Ricardo foi ter com o senhorio para receber as chaves do apartamento e ouvir as explicações e recomendações. O senhor mostrou-lhe as divisões, ao mesmo tempo que falava dos detalhes do arrendamento. Ricardo seguia-o sem prestar muita atenção ao que ele ia dizendo. O seu corpo estava ali, mas a alma estava na casa que partilhara com Carmen. Viajava pelos últimos acontecimentos e, quanto mais pensava, mais tinha a sensação de estar a cair num buraco sem fundo. O

seu novo apartamento não era grande. Tinha um quarto pequeno, a casa de banho era exígua, a sala era apertada, e havia um espaço para arrumos. A cozinha esbanjava metros quadrados em comparação com as outras divisões. Ele achou perfeito.

Assinaram o contrato de arrendamento, e Ricardo agradeceu ao senhorio pela amabilidade e rapidez em o ajudar. O senhorio despediu-se com um abraço e desejou-lhe boa sorte. Bem via a tristeza impregnada no semblante dele. Os olhos inchados e apenas semiabertos e o discurso arrastado e quase nulo denunciavam que algo não estava bem com Ricardo, mas o senhorio não perguntaria nada. Ricardo acompanhou-o à porta, despedindo-se mais uma vez.

Depois de ter fechado a porta e de se encontrar ali sozinho, ficou parado no *hall*, com o olhar perdido nas paredes brancas despidas de vida. Não havia sinal de alguém ter habitado a casa, pelo menos recentemente. O cheiro a tinta e a verniz ainda pairava nas divisões. O aperto no peito voltou a sufocá-lo. O olhar vazio inundou-se de lágrimas de dor e de saudade de uma vida que tinha terminado abruptamente e deixado hematomas no corpo, mas sem ele ainda se ter dado conta de quanto sangrava por dentro. Pensava em Carmen, na falta que ela já lhe fazia. Aquele apartamento despejado do sentimento de amor espelhava bem o vazio que ia dentro do seu corpo. Percorreu as divisões, arrastando os dedos pelas paredes, e imaginou que Carmen estava ali. A sua imagem aparecia pela casa, e ela partilhava as suas ideias para a decoração de cada divisão. Mas nada daquilo era real, e Ricardo sabia-o bem. Desejava acordar daquele pesadelo, com os beijos húmidos de Carmen a percorrerem-lhe o corpo, e ele a vibrar de prazer de cada vez que sentia o toque daqueles delicados lábios.

Ricardo estava à janela da sala. Com os braços apoiados no parapeito, olhava para as ruas desertas da cidade. Na linha do horizonte, avistavam-se algumas nuvens bastante negras, que volta e meia eram rasgadas por

relâmpagos, adivinhando-se a chegada de um temporal. Ele continuava a sentir-se paralisado. Com um olhar triste, parecia não reparar nas gotas de chuva que tinham começado a cair alguns minutos antes, primeiro com delicadeza, mas agora com mais força. O céu vestira-se de várias tonalidades de cinzenta solidão, uma cor negra enfraquecida. Do outro lado da rua, as árvores eram fustigadas pelo vento, que ficava mais forte minuto após minuto. Enquanto isso, o olhar dele mantinha-se perdido no horizonte.

A tempestade estava mais perto. Cada relâmpago clareava o céu escuro, e cada trovão fazia estremecer as janelas e o peito de Ricardo. Aquele céu a ser rasgado era o espelho da sua alma consumida por aquela dor.

No momento em que mais um forte trovão anunciou a descida de Thor à Terra, alguém ligou para Ricardo, que ignorou o telemóvel sem se dar ao trabalho de ir ver quem era. Sem forças para se mexer, continuou impávido, vendo a tempestade a passar ali. Desligou-se do mundo, e só a sua dor era real. O telemóvel tocou mais uma vez, depois outra, mas mesmo assim Ricardo não conseguiu arrastar-se até lá.

Trinta minutos mais tarde, tocaram à campainha, fazendo-o dar um salto e trazendo-o de volta ao mundo. Foi lentamente até ao intercomunicador, levando consigo a ideia de que seria o senhorio, que se teria esquecido de dizer alguma coisa ou de entregar uma chave.

— Quem é?

— É o Pai Natal.

— João?! — perguntou ele, admirado e confuso.

— Quem é que havia de ser? Vais deixar-me entrar, ou fico espedado aqui à porta?

Ricardo ficou sem reação durante uns segundos, tentando perceber como é que o amigo tinha chegado até ele.

— Então?!

— Desculpa. Já abri.

João foi rápido a subir, e, quando chegou ao terceiro andar, Ricardo já o esperava com a porta aberta. Ainda surpreendido com a presença dele, mas reconfortado por o ver, convidou-o a entrar no seu novo apartamento, e foram até à cozinha.

— Como é que sabias que eu estava aqui? — perguntou.

— Esqueces-te de que eu também tenho conhecimentos. Menosprezas o meu poder — disse o amigo, num tom brincalhão. — Não fui na tua conversa desta manhã e senti que precisas de ajuda nesta nova fase.

Ricardo baixou a cabeça, envergonhado.

— Estou mesmo numa fase menos boa... Obrigado, João. Obrigado por estares aqui.

— Os amigos são para isto — disse João, abraçando-o. — Achaste mesmo que me tinhas enganado?

— Imaginei que não, mas tentei...

— Queres contar-me o que aconteceu? — pediu João.

— Chateámo-nos. Acho que desta é de vez. É a vida.

João fitou-o e percebeu que ele não estava a dizer a verdade. Sabia que o problema do álcool afetava a relação com Carmen. Também sabia das traições e de tudo o que trouxera instabilidade àquele relacionamento, e sabia que o amigo continuava a negar a sua responsabilidade. Mas não queria forçá-lo a abrir-se. Sabia que teria de ser ele a dar o primeiro passo.

— Tens a certeza? — questionou.

— Certeza de quê? De que acabou? Certeza absoluta. Já deu o que tinha a dar. É melhor assim. Agora sou um homem livre.

João continuou a fitá-lo, agora em silêncio. Sentia o amigo a querer fugir à conversa. Ricardo abriu o armário da cozinha, fingindo inspecioná-lo. Depois, foi a vez das portas de baixo, enquanto João continuava sereno, sem falar.

— Afinal, como soubeste que eu estava aqui?

— Tive a sorte de o teu senhorio ligar para mim. Estava preocupado

contigo. Disse-me que tinhas arrendado uma casa e que estavas num estado lastimável.

— Pois... — De repente, Ricardo não conseguia dizer frases completas, por isso dava aquelas respostas curtas. Não queria que o amigo o visse assim, mas sabia que João estava ali para o ajudar.

— O que aconteceu?

Ricardo saiu em direção à sala, para ficar novamente a olhar pela janela. Continuava em silêncio.

— Estou a ver que vais precisar de mobília — disse João, percebendo a dificuldade do amigo em falar sobre o que tinha sucedido. — Os meus pais têm alguma na garagem deles. Redecoraram a casa e guardaram os móveis antigos. Podemos ir buscá-los. O que achas?

— Aceito de bom grado — respondeu Ricardo, virando-se para João. Tinha os olhos marejados.

— Boa! Vou ligar ao meu primo Jorge. Ele tem uma carrinha, dá para fazer o transporte.

— Tens plano para tudo... — murmurou Ricardo.

— Estava planeado desde que falei com o teu senhorio. Mas, antes de fazermos isso, são horas de ir almoçar. Vamos pôr a conversa em dia. Desabafar faz bem, e tu sabes que podes contar comigo, apesar de fugires de mim.

— Não é fugir. Apenas...

— Tranquilo, amigo. Vamos almoçar.

— Antes, tenho de passar na Loja do Cidadão para tratar dos contratos da água e da luz. Tenho de fazer isso o mais depressa possível, para ter já as duas coisas.

— Vou contigo tratar disso, e depois vamos ao Alquimista.

— Obrigado.

Depois de despacharem os assuntos na Loja do Cidadão, dirigiram-se ao Alquimista da Estação, onde puseram a conversa em dia. Ricardo não

contou o que tinha acontecido, continuava a fugir do assunto. Sempre que o amigo lhe perguntava sobre isso, ele desviava a conversa. João fez inúmeras tentativas, mas sem sorte.

— Eu não ter ido trabalhar causou muitos estragos? Tinha alguma visita agendada? — perguntou Ricardo.

— Conseguimos resolver. Foi a Cláudia no teu lugar. Não podíamos perder o cliente. O mercado está em alta, e temos tido clientes a quererem investir em imóveis aqui em Ermesinde. Como sabes, o mercado do Porto está a ficar saturado, e a procura nas cidades vizinhas aumentou.

— Quero ver se volto o mais rápido possível — disse Ricardo, animado.

— Não te quero lá antes de segunda-feira. Se precisares de mais alguns dias, estás à vontade. Eu trato dos teus assuntos na tua ausência. Quero-te bem.

— Agradeço. Acho que me ia fazer bem voltar ao trabalho, mas assim aproveito para pôr a casa e a cabeça em ordem. Pelo menos, vou tentar.

— Isso. Agora é levantar a cabeça e seguir em frente. No que precisares, podes contar comigo — disse João.

— Obrigado. Eu sei que vou ficar bem. Agora quero é aproveitar a vida.

— Não aproveitavas a vida com a Carmen? — perguntou João, fitando Ricardo nos olhos.

Ele baixou o olhar. Não levava a mal a pergunta, apenas sabia que não estava a dizer a verdade.

— Sim, mas agora vou aproveitá-la de outra maneira. A história com a Carmen acabou. Há que seguir em frente.

— Vocês eram como unha com carne. Tinhas sempre um brilhozinho nos olhos quando falavas nela.

Aquilo foi um soco no estômago de Ricardo. Por mais que não quisesse admitir, amava Carmen. Amava-a muito. Tinha noção do mal que lhe

fizera, mas o seu ego falava mais alto. Ele não acreditava que algum dia mudasse, que algum dia tivesse força para virar costas ao álcool e às conquistas fugazes. Gostava de seduzir, independentemente de as levar para a cama ou não — aliás, não era isso que o movia. Gostava de ser apapricado pelas mulheres. Procurava a atenção feminina. Sempre duvidara de si e das suas capacidades, precisando constantemente de que os outros o validassem. Não tinha consciência destas coisas, nem sentia que precisasse de ajuda. Para ele, era normal beber em excesso, assim como mentir.

— Tudo acaba. Não vale a pena viver no passado.

— Continuo a achar que foram outros motivos a ditar o final, mas, se não queres contar, tudo bem.

— Está mesmo tudo bem. Nós discutíamos muito ultimamente. Se calhar, ela está apaixonada por outro.

— Não acredito nisso, nem tu deves criar essa mentira na tua cabeça. Desculpa a franqueza, mas não vejo a Carmen a apaixonar-se por outro.

— Porquê? Acontece. Somos livres de nos apaixonarmos por outra pessoa.

— Sim, eu sei. Mas, pelo que conheço da Carmen, se isso acontecesse, ela ia preferir dizer a verdade e contava-te.

— Pois eu já não conheço ninguém. Mas olha, temos de ir ter com o teu primo.

— OK, OK — assentiu João, resignado.

Depois de terminarem o almoço, foram buscar a carrinha do primo de João e trouxeram a mobília de quarto e alguns móveis para a sala. Essas divisões encontravam-se vazias, contrastando com a cozinha, que estava equipada com frigorífico, placa de fogão, uma mesa com tampo de vidro fosco e quatro cadeiras. Começar de novo é sempre difícil, mas a mobília oferecida pelos pais de João ajudou a que o recomeço não fosse tão duro. No fim da tarde, já com a mudança feita, João regressou à imobiliária.

Disse a Ricardo para não pensar em trabalho naquela semana e concentrar-se antes em pôr a vida outra vez no trilho certo.

Ricardo decidiu passar no centro comercial para comprar alguma roupa. Deixara tudo para trás, e esperava pela oportunidade de ir a casa de Carmen buscar as suas coisas. Era estranho pensar na «casa da Carmen». Comprou umas calças, roupa interior e algumas *T-shirts*. Também passou no supermercado do centro comercial. Chegando à área das bebidas, pôs no carrinho quatro garrafas de vinho tinto e outra de vodca. A caminho da caixa, lembrou-se de que não tinha saca-rolhas no novo apartamento e voltou atrás. Aproveitou para pôr no carrinho um *pack* de seis cervejas.

Saiu do centro comercial e, a caminho de casa, não resistiu a passar na rua onde tinha morado com Carmen. Abrandou ao aproximar-se do prédio, sentindo uma enorme vontade de estacionar o carro e tocar à campainha, mas sabia que Carmen não estava lá. Ela saíra da cidade e dera-lhe um prazo para ele ir buscar as coisas e deixar as chaves na caixa de correio. Tinha-as consigo. Podia levar já os seus pertences. Mas não teve coragem para enfrentar aquilo que provavelmente iria sentir quando tornasse a estar naquela casa — arrependimento e o chão a fugir-lhe sob os pés. Continuava com raiva a Carmen por ela o ter posto fora de casa, mas dizia a si próprio que era melhor para os dois se a relação acabasse. Ricardo era assim — ia criando desculpas constantes na sua mente para não se sentir culpado. Para ele, era mais fácil fugir do que enfrentar a realidade.

Aproveitou o resto do dia para montar a cama e arrumar os móveis. A ideia era estar ocupado para não pensar em Carmen nem sentir a dor — que ele continuava a negar. Mas foi inevitável perguntar-se o que estaria ela a fazer naquele momento. Por mais que tentasse, não conseguia eliminar esses pensamentos. Àquela hora, ela já regressara a casa. Talvez estivesse a regar as plantas ou a meditar. Era assustador pensar que, a partir de agora, não ia saber nada dela. Que a tinha perdido de vez e não havia volta a dar. Então, lembrou-se de que ela tinha saído da cidade por

uns dias. Foi pior. Um peso abateu-se sobre ele. Sentiu mal-estar e raiva de não saber onde ela se encontrava, com quem estava e o que andavam a fazer. Teria ela acabado a relação por estar apaixonada por outro? Tais pensamentos não davam tréguas à sua mente. Tinha a cabeça a latejar e ouvia o som do seu coração dentro do crânio. Dirigiu-se à cozinha, meio a desfalecer, abriu o frigorífico e agarrou numa cerveja. Não estava fria, mas ele bebeu-a de um trago; depois tirou outra, que tornou a beber de um lance.

Com os móveis nos respetivos lugares, era altura de arrumar a roupa, que não era muita, mas a vontade também não. Fez um esforço. Os ponteiros do relógio indicavam que já passava da uma da madrugada. Exausto, deitou-se na cama feita com os lençóis e o cobertor que a mãe de João lhe tinha dado. Também pusera numa caixa meia dúzia de pratos de refeição e outros tantos de sobremesa, toalhas de banho e duas de mesa, e alguns utensílios de cozinha. Noutra caixa, tinha posto coisas para a casa de banho. Parecia um enxoval. A dona Rita era um coração bondoso e sempre nutrira um carinho especial por ele.

Para Ricardo, o silêncio aterrador que se fazia sentir em cada divisão era perigoso. Vinha em contramão contra os seus pensamentos. Com dificuldade em adormecer, com dores no corpo e na alma, levantou-se e foi direito a um dos sacos que deixara no chão da sala para de lá tirar uma garrafa de vinho e o saca-rolhas. Voltou para o quarto, sentou-se no chão junto da janela, encostou-se à parede e começou a beber o vinho sem o saborear, usando-o como analgésico para afogar a dor que sangrava no seu peito.

Em quinze segundos, bebeu a garrafa inteira. Mesmo assim, a dor não o deixava adormecer. Com os reflexos diminuídos, levantou-se, regressou à sala e trouxe duas garrafas de vinho. Sentou-se no mesmo sítio de antes e bebeu uma, depois a outra, à mesma velocidade a que bebera a primeira. O seu corpo arrefeceu vertiginosamente. Depois de alguns minutos imóvel e

a revirar os olhos, levantou-se apoiado na parede e, com as pernas bambas, andou até à cama para tentar dormir. A cabeça, mais pesada do que o corpo, a visão desfocada e as tonturas dificultaram a tarefa. Já deitado, as paredes e o teto começaram a girar a uma velocidade furiosa, e ele começou a sentir náuseas e uma má-disposição horrível. Tentou levantar-se rapidamente para ir à casa de banho, mas, pondo um pé no chão, caiu desamparado.

Vomitou tudo o que tinha bebido. Parecia que os órgãos lhe tinham saído pela boca. Por mais que quisesse erguer-se, o corpo não lhe obedecia. Naquele momento, ele era um moribundo. Perdido nas suas escolhas, tombou no combate com a vida. Desejou morrer. Desejara-o tantas vezes... e fracassara. Fracassara em tudo. Não tinha os pais, nem a mulher que amava, nem a sua dignidade. Estava caído no chão, no seu vomitado, enxovalhado pela vida. Ninguém diria que ele era o mesmo Ricardo que fora o melhor vendedor do mês duas vezes num ano. Mas era a mesma pessoa, era aquele que ria, que mostrava compaixão pelos outros, que tinha sempre tempo para ouvir os desabafos de quem precisasse de falar. O gigante, o simpático, o trabalhador, como às vezes lhe chamavam, estava caído por terra, sem forças para se levantar.

Ele queria paz no seu coração. Tentava encontrá-la, nem sempre da melhor maneira, mas certas situações ou pensamentos eram o gatilho para começar uma guerra dentro de si. Quando isso acontecia, uma gigantesca onda de energia percorria o seu corpo. Talvez fosse medo, disfarçado de raiva. A sua mente defendia-o, justificando cada erro cometido, convencendo-o de que ele era a vítima. Nunca tivera a capacidade de olhar para o seu interior e ganhar consciência de que o seu ego se sentia ameaçado e queria sobreviver a todo o custo, precisando de drama para se alimentar e se sentir vivo.

Com um enorme esforço, passado bastante tempo, conseguiu levantar-se e foi em busca das toalhas de banho que a mãe de João lhe dera. De

joelhos, ainda zozzo, limpou o vomitado. Arrependeu-se de ter bebido aquela quantidade de álcool. Mas era sempre assim. Promessas e tentativas falhadas. Na casa que partilhara com Carmen, houve noites em que dormira no chão da sala. Nos seus momentos de solidão, a garrafa de vinho tinto era a sua companhia para a noite. Embalava-o num sono profundo, anesthesiava as suas tormentas nas noites em que o seu corpo se inquietava na cama. Lembrou-se das inúmeras vezes em que estivera sentado no chão, encostado ao sofá, com o corpo paralisado e o olhar sem vida, completamente vidrado, pedindo que o sofrimento acabasse. Após algumas horas, chegava o frio, e o corpo começava a tremer. Embrulhava-se na manta do sofá e tentava aquecer a alma. Deixava o corpo tombar; deitado no chão frio, os olhos reviravam, e as paredes e o teto giravam a uma velocidade vertiginosa. Agora, mais uma vez, ali estava ele de joelhos, a penitenciar-se da vida que levava.

Depois de ter deixado as toalhas sujas no bidé, deitou-se, esperançado em conseguir dormir. Ao fim de alguns minutos, foi embalado pelo habitual sono ébrio de tantas noites da sua vida.

Capítulo 7

A verdade era que, enquanto Carmen estivera refugiada na casa de banho da pastelaria, Ricardo tinha telefonado para os Alcoólicos Anónimos; havia um grupo em Ermesinde. Por sorte, ia haver uma reunião às nove da noite. Ele concordou imediatamente em participar e deixou a esplanada apressado, impossibilitando assim o reencontro dos dois.

*

Chegou quando faltavam vinte minutos para o início da reunião. Estacionara quase à porta do edifício. Com as duas mãos no volante, simulando uma calma que não sentia, olhou o horizonte, tentando ganhar coragem para o que aí vinha. De repente, não queria entrar naquela sala, talvez por vergonha de assumir o seu problema perante outros, ou talvez por ser doloroso sair da sua zona de conforto e enfrentar o desconhecido.

Aquele medo não era novidade. Ricardo estava a seguir o seu padrão. Por mais que tivesse negado, a dependência vivia dentro dele, era a voz na sua cabeça. *Porquê negares a ti mesmo o único prazer que tens na vida?*, sussurrava-lhe matreiramente, tentando transformar o vício em satisfação. Porém, desta vez, ele não se deixaria levar pelos pensamentos que o assaltavam no momento. Concentrou-se na respiração, para que a mente não se entregasse a pensamentos ardilosos. Fazer aquele telefonema fora o melhor passo que ele dera em largos anos, e começava a ganhar consciência

disso.

Nunca tinha frequentado nada do género. Não sabia o que esperar, e isso causava-lhe algum desconforto. Respirou fundo e estalou os dedos um por um, depois agarrou no telemóvel e saiu do carro. Encostado ao capô, fumou um cigarro. Mais um vício que ele carregava em si. O cigarro tentava ludibriar a mente, criando uma falsa sensação de tranquilidade.

Depois de um dia de muito calor, a noite estava agradável, e as pessoas aproveitavam para fazer a sua caminhada, na esperança de encontrarem a casa mais fresca ao regressarem. Ricardo viu grupos de três e quatro pessoas, que aproveitavam para pôr a conversa em dia, mas também havia quem estivesse de fones nos ouvidos e caminhasse sozinho, mais apressado ou mais devagar, conforme a condição física e a vontade de chegar ao destino. Ficou ali durante mais alguns minutos, observando a linguagem corporal de quem passava. Analisando os movimentos e as expressões faciais, tentava adivinhar o estado de espírito de cada pessoa. Reparou num casal equipado a rigor que caminhava sincronizado. Pareciam atletas olímpicos. Podiam ser um par da patinagem artística, daqueles que fazem o deleite dos apreciadores ao executarem em simultâneo os *spins*, sem falhas e em perfeita conexão. Suspirou e esfregou a cabeça, para mais uma vez ser assaltado por pensamentos sobre Carmen.

Afastando-se do carro, avançou até ao número 32 da Rua dos Descobrimentos. Parou diante do painel das campainhas. Tocou para o segundo direito. Ouviu o trinco, empurrou a porta e entrou. A caminho da sua primeira reunião, cada passo que dava era lento e indeciso. Tinha as mãos transpiradas e sentia gotas de suor a descerem-lhe pelas costas. O elevador estava parado no rés do chão, mas ele optou pela escada. Não tinha pressa em chegar, antes pelo contrário: queria ir-se embora quanto antes. Desejou que a reunião fosse rápida e que houvesse poucas pessoas. A palidez e a dor no estômago denunciavam a sua ansiedade, que aumentava a cada degrau que subia sozinho, sem ninguém a quem pudesse dar a mão

e que o ajudasse naquele momento decisivo. Mais do que nunca, desejou que Carmen estivesse consigo. Só agora dava valor a tudo o que ela fizera por ele. Antes, não tivera essa consciência, não vira que ela o ajudava a ser um homem melhor. Agora, não havia volta atrás. Chegara o momento de ele enfrentar os seus problemas, e teria de fazer isso sozinho. Pisou o primeiro degrau.

A meio da escada, o seu telemóvel vibrou. Recebera uma mensagem. Antes de entrar na sala, puxou o telemóvel do bolso. Desbloqueou-o, e a notificação fê-lo arregalar os olhos. Com a respiração suspensa, sentiu um choque elétrico a percorrer o seu corpo, e as pernas tremeram-lhe que nem varas verdes. Apressou-se a ler a mensagem, mal podendo acreditar que aquilo estava realmente a acontecer.

Sentira a presença dela praticamente o dia inteiro. Cheirara o seu perfume, o seu sorriso viera-lhe ao pensamento mil vezes e podia jurar que a vira no centro, embora ela se tivesse evaporado na multidão poucos segundos depois — daí ele pôr a hipótese de que aquela mensagem fosse uma alucinação.

Olá... Espero que este dia tenha sido recheado de sorrisos e amor. Um abraço de luz, Carmen

Esvaziando os pulmões ao fim de longos segundos, Ricardo não conseguiu acreditar que acabara de ler aquilo. *Ela enviou-me uma mensagem de parabéns?! Sentia-se estupidamente confuso, e o seu coração batia com tanta força que ele podia jurar que ecoava na escada. A mensagem fê-lo corar e abrir um sorriso tímido. Deu dois pulos de alegria, como um adolescente apaixonado.*

Sentou-se no degrau e viu as horas no telemóvel. Faltavam cinco minutos para a reunião começar. Tinha tempo para responder à mensagem e não chegaria atrasado. Passou-lhe pela cabeça não entrar, pois assim poderiam trocar mais mensagens. Estando lá dentro, não poderia responder e corria o risco de deixar a conversa a meio e parecer

desinteressado. Mas lembrou-se do que João lhe dissera. *Tenho de me amar e curar, para poder dar o melhor de mim*, repetiu para consigo. Não faltaria à reunião. Escreveu uma mensagem rápida a agradecer-lhe ter-se lembrado, abrindo caminho à esperança de haver outras futuramente, e depois retomou a subida, agora de dois em dois degraus, chegando num ápice ao andar onde seria a reunião.

A porta encontrava-se aberta, e ele entrou a medo. Foi recebido por um senhor simpático, que logo se apresentou como o responsável pelo grupo. Chamava-se António. Tinha um sorriso fácil. As linhas no rosto indicavam que a passagem do tempo se fizera sentir de forma abrupta, mas ainda tinha uma pele suave e brilhante. O cabelo era fino e grisalho, e ele penteava-o com risco ao lado. De alguma maneira, cada fio de cabelo parecia saber exatamente o seu lugar, e isso transmitia tranquilidade, criando empatia com quem chegava ali. Feitas as apresentações, António pediu-lhe para se sentar. As cadeiras estavam dispostas em círculo, a intervalos de um metro. Ricardo olhou à sua volta. Encontravam-se numa ampla sala de paredes brancas. Numa delas, estava um quadro com a frase «É possível recomeçar». Ao ler essa frase, ele teve a certeza de que aquele era o primeiro dia da sua nova vida.

Havia dez cadeiras, e estavam ali seis pessoas, incluindo Ricardo, que preferiu guardar alguma distância do grupo de quatro homens. Era visível que eles já se conheciam e que aquela não era a primeira reunião de nenhum deles, pois iam conversando num tom informal. Um pouco mais afastado, um homem cabisbaixo não parava de esfregar os joelhos com as suas mãos grandes. Estava tenso, tal como Ricardo, que só pensava em fumar.

— Bem, parece que não vem mais ninguém — disse António, fechando a porta. Veio sentar-se entre Ricardo e o homem das mãos grandes, que levantou a cabeça, revelando um rosto cansado, com uma pele baça, olheiras e papos sob uns olhos vazios de vida.

— Sejam bem-vindos a este encontro. Agradeço a vossa presença e a coragem de darem este passo tão importante para a vossa nova vida. Eu sou o António, e alguns de vocês já me conhecem. Para quem não me conhece — olhou na direção de Ricardo e do outro homem que se sentara sozinho —, sou um dos responsáveis pela associação, e o responsável por este grupo. Estou aqui para que, juntos, consigamos atingir os objetivos traçados por cada um, nomeadamente deixar o álcool para trás. Hoje, temos connosco duas novas pessoas. À minha direita, o Ricardo.

— Boa noite, Ricardo — saudou o grupo em coro. Ele cumprimentou-os com um aceno de cabeça.

— À minha esquerda, o Celestino.

— Boa noite, Celestino — repetiram eles em coro, mas desta vez não houve reação visível. Celestino não mexia um músculo. Estava colado à cadeira. Tinha um olhar distante, cansado, e a sua expressão era dura. Tinha cinquenta e cinco anos, mas aparentava mais idade.

— Quero que saibam que não estão sozinhos. Este grupo é para vos ajudar. Podem contar uns com os outros e comigo.

Ricardo assentiu, depois agradeceu a oportunidade de ali estar. António começou por dar a palavra a cada um dos quatro que se conheciam de reuniões anteriores. Qualquer um deles já levava mais de um ano sem beber, daí serem os primeiros a falar. O propósito era dar tempo aos dois estreantes para perceberem como funcionavam as reuniões. Antes de mais, eles tinham de se sentir à vontade. Não podiam ser forçados a nada.

Cada um dos outros falou da sua experiência com o álcool. Tinham começado por beber socialmente. Comentaram que, numa perspetiva cultural, a bebida era encarada como um rito de passagem dos homens. Que era a única droga acessível a todos, em qualquer lugar. Alguns contaram que tinham perdido o emprego, o que os fizera afundarem-se mais na bebida, pois viam tudo à sua volta a desmoronar-se. Outros contaram que a bebida os fizera perderem a família, a casa, o carro e até a

dignidade. Os quatro tinham um ponto em comum: não conseguiam resistir ao primeiro copo. Por outro lado, já tinham percebido que o alcoolismo era uma doença incurável. Estava nas suas mãos conseguirem controlar a doença. Para isso, tinham de encontrar forças para dizerem «não» ao primeiro copo.

Ricardo ouviu com atenção. Identificava-se com muitas coisas que cada um deles ia dizendo. Sem dúvida, o mais difícil era resistir ao primeiro copo. Depois disso, o mais frequente era ele parar quando perdia a consciência. Disse para consigo que tinha de marcar uma consulta com o médico de família, e talvez com um especialista. Estava decidido a nunca mais beber e a reconquistar a mulher que amava. Durante alguns segundos, Carmen tornou a ocupar-lhe o pensamento, e ele deixou de ouvir o que ali se partilhava.

Sentindo uma enorme vontade de fumar, começou a estalar os nós dos dedos. Carmen teria respondido à sua mensagem? Não queria alimentar ilusões, mas não conseguia evitar pensar que ainda podia haver um futuro com ela. Passou-lhe pela cabeça que talvez pudessem ser somente amigos, mas rapidamente afastou essa ideia absurda. Nunca conseguiria ser apenas amigo de Carmen. Tinha quase a certeza de que seria uma tortura estar com ela e não lhe poder tocar, beijar o seu corpo delicado como seda, cheirar os seus cabelos ou sentir-se dentro dela, umas vezes suavemente, outras de maneira mais selvagem, mas terminando sempre com uma explosão de prazer e amor. O olhar dele tornou-se ausente. Estava a recordar ocasiões em que fizera amor com Carmen. *Tive o ouro nas mãos e deixei-o fugir.* A frase balanceou na sua mente, antes de ele ser trazido à realidade.

— Ricardo? Ricardo?... — chamou António, fazendo-o voltar à terra. Ele arregalou os olhos. Sentiu as faces a aquecerem. Fora apanhado com o pensamento longe dali. Claro que nenhum deles sabia o que lhe ia na cabeça, mas ficou envergonhado na mesma. — Quer partilhar a sua

história connosco?

Em silêncio, ele olhou ao seu redor, momentaneamente bloqueado. Tinha a sensação de que as paredes se iam aproximando e temia ser esmagado por elas. Encheu-se de suores frios. O nó que tinha na garganta não o deixava emitir um som. Dando-se conta do desconforto que ele sentia, António tentou acalmá-lo.

— Respire fundo. Se não se sente confortável, não tem de falar.

Ricardo empalidecera, mas estava resolvido a fazer um esforço para se recompor e falar. Os outros olhavam-no, o que o deixava ainda mais desconfortável. Estava habituado a ser o centro das atenções quando saía à noite, mas aquela situação era diferente. Parecia-lhe que a sua privacidade estava a ser invadida. Cada olhar lhe perfurava a alma estilhaçada. Sabia que eles estavam ali para o ajudar e não para o julgar, mas sentia-se como se estivesse perante um juiz numa sala de tribunal, prestes a mentir sobre um assunto que ele doravante apenas queria abordar com total honestidade.

— Sente-se bem, Ricardo? — perguntou António.

Ele assentiu. Baixou o olhar e esfregou as mãos. Segundos depois, conseguiu puxar coragem do lugar mais profundo do seu ser.

— Olá a todos. Sou o Ricardo, tenho trinta anos e sou mediador imobiliário.

Todos, exceto um, mostraram um sorriso afável. Celestino mantinha uma expressão fechada, não demonstrando emoção.

— O álcool tornou-se o meu melhor amigo, o meu único companheiro, o meu maior amor — continuou Ricardo, falando pausadamente. — O álcool é o meu refúgio, o meu escape, o meu consolo e o meu anestesiante. Com ele, sinto-me bem, sinto-me vivo e feliz.

Fazendo uma pausa, olhou para António, que, movendo a cabeça, o encorajou a continuar.

— Mas eu sei que isso é uma ilusão. O álcool está a matar-me

lentamente e de maneira cruel. Está a destruir o meu corpo, a minha mente, a minha alma. Tornou-se o meu pior inimigo, o meu carrasco, o meu maior pesadelo. A minha prisão, a minha tortura, a minha ruína. Tirou-me a vontade de viver. Levou de mim a mulher que eu amo. Por causa dele, perdi a saúde, a dignidade e a esperança. Perdi-me a mim mesmo, e talvez seja essa a maior perda.

Todos naquela sala prestaram atenção a cada palavra que ele dizia, incluindo Celestino, que parecia ter despertado ao ouvir aquela voz sentida e estava surpreendido com o à-vontade de Ricardo ao desabafar diante de desconhecidos.

— Deixe-me dar-lhe os parabéns pela enorme força e coragem que demonstra — disse Raul, um dos quatro veteranos. — Mudar não é fácil, mas não é impossível.

— Eu quero mudar e melhorar, quero viver — respondeu Ricardo. — Mas não sei como, não sei por onde começar.

— Estar aqui já é um começo — assegurou-lhe Paulo, outro dos quatro participantes mais antigos.

— Eu sei, mas sinto que preciso de ajuda, de apoio e amor. Sei que não estou sozinho, que há outros como eu e que existe solução. Sei que há tratamento, há estes grupos de ajuda e profissionais qualificados. Sei que há esperança. Mas tenho medo.

— Compreendo — disse Raul. — Aliás, diria que todos nesta sala compreendem o que o Ricardo sente. Eu próprio senti esse medo, e ainda sinto. Não bebo há nove meses, mas há dias em que tenho medo de uma recaída. É normal. O importante é não alimentarmos o medo.

— É preciso coragem para assumir o problema e vir até aqui — fez-lhe ver António. — Nunca se esqueça disso. Já mostrou que quer mudar, que quer viver melhor e que tem a coragem e a vontade necessárias para fazer isso. Agora, só precisa de seguir os doze passos, confiar no grupo e acreditar em si.

— Sinto vergonha e culpa — confessou Ricardo, baixando o olhar. — Tenho medo de fracassar, de recair e desistir. Tenho vergonha de admitir o meu problema, pedir ajuda e enfrentar as consequências. Sinto culpa por tudo o que fiz ou deixei de fazer, por tudo o que criei de menos bom e pelo rasto de dor que deixei por onde passei. Ainda ontem bebi até cair, e, por mais que me tente convencer de que tenho controlo sobre isso, a verdade é que não tenho. Sinto-me uma merda de homem. A relação com o álcool é a mais duradoura que tenho na vida. Já lá vão dezoito anos.

— Em que altura surgiu a bebida? — perguntou-lhe António.

— Tudo começou numa noite cheia de violência, como era normal lá em casa. A diferença foi que era o meu aniversário. Fazia doze anos. Quando bebia muito, o meu pai batia na minha mãe. Dava-lhe pontapés e murros. Eu também fui vítima da sua ira. Cheguei a levar com o cinto. — Ricardo fez uma pausa. Respirou fundo, depois continuou. — Naquele dia, pensei que, se bebesse tanto como ele, teria força para o impedir de nos fazer mal. O meu pai tinha várias garrafas em casa. Eu já tinha tentado fazer-lhe frente algumas vezes, mas faltava-me força física para pôr um ponto final naquele pesadelo. Depois dessa noite, fui bebendo esporadicamente, sempre às escondidas.

» A nossa casa ardeu, o meu pai foi para França, e eu e a minha mãe fomos viver com familiares. Eu continuei a fazer isso em casa deles. Lembro-me de uma vez ter acordado de um pesadelo em que o meu pai batia na minha mãe e em mim. Fui à despensa, rapinei uma garrafa de vinho e bebi-a toda, depois tornei a adormecer e já não fui assombrado por pesadelos. Foi assim que tudo começou. Os pesadelos foram diminuindo, e a quantidade de álcool foi aumentando. Claro que, na altura, achei que aquilo fazia sentido. Eu era uma criança e não sabia lidar com todos os sentimentos que havia em mim. Não tinha culpa do que acontecia à minha volta, mas hoje serei culpado das minhas escolhas se não me curar.

Calou-se. O silêncio era total. Agarrou na garrafa de água que estava na

mesa no centro do círculo e bebeu um gole. Então, o silêncio foi trocado por uma salva de palmas de todos exceto Celestino, que parecia petrificado na cadeira. Os outros mostravam-se felizes. Com aquele desabafo, Ricardo dera um passo enorme para se curar, embora não tivesse consciência disso.

— Em primeiro lugar, parabéns, Ricardo — disse António, visivelmente emocionado. Percebia que Ricardo acabava de deitar cá para fora sentimentos que o sufocavam desde pequeno. — Reconhecer o seu problema e expressar os seus sentimentos mostra coragem e honestidade. Isso é um passo muito importante para a sua recuperação. Em segundo lugar, quero dizer-lhe que não está sozinho nessa luta. O alcoolismo é uma doença que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, mas tem tratamento e solução. Por fim, quero dizer-lhe que tem capacidade de superar o vício e mudar a sua vida. Tem qualidades, talentos, e sonhos e objetivos que se podem cumprir se o Ricardo se libertar do álcool. Tem força, coragem e fé para enfrentar os desafios e as dificuldades que surgirem no seu caminho.

» Eu sei que não é fácil. Sei que não é rápido nem simples. Mas também sei que é possível. E, mais do que possível, é necessário e urgente. Estou aqui para o ajudar, aliás, estamos todos aqui para o ajudar a encontrar a melhor maneira de se curar. Vamos acompanhar o seu progresso e celebrar as suas conquistas. Estamos aqui para o ouvir, compreender e apoiar. Estamos aqui para lhe oferecer esperança. E fico tremendamente orgulhoso por o Ricardo querer parar de beber. Os AA seguem um programa de doze passos. O primeiro deles é admitirmos a nossa impotência perante o álcool. Ora, esse passo, o Ricardo já deu. — Olhou-o nos olhos. — Um dia de cada vez. Só vos peço isto.

Fez-se ouvir um novo aplauso, e até Celestino mostrava uma expressão menos fechada. Ricardo sentia-se mais leve. Libertara emoções negativas e reconhecera algumas dificuldades, bem como o desejo de trocar o círculo vicioso do álcool pelo círculo virtuoso da recuperação. Começava a

acreditar em si próprio. Ouviu mais frases de apoio e encorajamento. Quase todos quiseram agradecer-lhe pelo testemunho partilhado.

Chegara a vez de Celestino. Em poucas palavras, ele disse que ainda não se sentia preparado para partilhar a sua experiência, mas que talvez falasse num próximo encontro.

— Não há problema nenhum, Celestino. Esteja à vontade. Quando se sentir preparado, cá estaremos para o apoiar — disse António, num tom afável.

— Obrigado — respondeu Celestino. A sua voz rouca lembrava um disco de vinil arranhado, gasto pelo tempo que ele carregava no seu semblante pesado.

A reunião terminou, todos se levantaram, e, um por um, os outros avançaram para abraçar Ricardo e Celestino. Celestino não reagiu ao abraço, mas também não o recusou. Já Ricardo ficou surpreso, mas não resistiu a retribuir o gesto. Sabia-lhe bem ser abraçado. De cada vez que um deles o tomava nos braços, ele sentia-se amparado e um pouco mais esperançoso. Talvez só agora compreendesse verdadeiramente o significado da palavra «esperança».

Ficaram ali em amena cavaqueira. Alguns falavam de futebol, outros de política. A energia do grupo era vibrante, e Ricardo sentiu-se bem na companhia daquelas pessoas que enfrentavam o mesmo problema que ele, provas vivas de que era possível sair do vício. Deixaram a sala passados alguns minutos, e cada um seguiu o seu caminho. Na semana seguinte haveria uma nova reunião. E Ricardo estava disposto a aguentar até lá sem beber.

Capítulo 8

Sentado ao volante do carro, Ricardo deixou-se estar ali parado durante vários minutos, pensativo, tentando processar o que tinha acontecido na reunião. Estava surpreso com a honestidade com que falara e abrira o coração perante desconhecidos. Não mentira, como sempre fazia, nem tentara desculpar-se dos seus atos — simplesmente assumira a responsabilidade. De alguma maneira, parte do fardo que ele carregava tinha ficado naquela sala.

Agarrou na mochila e tirou para fora um caderno e uma caneta. O caderno ainda não fora estreado. Cada folha estava imaculadamente branca — a cor da pureza. Fora-lhe oferecido por Carmen semanas antes de terem terminado, e Ricardo nunca tivera coragem de agarrar nele e escrever. Aquele caderno trazia-lhe recordações que ele não queria ter. Sempre gostara de escrever, mas, nalgum momento lá atrás, perdera esse hábito que tanto o ajudava a aliviar a dor. Quando escrevia, sentia-se livre. Sonhara ser escritor, mas o álcool fizera-o esquecer-se de que podia ser aquilo que quisesse. Da mesma maneira que ganhara coragem para iniciar o processo de cura, ganhou coragem para estrear aquele caderno. Abriu-o na primeira folha, segurou a caneta e começou a escrever — e, onnipresente, ali estava Carmen a guiá-lo.

Hoje tomei uma decisão. Uma decisão que vai mudar a minha vida. Uma decisão que venho adiando há muito tempo. Decidi deixar de beber. Sei que não vai ser fácil. Sei que vou enfrentar muitas dificuldades, muitas tentações, muitas

recaídas. Sei que vou precisar de muita força, coragem e determinação. Sei que vou precisar de ajuda, e o primeiro passo já foi dado. Mas também sei que não posso continuar assim. Não posso continuar a destruir a minha saúde, o meu trabalho e a minha dignidade. Não posso continuar a desperdiçar a minha vida, a minha felicidade, o meu potencial. Não posso continuar a ser escravo do álcool.

Quero ser livre. Quero ser saudável. Quero ser feliz. Quero ser eu mesmo. Por isso, estou disposto a lutar. Vou lutar contra o vício, contra o medo e o desânimo. Vou lutar pela recuperação, pela esperança e pela renovação. Vou lutar pelo meu futuro e pelo meu sonho, pelo meu propósito. Sei que não estou sozinho nesta luta. Sei que tenho o apoio do João, dos colegas dos AA e dos profissionais que irei procurar. Sei que tenho o apoio de Deus, do Universo, da Vida. Tenho de fazer as pazes com Deus e acreditar n'Ele. Carrego há muito tempo esta mágoa que guardo d'Ele, pois vivi o inferno em minha casa. Nesses anos, odiei-O durante cada segundo. Sei que me afastei Dele, que O ignorei, que O rejeitei. Mas hoje quero fazer as pazes com Deus e comigo.

Hoje tomei uma decisão. Uma decisão que vai mudar a minha vida. Hoje decidi deixar de beber.

Antes de guardar o caderno, leu aquilo em voz alta uma dúzia de vezes para se mentalizar. Chorou da primeira vez e nas duas seguintes. Tinha as emoções à flor da pele e a sensibilidade de um recém-nascido. Naquele momento, ele era isso mesmo. Estava a nascer. Teria de morrer para renascer como um novo homem.

Saiu do carro e, encostando-se a ele, olhou o céu estrelado e pediu à mãe que o guiasse. Acendeu um cigarro. Quando o terminou, entrou no carro e arrancou em direção a casa. Fora um dia muito intenso. Estava cansado, mas, ao mesmo tempo, sentia uma força inexplicável, que lhe revigorava o corpo e a mente. Uma pequena centelha de esperança começava a ganhar vida dentro do seu peito. Acreditava que ia conseguir ultrapassar a tormenta em que vivia.

Parado num semáforo, verificou se tinha recebido alguma mensagem de Carmen. A intensidade da reunião fizera-o pô-la em segundo plano. Entristecido, constatou que não havia mais mensagens. Apoiou a cabeça no volante e assim ficou até o semáforo passar a verde. Quando tornou a arrancar, já não estava a caminho de casa. Passou pela entrada norte do parque urbano e, alguns metros à frente, virou à direita e entrou na rua de Carmen. Descobriria que ela morava ali por coincidência — se tal coisa existia. Acontecera numa ocasião em que ele estava a fazer prospeção imobiliária. Vira Carmen a entrar naquela casa e ser recebida pela *Luna*. De longe, mirando-lhe cada movimento, sentira amargura no peito. Desde então, evitava aquela rua.

Abrandou ao passar pela casa, e então reparou que a luz do pátio estava acesa. Quando viu dois vultos no exterior, foi como se levasse um soco no estômago. A sua mente levou-o de imediato para um cenário romântico com outro homem. Consumido pela frustração, sentiu o coração a acelerar. Batia como um sino em dias de funeral. Os pneus do carro chiaram quando ele acelerou para sair rapidamente dali. Não queria arriscar ver algo que o pudesse magoar ainda mais, sobretudo naquele dia.

*

— Anda por aí alguém a fazer *rally* — comentou Raquel, olhando na direção da rua.

— Deixa-o ir em paz — respondeu Carmen, levantando-se para ir pôr a louça na bancada da cozinha.

— Eu deixo. Só não o quero encontrar quando me for embora. É cada tolo na estrada...

Carmen voltou com os cafés, e tornou a ser questionada sobre o cancelamento do jantar com Miguel. Durante a refeição, fugira às investidas da amiga, aguçando ainda mais a sua desconfiança. Cada vez

mais, Raquel tinha a certeza de que o culpado fora Ricardo.

— Como é?! Vais dizer de uma vez por todas qual foi o verdadeiro motivo para cancelares o jantar com o Miguel? — De costas apoiadas na cadeira e braços cruzados, Raquel esperava pela resposta. Ficando séria, Carmen encarou-a sem desviar o olhar. Sabia que não podia continuar a fugir e nem sequer desejava prolongar aquele jogo do gato e do rato. — É o Ricardo, certo? Ele voltou a procurar-te, foi isso? — perguntou Raquel, com todas as certezas do mundo. Estava impaciente. Carmen esboçou um sorriso ao ouvir aquilo. Os seus olhos refletiram um brilho intenso. — Não! Diz-me que não é por causa dele!

— É o Ricardo, sim — confirmou Carmen.

— Mas tu estás doida?! Já esqueceste o que passaste com ele, por acaso? Tu não faças isso! — Raquel levou as mãos à cabeça, não escondendo o desespero. No passado, perdera a conta às vezes que avisara Carmen, e começava a achar que a amiga era um caso perdido.

— Calma. É o Ricardo, sim, mas ele não me procurou.

— Não te procurou? — interrompeu Raquel, com a sua habitual brusquidão. — Foste tu a procurá-lo?! Ainda pior!

— Calma, deixa-me falar primeiro. Não me julgues antes de eu te contar.

— Siga. Diz lá tudo, que eu fico calada. Mas aviso já que estou a ferver por causa daquele canalha.

— Deixa-me explicar o que aconteceu. Hoje vi o Ricardo no centro. Não falámos, e ele não me viu, mas percebi que os meus sentimentos por ele não morreram. Acho que ainda o amo.

— Como é que consegues continuar a amar esse traidor mentiroso e manipulador? — barafustou Raquel, agitando energicamente as mãos, incrédula com aquilo que ouvia. — Não compreendo!

— Tem calma — pediu Carmen, no seu habitual tom doce. Segurou a mão da amiga.

— Calma?! Como posso eu ter calma quando vejo que vais destruir novamente a tua vida por causa de um homem que não vale nada? Consegues explicar?

— Não aconteceu nada, nós nem sequer falámos. Simplesmente acho que ainda tenho sentimentos por ele, e não posso enganar o Miguel ou outro homem. Acima de tudo, não me vou enganar a mim própria. Não posso negar aquilo que sinto.

Raquel abanava a cabeça, reprovando tudo o que estava a ouvir. Não queria acreditar que aqueles sentimentos por Ricardo ainda moravam no coração da amiga.

— Os homens não valem nada — declarou, agarrando as mãos de Carmen. — Não quero que voltes a sofrer, Zoguelha. Muito menos pelo Ricardo.

— Eu sei, Raquel. A tua preocupação é real, mas o amor é um sentimento complexo e difícil de explicar. Eu sei que ele me magoou, mas sinto esta conexão com ele e não a consigo explicar. É algo que nunca senti com ninguém. Além disso, já o perdoei há muito.

— Isso eu já sabia. Tu és a Madre Teresa de Calcutá. Perdoas toda a gente e não guardas rancor.

— Não vale a pena guardarmos esses sentimentos na nossa vida. Aos poucos, eles corroem-te por dentro, deixando-te amarga e revoltada com tudo.

— Não vires a conversa para mim, que estávamos a falar de ti e daquele traste!

— Nem falei com ele! Imagino se tivesse falado. Viravas-me ao contrário.

— Acorda para a vida. Ele não te ama, nem nunca te vai amar. É um mulherengo.

— Ele *era* isso, não sei se ainda é...

— Oh, foda-se, tu queres ver?! — protestou Raquel.

Carmen não conseguiu conter uma gargalhada. Adorava a espontaneidade sem filtros da amiga. Levantou-se para ir à cozinha.

— Vou buscar uma míni, queres alguma coisa?

— Só pode ser da cerveja... Quantas bebeste?

— Não sejas tola. Sabes bem que não bebo mais de duas, e é uma vez por ano.

— Eu sei lá... Depois disto, já não sei nada. Mas traz lá uma para mim.

Carmen voltou com duas mínis, e Raquel recomeçou a desfiar o rol da sua indignação.

— Das duas, uma: ou é teimosia ou ilusão. Ah! Falta outra! Pode ser sadomasoquismo! Ou todas estas coisas juntas! — disse Raquel, depois de dar um gole na míni. — Mas tu é que sabes. Continuo a achar que o Miguel era perfeito para ti. Iam ter uma ninhada de filhos e envelhecer juntos.

— Quer-me parecer que comesas a acreditar no amor... — disse Carmen, sorrindo com malícia.

— Era só o que me faltava — desvalorizou Raquel, revirando os olhos.

— Acho que o amor ia mudar tudo na tua vida. Quando encontrares alguém que dance a mesma música que tu, o teu coração vai ficar doce como mel.

— Não me faças rir. Além de eu não acreditar nos homens, não quero ficar tolinha como tu. Já me bastou o Daniel ter-me posto os cornos com a sonsa da Cláudia.

— Tens de ultrapassar o que aconteceu com o Daniel. Já lá vão uns aninhos.

— Já ultrapassei. Por isso é que não quero ninguém a tempo inteiro. Assim não lhes dou tempo para pularem a cerca. Pulo-a eu, e vou para longe deles.

— Tu amavas o Daniel. Sofreste muito, mas nem todos os homens são iguais.

— Ah, não?! Olha que o Ricardo se revelou uma cópia do Daniel. Devem ser da mesma fornada. Ainda não encontrei outra que fosse diferente. Só querem mamãs e rabos. Eles que se fodam todos.

— Ainda vamos ser felizes, vais ver — afirmou Carmen. O jeito da amiga fazia-a sorrir.

— Eu sou feliz. Já tu vais direitinho para o buraco outra vez.

— Eu amo o Ricardo.

— Outra vez arroz, Carmen?! Ele vai fazer-te o mesmo. É um mulherengo.

— Eu sinto que ele está diferente. Notei uma mudança quando o vi no largo da estação. Chama-lhe pressentimento ou sexto sentido, mas alguma coisa me diz que estou certa.

Por momentos, o silêncio tomou conta das duas. Pensavam na conversa que acabavam de ter. Carmen observou as estrelas, enquanto Raquel manteve o olhar fixo no horizonte, até que se fitaram, olhos nos olhos. Sorriram. Adoravam-se, protegiam-se mutuamente e desejavam a felicidade uma da outra. Carmen queria ver a amiga ultrapassar os sofrimentos passados, que ela carregava como um fardo. Para Raquel, os homens eram escória. Não lhe seria fácil ultrapassar a tentativa de violação do padrasto. Talvez nunca fosse capaz disso. Carmen sabia que Raquel continuava a ter pesadelos envolvendo essa situação. Algumas imagens teimavam em não desaparecer da sua memória, e, quando finalmente se entregara a um homem, Daniel, ele traía-a com uma amiga de ambos. Fora uma fase terrivelmente má para Raquel, que estava perdidamente apaixonada por ele. Com o apoio de Carmen, ela conseguira sair do buraco, mas então erguera uma barreira entre si e os homens. Carmen ansiava por ver aparecer alguém que amasse Raquel como ninguém a amara, e que isso a ajudasse a ultrapassar as dores.

— Só não quero que sofras. Lá no fundo, claro que sei que ainda o amas... que nunca deixaste de o amar. É óbvio. Só te peço para teres

cuidado. Não faças nenhuma asneira. Além das traições, já sabes que ele não controla a bebida.

— Eu sei que te preocupas comigo. Mas, até aqui, não aconteceu nada de mais, tirando eu hoje ter tido a prova de que ainda o amo. Quando nos conhecemos, algo mágico aconteceu. Era como se já o conhecesse há muito tempo. De outras vidas, ou assim. Não consigo explicar por palavras. Eu sei que ele também me amava, mas sentia tanto medo... Ele tinha medo do amor, compreendes?

— Continuo a não perceber, mas tu és adulta. A minha opinião mantém-se. Ele é um traste que nunca vai mudar nem ter consciência.

— Acredito que todos podemos mudar, evoluir, que nos podemos tornar pessoas melhores. Não esqueci o passado, mas não vou voltar a viver nele. Quero viver o agora, como sempre vivi, e não te vou esconder: se o Ricardo for o mesmo de antes, não o quero de regresso à minha vida. Não houve só coisas más na nossa relação, também vivemos momentos felizes. Sem o álcool, o Ricardo era uma pessoa totalmente diferente. Era carinhoso, atento e muito romântico. Ele é o amor da minha vida, a minha alma gémea. Por outro lado, sei que nem sempre podemos viver esses grandes amores que nunca acabam. Tudo tem um fim... mas gostava muito que o fim deste amor fosse no fim das nossas vidas.

— Já não digo mais nada... O que me apetecia era ir ter com o Ricardo e dizer-lhe que nem pense em te procurar, que nem sequer pense em ti, senão está feito comigo. Mas não vale a pena, já vi que não. E ainda dizem que o amor é lindo! Eu cá digo que é fugir do amor...

— Ainda te vou pedir que sejas a madrinha do nosso casamento — disse Carmen, sorrindo com malícia.

— Cruzes, credo! Vira essa boca para lá! — Raquel benzeu-se, depois sacudiu o corpo, como que exorcizando algo mau.

Mudaram de conversa. Falaram de coisas banais e do dia a dia, sem voltarem ao tema do amor. Pouco depois, Raquel foi-se embora, e Carmen

ainda lavou a louça antes de ir dormir. Era incapaz de deixar louça suja de um dia para o outro. Gostava de ter tudo limpo e organizado. Não conseguia viver no meio da desarrumação, mas, ironicamente, aquilo que pensara ter arrumado de vez nas gavetas do seu coração viera dizer-lhe que afinal ainda havia caminho. Antes de adormecer, pensou nas palavras de Raquel. Não deixava de lhe dar alguma razão, mas o seu coração chamava por Ricardo, e falava cada vez mais alto do que o lado racional.

Carmen tinha muito medo de se entregar novamente a quem já lhe fizera mal. Tentou afastar aqueles pensamentos, caso contrário não conseguiria adormecer. Percebia que podia estar a pisar terreno perigoso, mas sabia que tinha de correr o risco. Não havia outra maneira de ela seguir em frente, mesmo que Ricardo se revelasse a mesma pessoa de antes. Na verdade, Carmen sabia que ele já não era esse Ricardo, e tinha esperança de que a mudança fosse para melhor. Não sendo, ela teria de largar e deixar ir. Também isso era amor.

Capítulo 9

Em 2008

No centro da cidade da Maia, o McQueen estava cheio. Frequentado por todos os jovens maiatos e por outros de cidades vizinhas, tornara-se o bar da moda e foi um dos mais badalados daquela altura. Inspirado em Steve McQueen — a quem chamaram *King of Cool* pelo estilo e pelas atitudes icónicas —, era um lugar sofisticado, elegante e refinado, pensado sobretudo para apreciadores de cinema. Serviam-se refeições, apreciavam-se iguarias locais e petiscos, e havia música ao vivo. Reservado a celebridades e pessoas influentes, o *lounge bar* era possivelmente a sala mais influenciada por McQueen. Com o seu teto alto, sofás Chesterfield e uma lareira acolhedora, era um verdadeiro santuário ao falecido ator e apaixonado por motos. Num canto, estava uma réplica da primeira moto dele, uma *Indian Chief* de 1946, e, espalhadas pelas paredes, havia várias referências a filmes em que ele havia participado, especialmente aquele que o consagrara e pusera na ribalta: *Os Sete Magníficos*.

Ricardo e os amigos estavam entretidos a beber umas cervejas e a degustar um pica-pau enquanto esperavam por Daniel, que ia aparecer com Raquel, a namorada. Pouco passava das onze quando os dois entraram no McQueen e se dirigiram para a mesa onde estavam os amigos. Raquel trouxera a melhor amiga, que regressara de Londres havia pouco tempo, daí que ninguém na mesa a conhecesse. No palco, a banda estava a tocar «Bed of Roses», dos Bon Jovi. Naquele momento, o pianista lançou-se

num solo a que nenhum casal apaixonado resistia. Ricardo e os amigos brindaram à vida e entornaram acidentalmente alguma cerveja na mesa. A meio do percurso, as duas jovens desviaram-se para ir à casa de banho.

— Vens sozinho? — perguntou Carlos, estranhando ver Daniel sem a namorada. Quando ele ia responder, Ricardo antecipou-se.

— Elas foram à casa de banho — explicou calmamente, surpreendendo todos na mesa.

— Tu viste? No meio desta confusão?! — perguntou Daniel, admirado.

— Sim, vi quando entraram. É uma coisa assim tão fora do normal? — perguntou Ricardo, encolhendo os ombros.

— Não é fora do normal, tu é que nunca vês nada e estás sempre aluado. Por isso, sim... é *mesmo* anormal — disse Catarina, a namorada de Carlos, causando uma explosão de gargalhadas na mesa.

— Alguma coisa me disse para olhar para a porta naquele momento. Não sei explicar. Parece que ouvi um sussurro ao ouvido.

Os outros olharam-no, pasmados. Não percebiam se ele falava a sério ou se aquilo era gozo. Naquela altura, Ricardo estava sempre com piadas, portanto, vindo dele, nunca se sabia.

— Já não vem mais cerveja para esta mesa! O gajo já está todo queimado! — brincou Carlos.

Ricardo encolheu os ombros, resignado a não o levarem a sério. Pensativo, pouco se movendo, fitava o copo de cerveja pousado à sua frente. Então, tornando a sentir um sussurro ao ouvido, levantou a cabeça, e o seu olhar encontrou o olhar da amiga de Raquel, que se imobilizou, presa nos olhos dele. Um e outro sentiram um arrepio a percorrê-los da cabeça aos pés. Tinham as pupilas dilatadas. Dopamina, adrenalina, ocitocina, serotonina — todas lhes invadiram o corpo. Não conseguiam desviar o olhar um do outro. Naquele momento, não existia mais nada senão eles os dois. O mundo parara, desaparecera, e nem o piano se fazia ouvir. Ricardo estava hipnotizado. Nem sequer sabia o nome daquela

mulher, mas desejava-a como nunca desejara ninguém. Sentia-a familiar, embora fosse a primeira vez que a via. Algo lhe dizia que os seus corpos já se conheciam de outro tempo.

Quando ela se aproximou, Ricardo levantou-se e puxou a cadeira ao seu lado, convidando-a a sentar-se junto dele. Os outros estacaram de surpresa perante o que viam, mas eles nem se aperceberam; não estavam ali. Naquele momento, viajavam num mundo encantado. A atração fora imediata. Entre eles, havia um magnetismo inexplicável.

— Muito grata — agradeceu ela ao sentar-se. Estava envergonhada e sorria timidamente. Os seus olhos pareciam duas estrelas cintilantes. Tentou desviá-los do olhar dele, mas sem sucesso.

Ricardo devolveu-lhe o sorriso. Tremia por todo o lado. Parecia-lhe estar enregelado, mas, por dentro, era uma fogueira que ardia com labaredas altas que nenhuma chuva ou tempestade conseguiriam apagar. Continuou de pé durante mais alguns segundos, olhado por todos eles menos pela amiga de Raquel, que, com um jeito tosco, baixou o rosto. Estava claramente apaixonada. Percebendo isso, Ricardo ficou atrapalhado e envergonhado. Sentou-se à pressa e deu um gole na cerveja.

— Malta, esta é a Carmen — apresentou-a então Raquel, quebrando o silêncio que descera sobre a mesa.

Os amigos explodiram em risota, deixando os dois apaixonados muito vermelhos e com vontade de se esconderem. Os outros não tocaram no assunto diante deles, mas Raquel não parava de fazer sinais à amiga, ora com a cabeça ora com os olhos. Corada, Carmen não sabia bem o que fazer.

Os dois não trocaram uma palavra enquanto ali estiveram, mas sentiam o calor do corpo um do outro. Houve um momento em que as suas pernas roçaram debaixo da mesa. Ambos ficaram petrificados, sem saberem como reagir. Mantiveram o contacto físico durante alguns segundos, desejando que ele continuasse. Cada um deles queria tocar e sentir o outro, mas veio o medo de estarem a abusar e desviaram as pernas ao mesmo tempo, tudo

isto sem nunca se olharem.

As horas iam passando, e o grupo decidiu ir a uma discoteca. Distribuíram-se por dois carros. Ricardo e Carmen foram com Daniel e Raquel. De repente, ali estavam eles, sentados lado a lado no banco traseiro do carro de Daniel, e não se tratava de um acaso. Ricardo fizera aquilo acontecer. Esperara até ficar resolvido em que carro iria Carmen e então dissera prontamente que também ia com eles. Daniel pusera-se a dar-lhe cotoveladas, incentivando-o a avançar, mas Ricardo fazia-se de desentendido e não dizia nada. Ninguém percebia o que se estava a passar com ele. Era um jovem conquistador que não perdia uma oportunidade, mas ali estava ele, encavacado e sem jeito, sem ideia do que fazer ou daquilo que sentia.

No carro, Daniel e Raquel falavam sem parar. No banco traseiro, reinava o silêncio. Carmen e Ricardo tinham medo. Ele perdera aquela espontaneidade que nunca lhe faltava quando via uma mulher bonita. Estava confuso, sem saber como agir. Durante a viagem, tentou ganhar alguma clareza sobre aquilo que sentia, mas sem sucesso. Aquele sentimento desconhecido consumia-o como um fogo ardente. Carmen estava como ele. Tentava não se mexer e disfarçava o nervosismo olhando pela janela e vendo as luzes da cidade ao longe. Perguntava-se que sentimento seria aquele. Na verdade, um e outro sabiam bem qual era a resposta, mas achavam-na impossível, principalmente Ricardo, que nunca sentira nada igual.

A meio da viagem, a mão dele deslizou para Carmen, procurando a mão dela, que estava pousada no banco, a vinte centímetros dele. Não aguentando mais o emaranhado de emoções que lhe corria pelo corpo, Ricardo arriscou tocar suavemente no dedo dela. Sem retirar a mão, deixando-se estar exatamente como estava, Carmen mordeu o lábio e corou. Sentia a temperatura do corpo a subir. Ricardo encheu-se de coragem e pôs a mão sobre a dela, acariciando-a com o polegar. Cada gesto

que fazia era ínfimo e delicado.

Carmen baixou o olhar e sorriu com timidez. Gostava daquilo que estava a sentir. Ganhando mais confiança, ele segurou-lhe a mão e entrelaçou os dedos nos dela. Olhou-a sorrateiramente, à espera de que ela levantasse o rosto e o fitasse de volta. Envergonhada, ela acabou por o fazer e depois sorriu-lhe timidamente. Ricardo devolveu-lhe o sorriso. Não trocaram uma palavra durante todo o trajeto, entregaram-se ao silêncio do momento. O olhar deles dizia tudo e era cada vez mais intenso.

Daniel e Raquel continuavam na conversa, distraídos — ou talvez não — da história que nascia naquele momento, até que, perto da discoteca, Raquel olhou para trás e viu que os dois rouxinóis apaixonados estavam de dedos entrelaçados.

— Eh, lá! Vais para onde, carago? — exclamou, surpreendida.

Ricardo e Carmen ficaram vermelhos como pimentos, mas não soltaram as mãos. Carmen sabia que, mal chegassem à discoteca, Raquel a levaria para um canto ou, mais provavelmente, para a casa de banho, para saber mais pormenores.

Estacionaram a alguns metros da discoteca. Saíram do carro e esperaram pelos outros, para entrarem todos juntos. Carmen e Ricardo já não estavam de mãos dadas, e, andando de um lado para o outro, ele dava passas demoradas num cigarro, até que parou.

— Então? Eles foram deixar o carro a casa?! — perguntou de repente. Tinha os ombros tensos e estava cada vez mais impaciente.

— Já conseguiram lugar. Estão a caminho — respondeu Daniel.

Ricardo não disse mais nada. De vez em quando, esgueirava o olhar para Carmen. Sentia uma enorme vontade de lhe tocar, de inspirar o perfume da sua pele e beijar aqueles doces lábios. Nunca quisera tanto abraçar alguém e sentia-se um parolo às aranhas. Desejava-a desde o primeiro olhar.

Entretanto, o grupo tornara a juntar-se. Caminharam em direção à

porta da discoteca. Na frente, iam Raquel e Carmen, e Raquel tentava tirar nabos da púcara. Sorrindo timidamente, Carmen não dizia grande coisa que satisfizesse a curiosidade da amiga. A verdade era que nem ela sabia o que estava a acontecer. Tinha uma única certeza: aquele sentimento fazia-a feliz. Ricardo seguia atrás delas, juntamente com os outros. Enquanto os amigos falavam e projetavam a noite que aí vinha, ele guardava silêncio. De vez em quando, acenava com a cabeça, fazendo de conta que os escutava.

Por fim, entraram no Zenith, um dos clubes mais famosos do Porto e da zona norte do país. Os DJ e artistas internacionais que recebia frequentemente tornavam-no também um dos estabelecimentos de diversão noturna mais prestigiados do Norte. O interior era moderno e elegante, com uma decoração minimalista e iluminação sofisticada. A seleção musical era variada, mas geralmente focada na música eletrónica, com ênfase no *house* e no *techno*. O clube tinha dois pisos: um terraço com vista para o Douro, onde os clientes podiam apreciar a paisagem e conversar; e uma sala VIP para convidados especiais. As luzes coloridas criavam uma atmosfera de festa. A música pulsante fazia vibrar o chão e as paredes e convidava o corpo a obedecer ao ritmo das batidas. Carmen e Raquel avançaram para a pista. Os rapazes ficaram no bar, de bebida na mão, olhando para tudo e todos, fazendo o reconhecimento do espaço como bravos caçadores que eram.

Carmen dançava com a alma. Ela amava abandonar-se à música, era a sua maneira de se expressar e de se libertar, de se realizar. Na pista, ela era pura elegância e beleza, encantando todos os que a viam, mas sobretudo Ricardo, que estava vidrado nela. Naquela noite, Carmen sentia a música ainda mais intensamente. Estava apaixonada por um homem sobre quem nada sabia, mas tinha a certeza de que se conheciam de outras vidas, e cada movimento do seu corpo era a afirmação de que o desejava. Voltando-se, lançava-lhe olhares que o deixavam perdido e seduzido, rendido à

sensualidade daquele corpo.

Quando ela dançava, sentia-se feliz, em harmonia consigo e com o mundo. Sentia-se viva, plena e completa. Deixar o corpo reagir à música era a sua vida, a sua alma, e Ricardo conseguia ver-lhe a provocação no olhar, até que pousou o copo e avançou para ela com passos lentos mas decididos. Ela abrandou o ritmo. Parecia segura, mas, por dentro, tremia como varas verdes. Sentia a ansiedade a crescer à medida que Ricardo se aproximava, até que ele parou a dois metros dela. Carmen imobilizou-se e encarou-o. Durante um longo momento, foi a única coisa que conseguiram fazer. Petrificados, olhavam-se fixamente, sentindo-se adolescentes outra vez. O mundo tornara a parar. Tudo à sua volta deixara novamente de existir, e nem repararam que Raquel e os amigos olhavam aquela cena, que parecia saída de um filme de Hollywood.

Carmen sorriu e estendeu a mão, convidando Ricardo a juntar-se a ela. Ele retribuiu com um sorriso encantador. Aproximando-se dela, quis falar, mas apenas conseguia pensar que ela era lindíssima, e então estremeceu, e as palavras ficaram-lhe presas na garganta. Os seus corpos colaram-se, e, aos poucos, as suas bocas foram-se aproximando, escravas do desejo ardente de sentirem os lábios do outro. Ricardo acariciou-lhe a face, como se pedindo permissão para o que viria, mas um empurrão de passagem acabou abruptamente com a cena de filme. Eles riram e trocaram um olhar cúmplice, não dando importância àquele anticlímax. Sabiam que o beijo estava próximo de acontecer.

Murmurando-lhe ao ouvido, Ricardo propôs-lhe saírem para o terraço, onde haveria menos confusão. Ela aceitou de imediato, e subiram a escadaria num passo apressado, ele na frente, ela logo atrás, segurando-lhe a mão.

Foram para o fundo do terraço, onde havia menos pessoas. Lado a lado, apreciaram a noite na cidade. O luar brilhava nas águas calmas do rio. Silenciosos, eles admiraram a vista, gravando na memória cada momento

daquela noite, para mais tarde recordarem. Inesperadamente, começou a morrinhar uma chuva miudinha, mas eles não deixaram que isso os demovesse e ali ficaram, de novo olhos nos olhos. Ricardo procurou a mão de Carmen. O desejo de a beijar era avassalador. Acariciou-lhe a face e, muito devagar, ao som da chuva, os seus lábios aproximaram-se. Quando se tocaram, a magia aconteceu. Os corações vibraram, palpitando como um tremor de terra. Os corpos estremeceram. Foi um beijo suave, abençoado pela chuva, que regava a semente de um amor acabado de brotar. O olhar dela dizia-lhe que queria sair dali com ele. Era um olhar capaz de iluminar as noites mais escuras, só comparável ao brilho da Lua.

Capítulo 10

Em 2008

Depois daquela noite em que os seus olhares se tinham cruzado, os dois jovens apaixonados tornaram-se inseparáveis. Ricardo não quisera tirar um curso e trabalhava numa livraria. Fazia sempre o horário da manhã e todos os dias ia esperar Carmen à porta da faculdade no fim das aulas. Se ela tinha de estudar, ele ficava simplesmente ao lado dela, a ler um livro. Nalguns momentos, levantava os olhos da página e observava a amada, e calhava ler-lhe um poema de vez em quando. Ele devorava a poesia de Sophia de Mello Breyner e adorava dizer aqueles versos a Carmen.

Para atravessar contigo o deserto do mundo

Para enfrentarmos juntos o terror da morte

Para ver a verdade para perder o medo

Ao lado dos teus passos caminhei.

Adorava a beleza dela, a cor dos seus cabelos, a voz melodiosa que o acalmava nos dias cinzentos e as curvas do seu corpo, mas, sobretudo, gostava da pessoa que ela era, sem tirar nem pôr. E gostava da pessoa que ele próprio conseguia ser quando estava com ela. Por sua vez, Carmen gostava dos sonhos dele, das piadas vindas do nada e do cheiro da sua pele. Não havia melhor sensação do que deitar a cabeça no peito dele e sentir-se amada. Amava a sua voz radiofónica, não só quando ele lhe lia um poema

— nunca ninguém declamara um poema para ela —, mas também quando lhe sussurrava ao ouvido que a amava. Desde o primeiro dia, ele ficara enfeitiçado por ela, e ela por ele. Contado, ninguém acreditaria num amor tão arrebatador.

Viviam um para o outro. Ricardo fazia tudo para a ver feliz, e Carmen queria que ele se sentisse amado e especial. Andaram de barco no Douro e observaram as tempestades de inverno no mar, sempre convencidos de que se tinham conhecido em vidas passadas. Ricardo ensinou-lhe a história da cidade de Guimarães, cidade que tanto amava e onde vivera com a mãe depois de a sua casa ter ardido. Mostrou-lhe a cidade de uma ponta à outra, dando-lhe a conhecer o Paço dos Duques de Bragança e o castelo. Nas tardes de domingo, nadavam na praia fluvial de Melres, banhada pelo Douro, e deixavam que o sol lhes escurecesse a pele. Carmen ensinou-lhe a valsa e a quizomba, que lhe corriam no sangue, ou não tivesse a sua mãe sido bailarina profissional. Ricardo tinha pés de chumbo, mas, com muita paciência, sorrisos e milhares de beijos, ela conseguiu que ele se afinasse na dança, ganhasse alguma leveza nos pés e ginguasse a anca nas notas certas. Numa de tantas noites em que os seus corpos se juntaram para uma dança ao luar, Ricardo ofereceu-lhe um colar com um pingente em forma de lua, que fora da mãe. Disse-lhe que nunca encontrara ninguém merecedor daquele adorno, e, percebendo o quão especial aquele colar era, Carmen nunca mais o tirou.

Numa madrugada abafada, saíram para caminhar junto ao mar. Estavam em frente à praia de Lavadores, perto da casa que Carmen dividia com algumas colegas. A Lua iluminava um céu que não acabava. Caminharam pela areia molhada, sentindo os pés beijados pelas ondas, até que Ricardo puxou Carmen para si, segurando-a firmemente pelas ancas. Unindo os lábios aos dela, Ricardo percorreu-lhe o corpo com as mãos. Tremendo ao toque daqueles dedos, Carmen não se conteve e suspirou-lhe ao ouvido. Olharam-se nos olhos e fizeram juras de amor eterno. Ricardo

fez a mão deslizar para a coxa dela, depois introduziu-a suavemente por dentro das cuecas, sempre a olhá-la nos olhos. Fazendo pequenos gestos circulares, masturbou Carmen, que se agarrou com violência às costas dele, arranhando-o de prazer. Momentos depois, Carmen procurou o sexo de Ricardo, agarrando-o com firmeza, desejosa de o sentir dentro de si, consumida de prazer e desejo. Mais uma vez, o mundo deixara de existir.

Num suave balanço, Ricardo fê-la deitar-se na areia. Mergulhou o rosto nos seios dela, fazendo-a ficar cada vez mais ofegante. Beijava-lhe os seios, depois a boca, e ela soltava gemidos de excitação. Acariciando-lhe os seios, explorou-lhe o corpo com a língua, provocando-lhe arrepios. Beijou-lhe a parte de dentro das coxas, fazendo-a estremecer. Pouco a pouco, ficou entre as pernas dela, beijando e acariciando o seu sexo, e ela implorava-lhe que a possuísse. Ele adia a satisfazer-lhe o pedido. Dava-lhe gosto estar no comando da situação.

Introduzindo dois dedos na húmida vagina, levou Carmen a soltar um grito de prazer, logo abafado pela mão dele. Com a língua, afastou os lábios até chegar ao clítoris, depois beijou-o e mordiscou-o. Carmen agarrava com uma mão a cabeça do amante e mergulhara a outra na areia, procurando algo que a ajudasse a conter o prazer que sentia. O seu corpo vibrava, e ela já nem se lembrava de que estava na praia.

Ricardo acelerou o movimento da língua, fazendo-a atingir o orgasmo. Carmen estremeceu de prazer e revirou os olhos, até que se aquietou. Com uma expressão apaixonada e um sorriso matreiro, Ricardo admirou a amada. Carmen puxou-o para mais perto e, ainda ofegante, beijou-o ardentemente. Colados, os seus corpos seminus pediam mais daquele fogo que sentiam. Ricardo apoiou as mãos na areia e ergueu o tronco, ficando de joelhos em frente à amada. Baixou um pouco os calções e encostou o seu peito ao de Carmen para voltar a beijá-la, agora lentamente, enquanto o seu pénis endurecia cada vez mais, roçando o ventre de Carmen. Ele penetrou-a devagar. Ela contorcia-se de prazer, revirando os olhos e

gemendo naquela noite escura iluminada pela Lua, que testemunhava o amor entre os dois. Ele penetrava-a com investidas suaves, deixando-a arrebatada ao sentir o amado dentro de si.

Naquele mar salgado de prazer, a adrenalina percorria-lhes os corpos sedentos de luxúria, num encontro de duas almas que dançam ao som da mesma canção. Carmen deixava escapar gemidos abafados, que enlouqueciam Ricardo, fazendo-o acelerar as investidas e levar Carmen à loucura. Ela já não segurava o seu corpo. Embora o areal estivesse deserto, havia o perigo iminente de serem descobertos, mas isso não os fazia parar. Carmen libertou-se e pôs-se sobre ele. A alça do *top* descaiu, expondo o seio esquerdo, que Ricardo acariciou. Agora escarranchada nele, Carmen cavalgava o pênis ereto de Ricardo, e ele estava maravilhado com aquela criatura selvagem. Carmen era uma visão. Ricardo não aguentou mais e sentou-se, e os dois ficaram encaixados, fundidos. Tinham-se tornado um só. Ele beijou-a e disse-lhe que a amava, e ela mordiscou-lhe o lábio inferior.

Rodando-a, ele deitou-a de barriga para baixo e levantou-lhe a saia. Despiu-lhe as cuecas e penetrou-a. De costas arqueadas, Carmen tornara-se sua prisioneira, deixara de estar no comando da situação, mas isso só lhe dava mais prazer. As investidas de Ricardo tornaram-se mais rápidas, e ele percebeu que não ia aguentar mais sem ejacular. Agarrou-lhe as ancas, levantando-a e fazendo-a apoiar-se nas mãos e nos joelhos. Carmen gemeu de prazer, enquanto ele a penetrava mais fundo. Antes de ejacular, ele rodou-a, deitando-a de barriga para cima. Queria tê-la olhos nos olhos e admirar a beleza da sua jovem amada no momento do orgasmo. Agora, estavam os dois em sintonia. Ele beijou-a apaixonadamente, e, com as pernas entrelaçadas nas costas do amante, Carmen saboreou a delícia do corpo dele colado ao seu. Cada vez mais ofegantes, não conseguiam pronunciar qualquer palavra. Olharam-se, e estava ali tudo. Devagar, Ricardo tornou a percorrer o corpo dela com beijos delicados. Carmen

deixou-se estar deitada de barriga para cima e, sobre ela, Ricardo apoiou as mãos na areia. Fitaram-se com amor. Naquele contacto visual, que nenhum dos dois queria interromper, vivia o desejo de um amor para sempre.

— Amo-te tanto... — sussurrou Ricardo.

— Também te amo muito. — Carmen abriu um sorriso rasgado.

— És tão bonita — murmurou ele, fazendo-a corar. — Tenho tanta sorte...

O sorriso dela tornara-se tímido. Segundos depois, Ricardo deixou-se cair a seu lado, e ficaram os dois a admirar o céu, onde a Lua brilhava. O mar cantava uma canção que os embalou. Sonharam um futuro. Eram felizes, e nada mais importava. Tinham a Lua, o mar e aquele amor, por vezes louco e selvagem, outras vezes sereno e seguro. Deitados no areal, ficaram de mãos dadas, a olhar as estrelas.

Capítulo 11

Quando viu os vultos na casa de Carmen, Ricardo ficou sem chão. Arrancou a alta velocidade, sem destino traçado. Percorreu três vezes a Avenida João de Deus. Não queria ir para casa, mas não sabia para onde ir. Continuou até à Igreja de Santa Rita e estacionou em frente do largo. Saiu do carro, bateu com a porta com violência e fumou mais um cigarro, enquanto olhava fixamente a fachada da igreja.

— Acabou... — murmurou, erguendo os olhos para o céu.

Perdera a pouquíssima esperança que ainda tinha de reconquistar Carmen. Soubera desde o início que seria uma missão impossível, mas havia uma réstia de esperança... que morrera talvez meia hora antes. Começou a andar à volta do carro, gesticulando e falando para si próprio. Tentava convencer-se a seguir em frente e lutava contra as vozes que lhe sussurravam para ir até um bar. Debateu-se, lutou e resistiu, mas acabou por ceder ao canto de sereia.

Tornou a entrar no carro, bateu com a mão aberta no volante e saiu-lhe um palavrão. Fez inversão de marcha, saindo em direção aos Jardins da Vila Beatriz. Lá estava a Biblioteca Municipal de Ermesinde, mas o seu destino era outro: o bar que ficava dentro dos jardins, a um minuto da biblioteca. Fora lá que comemorara o aniversário, e era ali que paravam os seus amigos dos copos.

Estacionou a poucos metros do bar e seguiu para lá, bombardeado por pensamentos. Estava a ser atacado por todos os lados, e os pensamentos negativos iam vencendo a batalha. Por mais que tivesse laivos de

resistência, não conseguia derrotar aquela voz que o empurrava para o bar, contrariando o que ele havia desejado, prometido e escrito no caderno apenas uma hora antes.

Vai beber, que te sentes melhor, ouvia nitidamente, embora não tivesse consciência do que estava prestes a fazer. O corpo ardia, como se tivesse febre, no limiar de explodir. Passou o portão com um arco em ferro que dava acesso ao jardim e, após quinze metros, cortou à direita e continuou em frente. Mais adiante, do lado esquerdo, ficava o bar. A sua alma gritava, desesperada, tentando salvá-lo do caminho que o levaria novamente ao precipício. Sabia que estava à beira de arruinar a sua vida, a sua saúde e o sonho de voltar para Carmen. Horas antes, prometera a si mesmo que não voltaria a tocar numa gota de álcool, fora procurar ajuda e dissera que desejava mudar. Agora, a cada passo que dava em direção ao bar, sentia uma força irresistível a arrastá-lo para o abismo. Ele tentava resistir, mas era inútil.

Sabia que ia ceder, que ia beber, que esqueceria as promessas que fizera a si próprio e que, no dia seguinte, acordaria com o mesmo remorso, a mesma dor e a mesma vontade de morrer. Estava aterrorizado. Queria libertar-se daquela força invisível que o empurrava para o bar, repetindo-lhe vezes sem conta que o melhor para ele era beber. Depois do primeiro copo, a dor desapareceria, e tudo ficaria bem. O primeiro gole de álcool saberia a liberdade, e Ricardo tinha consciência de que não era liberdade verdadeira, mas não sabia o que fazer para evitar o precipício.

Entrou e cumprimentou o porteiro, que, com um sorriso, lhe deu as boas-vindas e lhe estendeu um cartão de consumo. Havia muitas mesas livres. O bar enchia aos fins de semana, mas era quarta-feira, daí que estivesse um tanto vazio. Ricardo olhou em todas as direções, procurando alguém seu conhecido. A única cara familiar era o DJ, que lhe acenou. Estava a passar música *soul*. Ricardo escolheu uma mesa no canto do fundo, afastada das outras. Ao abrir caminho pelo meio das mesas, passou

por um homem grande, que, sentado a uma delas, estava de costas para ele. *Parece mesmo o Celestino*, pensou Ricardo. Não teve coragem de olhar para trás e verificar se era mesmo ele. Quando se sentasse, poderia olhar discretamente e descobrir se a suspeita se confirmava. Chegando à sua mesa, puxou uma cadeira e sentou-se voltado para o homem grande.

Era mesmo Celestino. Ficou tentado a ir ter com ele e apresentar-se. Podia dizer-lhe que o reconhecera da reunião dos AA. Podia convidá-lo para se sentar com ele, pensou, enquanto decidia o que ia beber.

— Que estupidez — murmurou baixinho, coçando a nuca. As reuniões dos AA não eram uma «futebolada» com os amigos ao sábado, em que no fim iam beber um copo e falavam do jogo por entre palmadinhas nas costas e grunhidos, olhando todos ao mesmo tempo quando passava um rabo de saia.

Celestino deixara-o curioso. Mostrara-se fechado e não partilhara a sua história com os outros. Ricardo sentia que ele guardava muita dor no coração, e isso era visível no seu olhar distante, sem vida nem esperança. Reparou que ele estava a beber uma água com gás e ficou surpreendido. Esperara ver uma bebida alcoólica.

Pediu uma cerveja ao empregado. Quisera pedir algo sem álcool, repetira mentalmente o pedido várias vezes, mas, quando o empregado veio à sua mesa, o hábito ganhou, e foi a palavra «cerveja» que lhe saiu dos lábios. Deu-se conta de que transpirava. Tentava lutar contra o demónio que havia nele, contra as sombras que o aprisionavam e não o deixavam respirar.

O empregado regressou num passo rápido, trazendo uma bandeja com copos de cerveja para distribuir pelas mesas. Deixou a cerveja dele na sua mesa e passou à seguinte. Ricardo deixou-se descansar nas costas da cadeira e olhou fixamente o copo, que fervilhava à sua frente. A culpa assombrava-o, e a desculpa servia-se da sua fraqueza para o incentivar a beber. Ele não queria beber, mas sentia uma força monstruosa a aproximá-

lo do copo.

O seu lado racional tentava lutar contra a tentação. Se bebesse, perderia o controlo, seria uma decepção para si mesmo e para quem acreditava nele. Ao mesmo tempo, sentia uma vontade irresistível de provar aquele líquido amargo e borbulhante, que prometia aliviar o seu fardo de sofrimento, ansiedade e vazio. Era uma batalha travada a cada segundo, a cada respiração, a cada batida do seu coração. Tinha de resistir ao impulso destrutivo que o assombrava. Tinha de escolher entre viver infeliz ou morrer lentamente.

— Olá.

A sua reflexão amarga foi interrompida por uma voz grossa e arranhada. Ricardo deu um salto na cadeira, e cessaram os pensamentos cruzados que lutavam na sua mente. Levantou o olhar para ver aquele homem grande, parado diante dele. Sim, era Celestino.

— Olá, Celestino — saudou Ricardo, com a voz trémula, surpreendido por ele lhe ter ido falar.

— Lembras-te de mim?

— Sim, claro. E tu também te lembras de mim.

— É verdade. Posso sentar-me? — perguntou Celestino, que trazia a garrafa de água na mão.

— Claro, por favor — disse Ricardo, apontando-lhe uma cadeira ao seu lado.

— Foi um dia duro?

— Sim. Começou bem, mas... é o que é. — Ricardo percebeu que estava com evasivas.

Celestino pousara as mãos na mesa. Volta e meia, o indicador direito procurava o anel que ele trazia na mão esquerda.

— O Celestino costuma vir a este bar?

— Nem por isso. Tenho evitado este tipo de estabelecimentos, mas hoje, não sei porquê, vim aqui parar. Talvez haja uma razão, um motivo. E

o Ricardo? Costuma vir aqui?

— Mais vezes do que desejava.

— Esta luta não é fácil. Temos de ser fortes todos os dias. Temos de desejar a mudança e a cura. Ser alcoólico é para sempre. Precisamos de estar atentos a cada minuto da nossa vida.

Ricardo olhou-o, surpreendido. Naqueles breves minutos, Celestino já falara mais do que em hora e meia de reunião dos AA. Enquanto o ouvia, reparou nas marcas do tempo gravadas na pele dele. Dos seus olhos partiam sulcos até às orelhas, e tinha a testa vincada por profundas linhas de preocupação e dor.

— Vai beber a cerveja? — perguntou Celestino, olhando-o nos olhos.

Ricardo não respondeu logo. Fitou a cerveja. A espuma desaparecera. Tentou lembrar-se novamente da razão para estar ali, frente a frente com o primeiro copo.

— Era essa a minha intenção.

— Não faça isso — murmurou Celestino, fitando-o. — Não quer fazer isso. Ouvi a sua história com atenção. Acredito que nunca estive tão consciente do seu problema como agora. Lute. Lute todos os dias da sua vida. Não desista.

Ricardo engoliu em seco, espantado com o que ouvia. Não estava à espera daquelas palavras de Celestino.

— Bem tento...

— Eu sei. É o que eu faço todos os dias. Tento.

— Há quanto tempo não bebe, Celestino?

— Um ano e dois meses.

— Já é muito tempo! Parabéns! Eu não aguentei vinte e quatro horas...

— Não é muito tempo. Parece, mas o perigo está sempre à espreita. Temos de estar alerta todos os dias.

— Hoje, até às onze da noite, acreditei que ia conseguir deixar o álcool

para trás. Mas aqui estou, com um copo de cerveja na mesa, porque fui movido pelo impulso.

— Calma. Só evoluímos assim. Sobrevivemos aos cansaços, vencemos lutas, guerras interiores, desafios. Mudar requer paciência, cuidado e muito amor-próprio. É ao amor que tem de se segurar.

— Perdi o meu amor. Alguém que se queria bem, mas que eu não soube valorizar.

— O amor de que falo mora em si. Esta viagem a que chamamos amor começa em nós.

— Ah, esse amor também se foi. Perdi toda a dignidade.

— Vai sempre a tempo de recomeçar. Nunca é tarde de mais. — Celestino falava de uma maneira que o fazia sentir-se calmo.

Ricardo fez sinal ao empregado. Quando ele se aproximou, pediu-lhe uma água com gás.

— Uma ótima escolha — disse Celestino, esboçando um sorriso. — Sabe uma coisa? Há pouco, menti. Disse que não sabia o motivo de ter vindo aqui, mas sei muito bem. Também fui levado por esse impulso que diz sentir. Hoje, faz precisamente dois anos que a minha mulher e a minha filha morreram num acidente de viação. Iam de fim de semana para uma casa que tínhamos em Vila Praia de Âncora. Eu também devia ter ido, mas naquela altura só via trabalho à frente. Era a minha prioridade. Saíram do Porto numa sexta à noite, e fiquei de me juntar a elas no sábado, antes do almoço. Não chegaram ao destino. Um condutor alcoolizado que vinha em contramão tirou-lhes a vida. Arrependo-me muito de não ter desfrutado mais da companhia delas. De não as ter abraçado mais vezes. De não ter estado presente.

— Lamento muito.

Celestino ficou em silêncio. Uma lágrima correu-lhe pela face cansada de lutas silenciosas, mas ele limpou-a rapidamente com as costas da mão.

— É irónico. Um alcoólico mata a minha família, e eu torno-me outro

como ele.

Ricardo não conseguia dizer nada. Lembrou-se da dor de perder a mãe. Talvez se parecesse com a dor de Celestino.

— Mas sabe o que mais me custa perdoar? Não é o condutor. Não me consigo perdoar a mim por não ter estado ao lado delas. Se eu tivesse ido, talvez o acidente não tivesse acontecido. Se eu... — Engasgado, calou-se durante breves segundos. — Nunca mais vou ouvir a voz delas. Não me perdoar por as ter posto em segundo lugar. Essa é a minha luta. E, olhe, hoje vinha beber.

— É uma história dura... Mas acredito que elas gostariam de o ver seguir em frente.

— E como é que eu faço para seguir em frente?

Ricardo não sabia a resposta. O silêncio tomou conta da mesa.

— Olhando para a minha vida, depois de as minhas meninas terem partido, nunca mais vivi. Ando a vaguear por aí, a castigar-me por não ter estado ao lado delas. Deixei de ter objetivos ou sonhos, simplesmente espero um sinal. Nunca se consegue superar a perda de alguém que amamos. Podemos tentar seguir em frente, claro, mas, quando elas morreram, levaram uma grande parte de mim. Estou vazio de sentimentos que me possam guiar no caminho. Neste tempo todo, percebi que tenho de encontrar o perdão, mas castigo-me todos os dias apenas porque respiro. Não sei se o encontrarei alguma vez.

Ricardo estava atordoado. Conseguia sentir o sofrimento de Celestino. O corpo dele estava ali, mas não a sua alma.

— Por isso, rapaz, não faça nada de que se possa arrepender. Lute por si e vá atrás da mulher que ama, antes que seja tarde — disse Celestino.

Ricardo assentiu e bebeu um gole de água com gás. Apesar do enorme sofrimento em que vivia, Celestino tinha forças para o incentivar, para lhe dar esperança. Ali estava, de rosto cansado e olhar vazio, tentando que Ricardo não se perdesse como ele.

Minutos depois, Celestino levantou-se e agradeceu-lhe a companhia e a oportunidade de desabafar. Levantando-se também, Ricardo avançou e deu-lhe um abraço apertado. Celestino não ofereceu resistência, pelo contrário: devolveu o abraço. Saíram do bar. O destino juntara-os para se ajudarem um ao outro. Cada um deles tinha pela frente um enorme desafio, e, unidos, tinham conquistado aquela pequena vitória. À despedida, Celestino disse-lhe uma última coisa.

— Não siga o meu caminho. Faça diferente. Ame-se e partilhe esse amor com alguém. Aprecie as pequenas coisas. O amor existe.

Parado, Ricardo viu Celestino a afastar-se, caminhando lado a lado com a sua sombra. Sem olhar para trás, Celestino continuou até ao fim do jardim, desaparecendo no manto escuro da noite cerrada.

Ricardo acendeu um cigarro e foi andando até ao carro, sempre com Celestino no pensamento. Tirou o telemóvel do bolso para ver se tinha alguma notificação. Recebera uma mensagem de Carmen. A excitação tornou a correr-lhe nas veias.

Até amanhã.

Ricardo estremeceu. Carmen não era mulher para mandar mensagens se estivesse com outro homem. Era demasiado honesta para esses jogos emocionais. Decerto havia alguma explicação para os dois vultos que ele vira. Talvez Raquel a tivesse ido visitar, por exemplo. Vendo as horas, decidiu não responder à mensagem. Era tarde, e ele não queria ser inoportuno. Enviaria uma mensagem ao acordar. Antes de arrancar a caminho de casa, abriu o porta-luvas e agarrou no caderno. Ligou a luz interior do carro e releu o que tinha escrito.

— Não vou desistir — murmurou.

Capítulo 12

Quinta-feira, 9 de maio de 2019

Era um novo dia, e, do outro lado da cidade, Carmen debatia-se com as dúvidas que pairavam sobre si. Dormira para lá da sua hora e estava um pouco atrasada para o comboio das nove, que a levaria ao emprego. Com a pressa, ainda nem olhara para o telemóvel, daí perguntar-se porque não lhe enviara Ricardo uma mensagem na noite anterior.

Tinha medo de voltar a sofrer, de se permitir acreditar cegamente que ele mudara, e, no fim, isso não passar de uma ilusão. Tinha prometido a si própria que não pensaria mais em Ricardo, mas, na véspera, acabara por lhe enviar aquelas mensagens. O seu coração traía o lado racional.

Era amor. Só podia ser amor. Soubera isso logo que o conhecera naquele bar. Havia quase dois anos que lutava para abafar esse sentimento. Não queria sofrer. Tinha medo, por isso tentava não escutar o seu coração. Naquele momento, preferia ouvir a razão. Já se arrependera de lhe ter enviado as mensagens, mas estava feito, e não havia volta a dar. Então, recordou as noites em que adormecera com a cabeça no peito dele, e, de repente, o arrependimento já não era assim tanto.

Como se pode perdoar uma traição?, perguntou a si mesma, enquanto escovava o cabelo. Sempre acreditara que o amor ultrapassava todas as barreiras. «O amor vence sempre», dissera inúmeras vezes a Ricardo quando ele estava alcoolizado — porque, mesmo quando ele estava perdido para a bebida, ela olhava-o e via um homem bondoso e

respeitador. Tentara tudo, mas no fim não conseguira.

Quando se separara de Ricardo, Carmen iniciara uma viagem em busca do seu amor-próprio, perdido na relação com ele. Sabia que desenvolvera uma dependência emocional que a tinha impedido de estabelecer limites. Por isso, mergulhara em si mesma e curara-se. Agora, sabia bem o que não queria. Era uma mulher forte e decidida. E era capaz de perdoar.

Além da fragilidade nascida da ausência da mãe, também o luto pela perda do pai fora intenso e doloroso para Carmen, que muitas vezes se sentira culpada por ter ido viver para Londres e não ter estado mais tempo ao lado dele. Ficara com poucas coisas do pai; entre elas, o gira-discos. Havia alturas em que se entregava à saudade e ficava no sofá a ouvir repetidamente o álbum *Emociones*, de Julio Iglesias. Ela sempre fora de lágrima fácil — na adolescência, os colegas chamavam-lhe «pita chorona» —, mas tinha uma boa desculpa para ouvir as músicas de que o pai gostava: faziam-na sentir-se mais próxima dele. Ela sentia a presença do pai. Sabia que ele estava sempre com ela, apenas não se encontrava fisicamente presente.

Passando pela cozinha, agarrou numa banana, que descascou a caminho do portão. Parando à sua frente, a *Luna* abanou a cauda. Queria mimo. Carmen afagou-lhe a cabeça. Estava atrasada e não lhe podia dar a atenção que ela lhe pedia. Saindo a correr, viu as horas no telemóvel. Não chegaria a tempo do comboio das nove, mas apanharia o seguinte. Reparou numa notificação de mensagem e numa chamada não atendida, mas guardou o telemóvel na mala e atravessou o parque urbano em direção à estação. Desceu na escada rolante e cruzou a galeria comercial, depois virou à esquerda e subiu a escada que levava à plataforma da linha três. Agora, era esperar. Agarrou no telemóvel e viu que a chamada fora de Raquel; depois, abriu a aplicação das mensagens e viu a SMS de Ricardo a desejar-lhe um bom dia. Não conseguiu conter a alegria e sorriu.

Fitou momentaneamente o infinito. O medo estava ali, mas, de novo,

ela escutou o seu coração. Enviou-lhe uma mensagem de resposta. Fechou os olhos e respirou fundo. Não sabia se tinha feito bem, mas estava feito. Passado um instante, devolveu a chamada de Raquel.

— Olá, meu amor! — disse, quando a amiga atendeu.

— Bom dia, Zoguelha! Nem dizes nada... Adormeceste? Ou dormiste em cama alheia e ele vem trazer-te ao trabalho?

— Não sejas maluca. Adormeci, mas já estou na estação.

— Então espero por ti em Campanhã.

— Pode ser. Ainda dá tempo de tomares o teu cafezinho, e eu como a minha torradinha.

— Combinado. Ainda pensei que tivesses voltado atrás na decisão sobre o Miguel.

— Adormeci mesmo, não faças filmes.

— Ele está tão de beicinho por ti... e é um bom partido.

— Sem dúvida! Tu é que podias ficar com ele.

— Além de não fazer o meu género, ele está caidinho por ti, não é por mim.

— Pois, mas já falámos sobre isso.

— Tudo bem, Zoguelha.

— Está a chegar o comboio. Daqui a pouco estou ao pé de ti. Beijinhos!

— Beijinhos!

Carmen entrou, sentou-se à janela e, com a cabeça cheia de medos, dúvidas e incertezas, olhou o mundo lá fora. Por um lado, sentia uma alegria imensa, uma esperança renascida, uma vontade enorme de voltar para Ricardo. Por outro lado, havia o medo de ser novamente enganada, de tornar a sentir aquela dor lancinante que tanto custara a passar e que ela não queria que se repetisse. Ainda o amava, isso era inegável. Ricardo fora o seu grande amor. Fizera-a feliz como mais ninguém conseguira; fizera-a sentir-se especial e sonhar. Mas também a magoara mais do que qualquer

outra pessoa no mundo. Mentira-lhe e enganara-a.

Como lhe posso perdoar tudo o que ele me fez? Como posso confiar, depois de tudo o que ele me disse? Como posso amá-lo, depois de tudo o que ele me tirou? Estava dividida, angustiada. Não sabia o que fazer, ou como, nem o que dizer. Para já, apenas tinha havido mensagens, mas viviam na mesma cidade, e Carmen sabia que, de um momento para o outro, o Universo se encarregaria de os fazer voltar a cruzarem-se. Assim, uma aproximação estava mais do que iminente. De qualquer maneira, seria importante terem uma conversa, independentemente do desfecho. Depois que conversassem, algum caminho seguiriam, aliviados do peso do passado.

Contudo, também havia a possibilidade de voltarem a ficar juntos. Ainda se amavam, e cada um deles adivinhava uma pequena centelha de esperança no coração do outro. A centelha podia muito bem tornar-se fogo incontrolável quando se tornassem a ver cara a cara.

Carmen continuava envolta nos seus receios. Pela janela do comboio, olhava um mundo desfocado para lá das árvores que passavam a toda a velocidade. Levantou-se um pouco antes de o comboio chegar a Campanhã, onde a esperava Raquel. Quando desceu à plataforma, respirou fundo e entregou. Confiou ao Universo.

Capítulo 13

O sol matinal entrava pelo quarto, e Ricardo acordou com uma enorme vontade de viver.

Os acontecimentos do dia anterior, principalmente a conversa com Celestino, tinham-lhe dado força para enfrentar de vez o seu problema. Começava a acreditar que a vida lhe tinha dado uma nova oportunidade e, mais do que nunca, estava decidido a agarrá-la com as duas mãos. Vestiu o seu melhor sorriso, pensou em Carmen, agarrou numa toalha e foi para o banho, mas não sem antes lhe enviar uma mensagem a dar os bons-dias. Ela enviara uma mensagem na noite anterior, e ele ainda não respondera. Por isso, era a vez dele.

Os seus pensamentos deambulavam pelo silêncio, e sentia a cabeça mais leve. Não estava de ressaca e não se lembrava da última vez que isso acontecera. Tornara-se rotineiro acordar com a cabeça pesada e o corpo rígido. Estava sóbrio havia pouco mais de vinte e quatro horas, mas sentia-se vitorioso. A caminho do banho, dançou e trauteou. A esperança começava a nascer no seu coração.

Vestiu umas calças de ganga pretas e uma *T-shirt* branca e calçou uns ténis pretos. Saiu para ir tomar um café. Fechou a porta, rodou a chave e, segurando o puxador, empurrou e puxou para se certificar de que a porta estava bem fechada. Indo pelo corredor até ao elevador, cantarolou «I Got You (I Feel Good)», de James Brown, balanceando o corpo ao som da música. Ia ser um dia bom.

Saiu do prédio, atravessou a estrada e dirigiu-se ao Bella Donna. Ao

entrar, recebeu uma chamada de João, que queria saber como ele estava. Passando pelo balcão, juntou o indicador e o polegar, indicando a Renata que desejava um café; depois, saiu para a esplanada. Contou a João o que acontecera no dia anterior: falou de Carmen, dos vultos na casa dela, das inseguranças iniciais e das certezas que agora tinha. Queria falar da reunião dos AA, mas, só de pensar nisso, sentiu um nó na garganta. Guardaria o assunto para mais logo, quando almoçassem. Talvez ganhasse coragem até lá.

Não se avistava uma nuvem que pudesse esconder o sol. Tudo indicava que seria um dia de queimar as moleirinhas. Já com o café na mesa e de cigarro na boca, Ricardo tornou a agarrar no telemóvel, na esperança de ver uma mensagem de Carmen. Eram 8h42, e, assim que desbloqueou o ecrã, recebeu uma SMS.

Bom dia ☺

Olhando fixamente a mensagem, Ricardo agradeceu mentalmente a Deus e esboçou um sorriso de orelha a orelha. Havia muito que o seu olhar não brilhava assim. Balançando na cadeira, ficou a imaginar o seu próximo passo, até que reparou nas horas, e então saltou do assento como se tivesse molas nos pés. Viu que sobressaltara os cafeinómanos que o rodeavam, mas não ligou.

Passando pelo balcão, avisou Renata de que pagava depois. Correu para o carro e arrancou com mais velocidade do que a recomendada. A estação ficava a dez minutos dali. Aquele desvario repentino fora provocado pelo desejo de ver Carmen antes de ela entrar no comboio. Queria desejar-lhe um dia feliz, mas de viva voz. Ricardo sabia que ela costumava apanhar o comboio das nove e precisava de a ver, de a olhar nos olhos e acabar com as dúvidas. Ele sempre fora de impulsos. Naquele momento, estava a obedecer à paixão, que lhe mandava fazer aquilo, e não queria saber do resto. Sentiu-se um adolescente apaixonado, ou talvez o protagonista de um filme dos anos 80, como John Travolta, de casaco de couro e

brilhantina no cabelo, a pôr a cabeça de fora do carro para gritar loucamente que estava apaixonado.

Encheu-se de adrenalina. Queria ver Carmen. Queria pedir-lhe desculpa e aceitar a resposta que ela lhe desse. Até podia ser a última vez que a via, mas tinha de a ver. Acelerou ainda mais. Ia chegar em cima da hora.

Já no largo, após três voltas, arranjou lugar à porta da papelaria em frente da estação. Tornou a olhar para o relógio, e os ponteiros avisaram-no de que faltavam dois minutos para as nove. Entrou na estação a correr e viu o comboio na linha três. Ia partir, mas talvez ele chegasse a tempo e conseguisse olhar a sua eterna apaixonada nos olhos para lhe dizer que não aguentava mais a distância que o tempo impusera, que a amava com tudo dentro de si e que faria qualquer coisa para a ter novamente nos seus braços e senti-la a adormecer neles, como tantas vezes acontecera.

Apressado, desceu a escada rolante, pedindo desculpa de cada vez que dava um encontrão em alguém. Ainda tinha esperança de a ver, de ouvir a sua voz. Talvez houvesse tempo para um abraço. Correu pela galeria comercial e subiu num ápice a escada que dava acesso à plataforma da linha três. No último degrau, viu o comboio a fechar as portas e partir. Tentou ver Carmen conforme as últimas carruagens passavam por si, mas nem sinal dela. Desanimado e ofegante, ouviu o coração a rugir nos seus ouvidos. Com as mãos apoiadas nos joelhos, viu o comboio a afastar-se até desaparecer. Continuava curvado para diante, tentando recuperar o fôlego, quando passou por ele um senhor de idade apoiado numa bengala que lhe deu duas ou três palmadinhas amistosas nas costas e disse:

— Não se preocupe, daqui a quinze minutos passa outro comboio. Os comboios são como as mulheres: perde-se uma, e vem outra.

Ricardo olhou de lado para o senhor e devolveu um sorriso amarelo.

— Pois, mas era aquele comboio que eu queria — murmurou, derrotado mas não vencido. — Já basta de me perder noutros comboios. Naquele, vai a mulher que eu amo.

Não tinha chegado a tempo. Castigou-se por não se ter lembrado mais cedo de vir à estação, mas de nada lhe valia chorar sobre o leite derramado. Fosse como fosse, não desistiria tão facilmente.

Já recuperado daquela verdadeira prova de atletismo, passou no Bella Donna para pagar os cafés e foi para casa. Assim que entrou, ligou a televisão e procurou um canal de música. Deitou-se no sofá e, olhando o teto, pensou em Carmen. Combinara almoçar com João, mas não lhe apetecia levantar-se dali. Adormeceu quando passavam poucos minutos das dez e acordou com a campainha.

Abriu o olho direito, limpou a baba com as costas da mão e ficou ali deitado sem se mexer. Não estava à espera de nenhuma encomenda, por isso, resolveu ignorar. Quando ia fechar os olhos, voltaram a tocar, desta vez com mais insistência. Estavam à sua porta. A custo, sentou-se na beira do sofá e espreguiçou-se, depois inclinou a cabeça e rodou-a para um lado e para outro. Tornaram a tocar — várias vezes seguidas. Alguém estava aflito para tirar o pai da força.

— Já vai! — Quisera gritar, mas tinha a voz travada e rouca. Decerto não o tinham ouvido.

Caminhou até à porta. Passando pelo móvel da entrada, assustou-se quando viu o seu reflexo. Tinha a cara inchada, vermelha e cheia de marcas. Os olhos estavam fundos e arregalados, e as pálpebras eram dois papos do tamanho de nozes. Sentia uma dor de cabeça latejante, secura na garganta e cansaço nas pernas. Apesar do calor, estava com suores frios.

Abriu a porta sem ver quem era. Sobressaltou-se. Não estava ali ninguém. Confuso, esfregou os olhos, depois saiu para o patamar. O elevador estava parado naquele piso. Espreitou a escada. Nada. Intrigado, voltou para casa. Podia jurar que ouvira a campainha. Ficou parado à porta durante alguns minutos, a olhar para a escada. A situação era surreal. Fechou a porta, deu meia-volta e foi estender-se outra vez no sofá. Respirou fundo. Ainda não estava em si e não conseguia raciocinar. Acima

de tudo, sentia-se confuso.

Levantou-se para ir à janela, mas foi acometido por tonturas. Apoiou-se no braço do sofá e respirou fundo. Devagar, aproximou-se da janela que dava para o lado da entrada do prédio para ver se via alguém a sair. Esteve ali largos minutos, mas não viu ninguém.

Atordoado, foi à cozinha beber água e tomou um comprimido para a dor de cabeça. Na reunião dos AA, alguém dissera que, durante a fase de abstinência, acontecia ter alucinações. Só podia ser isso, disse Ricardo a si próprio. As suas mãos tremiam. Sentiu o corpo invadido por uma sensação estranha. Julgando que ia desfalecer, pôs o copo na bancada e sentou-se numa cadeira. Encostou-se à parede e tentou respirar fundo e lentamente. Tinha o corpo encharcado de suor.

Com dificuldade, arrastou-se até ao sofá, deitou-se e fechou os olhos. Doía-lhe o corpo todo. Na sua mente, passavam pensamentos que tentavam fazê-lo desistir. *Vai beber, que isso passa. Não vais conseguir deixar de beber. Toda a gente bebe, é normal. Só um copo, vais ver que ficas logo melhor.* Levou as mãos à cabeça, tentando expulsar as vozes. Lutava contra os demónios que pairavam sobre si. Enfrentava uma força invisível, e a batalha adivinhava-se inglória. Mas Ricardo resistiu, lutou como um guerreiro destemido.

Abriu os olhos. O teto aproximava-se, ia esmagá-lo. Sentou-se, agarrou na carteira, que deixara na mesa de centro, e tirou para fora uma fotografia antiga, tirada num dia feliz, quando ele e Carmen ainda estavam juntos. Sentiu uma pontada de saudade, depois arrependimento. Puxou a fotografia da carteira e segurou-a contra o peito. Escapou-lhe um soluço. Queria voltar atrás no tempo, corrigir os erros, reconquistar o seu amor. Assaltou-o uma vontade enorme de lhe ligar, mas não teve coragem. Tinha medo de ser rejeitado. Queria ouvir a voz de Carmen, pedir-lhe perdão, mas sabia que podia ser tarde de mais, que o mais provável era ela ter seguido em frente e não querer saber dele. Talvez nem atendesse a

chamada, talvez nem se dispusesse a ouvi-lo.

Com raiva de si, atirou a fotografia para longe. Odiava-se, culpava-se por ter sido tão fraco e não ter retribuído o amor de Carmen. Sentia-se lixo. De um momento para o outro, estava sem forças, sem ânimo. Perdera a esperança. Pressentia uma vida vazia, sem luz. Sentia que não tinha nada seu. Mas resistiu. Fechou os olhos e concentrou-se em respirar, depois levantou-se e foi apanhar a fotografia. Com um sorriso nos lábios, tornou a guardá-la na carteira e voltou para o sofá.

Meia hora depois, já mais calmo, ergueu-se e foi beber água. Olhou para o relógio da cozinha e viu que passavam poucos minutos das onze e vinte. Decidiu tomar um banho e ir almoçar com João.

Capítulo 14

Encontrou-se com João à porta do Alquimista da Estação. Aquele era o lugar predileto dos dois, fosse para uma refeição descontraída ou para jantares de negócios. De mãos nos bolsos, Ricardo fitou a estação. Acendeu um cigarro e olhou para o relógio. O amigo estava atrasado. Pouco depois, avistou-o. Vinha ao fundo da rua, num passo mais lento do que o habitual, de testa franzida e com um ar um pouco abatido. Parecia preocupado. Quando chegou junto dele, Ricardo notou que também a energia dele estava diferente.

— Que cara é essa? O que se passa?

— Negócios. Nada de mais.

— Só isso?

— Sim, sim. Estive a ver se conseguia o exclusivo de um prédio em construção, mas nada feito. Paciência. É o que é. Cada vez mais confio no que a vida me reserva. Fiquei desapontado, claro, mas não vou alimentar esse sentimento. Há outras oportunidades a caminho.

— Qual é a obra? — perguntou Ricardo.

— Aquela na Rua da Fábrica da Cerâmica. Voltada para o parque urbano.

— Já sei. Que pena... Seria um bom negócio.

— Pois seria, mas vão ser os nossos concorrentes a ficar com ele. Siga. O mundo não acaba aqui.

— É o Martins que está à frente da obra?

— Sim — confirmou João, admirado. — Conhece-lo?

— Falámos algumas vezes — disse Ricardo. — Vamos subir, que estou com fome. Falamos lá em cima.

Entraram no restaurante e subiram ao primeiro andar. O Alquimista da Estação era um espaço contemporâneo que combinava um *design* elegante com uma experiência gastronómica única. O interior era marcado por linhas limpas, tons neutros e materiais modernos. Paredes de cimento queimado contrastavam com móveis de madeira escura e cadeiras estofadas em couro. Candelabros criavam pontos de luz suave sobre as mesas, proporcionando uma atmosfera acolhedora. Um bar elegante, com bancos altos, oferecia uma variedade de cervejas artesanais e *cocktails* contemporâneos. Obras de artistas locais adornavam as paredes, adicionando um toque de criatividade ao espaço. No primeiro andar, foram conduzidos até uma mesa num canto recatado. Viram a ementa enquanto falavam dos negócios da imobiliária. Ricardo escolheu arroz de pato, enquanto João optou por massa *penne* com molho de tomate e tofu. Ricardo admirou-se com a escolha do amigo.

— Agora fizeste-me lembrar da Carmen — disse ele, fitando João.

— Então?

— A Carmen escolhe sempre pratos vegetarianos. Não é propriamente vegetariana, mas, sempre que pode, opta por essas comidas.

— Ela sabe o que é bom — disse João, sorrindo.

— Ela cozinhava pratos vegetarianos muitas vezes. — O tom de Ricardo tornara-se nostálgico.

— Então e como é que vocês estão? Tornaram a falar depois de ontem?

— Sim, trocámos algumas mensagens. Nada de especial, mas, atendendo à nossa história, posso dizer que é algo extraordinário.

— Ainda vão ficar juntos outra vez, vais ver — afirmou João. Acreditava no que estava a dizer.

— Não sei... Não digo que não pense nessa possibilidade, mas sabes que o passado ainda está bem vivo nos nossos pensamentos. Tenho medo

de recair e tornar a magoar a Carmen.

— Tu sabes que não podes mudar o passado, amigo. Mas podes mudar o futuro. — João afagou-lhe o ombro. Ricardo ficou pensativo. Como era possível que o amigo tivesse crescido tanto sem ele se dar conta? Como pudera andar tão perdido, tão voltado para o seu umbigo?

A conversa foi interrompida pela chegada dos pratos. Acompanharam a refeição com água — o primeiro a pedir foi Ricardo, e João acompanhou-o. Saborearam a comida em silêncio. Ricardo queria contar-lhe que fora a um encontro dos AA, mas sentia-se nervoso. João era o seu melhor amigo, e confiava nele, mas tinha vergonha de andar nas reuniões.

— Então, e como tens lidado com a situação do álcool? — perguntou João.

— Tento não pensar muito. Ainda sinto alguma ressaca. O corpo começa a dar sinais. Acho que tive alucinações hoje de manhã.

— A sério? Por causa da abstinência?

— Acho que sim. É algo que pode acontecer. O corpo está tão habituado ao álcool que sofre com a falta dele.

— Estou pasmado. Não fazia ideia. Mas isso não é perigoso? — disse João, preocupado.

— Pode piorar, sim. Tenho de ter atenção, pois há perigo de convulsões e confusão mental. Mas não vai evoluir. Já agendei uma consulta com o médico de família.

— Tu não te desleixes, ouviste?

— Sim, sim. Eu vou tratar de mim. Não vai ser nada, acredita.

— Queres que vá contigo ao médico?

— Não é preciso, mas obrigado.

— Tens de ser forte, amigo.

— Também te queria contar uma coisa — disse Ricardo, com a voz trémula.

— Diz, estás à vontade. Quero ajudar-te no que for possível.

— É que... sinto um pouco de vergonha de dizer — confessou Ricardo timidamente, olhando para um lado e para o outro. Não queria que alguém ouvisse a conversa.

— Não tens de ter vergonha. Não te vou julgar.

— Eu sei, mas... — Envergonhado, Ricardo enrolava as palavras.

— Fizeste algo que penses que tenha sido errado? — perguntou João.

— Não, de todo — disse Ricardo, coçando a barba.

— Se não é nada de mal, então o que é que te preocupa tanto?

— Fui a uma reunião dos AA — contou por fim Ricardo, suspirando.

— Era isso que tinhas problemas em dizer? É uma excelente notícia!

— Sim, mas sinto um pouco de vergonha — respondeu ele, cabisbaixo.

— Levanta a cabeça, homem! Devias ter orgulho em ti. Nem todos têm a coragem de assumir o problema e procurar ajuda. Isso que fizeste é espetacular!

Ricardo fixou os seus olhos a brilhar nos do amigo, que se mostrava tão empolgado por ele e pelo seu passo. Emocionado, agradeceu com um assentimento.

— Fico sinceramente feliz pelo que estás a fazer — continuou João, sorrindo de orgulho por mais aquela vitória do amigo. — Como correu? Conta lá.

— Correu bem. Até foi melhor do que esperava. Senti-me bem, contei um pouco da minha história. Ouvi conselhos dos outros. Sinto que me vai ajudar muito.

— É assim mesmo.

— Tinha uma ideia diferente das reuniões. Não pensava que fossem tão intimistas. Senti-me integrado. Aquilo parece uma família.

— Isso é bom. Sentires-te bem acolhido e à vontade ajuda no processo.

— Sim, sem dúvida. Foi importante sentir-me à vontade. Pude contar a minha história sem ter vergonha. Senti alívio e uma esperança renovada.

— Quando é a próxima reunião? — perguntou João.

— Para a semana. As reuniões são semanais, e não é obrigatório ir a todas, mas já decidi que vou.

— Fazes muito bem. Estou muito feliz por ti, Ricardo. Acredito em ti.

— Obrigado, meu bom amigo. Vai ser uma luta difícil.

— Vais conseguir — afirmou João.

— Estou a tentar. Ontem, quase cedi ao vício. Fiquei tão frustrado ao imaginar que a Carmen estava com outra pessoa que fui direito ao bar — confessou Ricardo. Baixou o olhar, envergonhado.

— Calma. Está tudo bem. Não te vou julgar — serenou-o João.

— Não cheguei a beber.

— Boa! Leva isso um dia de cada vez, e vais ver que consegues — encorajou-o João.

— Tenho esperança disso.

— Claro que vais. Não tenho qualquer dúvida. Entretanto, que tal procurares também ajuda médica?

— Está tudo encaminhado. — Ricardo sorria. — Já marquei consulta com uma psicóloga.

— Boa, rapaz. É assim mesmo.

— Mas só te digo, uma das coisas que mais me tem custado é perdoar-me a mim mesmo por aquilo que fiz. — A tristeza transpareceu no seu olhar.

— Tens de ter compaixão pelos dois lados...

— Como assim? — perguntou Ricardo, confuso.

— Tens de ser compassivo com o homem que se arrependeu das escolhas menos boas do passado, mas também com o homem que executou a ação. Tens de fazer o luto pelo passado e perdoá-lo. Esse processo vai libertar-te para poderes aprender e crescer como pessoa.

João estava a dizer-lhe que tinha de perdoar o Ricardo do passado. O Ricardo do presente era mais consciencioso. Era outra pessoa. Ainda assim, ele não podia rejeitar quem fora. Não. Tinha de entender esse Ricardo para

não repetir os erros que ele cometera. E tinha de o perdoar.

Ricardo ouviu em silêncio. João usava uma regra essencial para o amigo o ouvir: quanto mais ouvirmos os outros, mais eles nos ouvirão.

— Depois, terás de assumir a responsabilidade pelos teus atos, e, neste caso, acho que deves pedir perdão à Carmen. Deves ir ter com ela, mas com a intenção de assumires os teus erros. Não vás à procura de uma reconciliação, mas sim de seguires o teu caminho de cabeça erguida. É algo que deves fazer com o coração.

— Obrigado. É por estas coisas que és um bom amigo. Mostras-me que é possível seguir em frente e que existem outros caminhos, diferentes daqueles que tenho vindo a trilhar.

— Fico feliz por te poder ajudar.

— Nada muda, o que muda é a nossa perspetiva — resumiu Ricardo. Entendera a mensagem de João.

— Isso mesmo. Concentra-te naquilo que desejas, não naquilo que correu mal.

— Só queria ser feliz — desabafou Ricardo.

— Lembra-te de que a felicidade vem de nós.

— Como assim?

— A felicidade só pode nascer a partir de nós. A felicidade é feita dentro da nossa mente, não é algo externo. Muitas vezes, procuramos as melhores condições para sermos felizes, em vez de sermos felizes. Vamos adiando a nossa felicidade e acabamos por nunca estar bem. Quero com isto dizer que não deves procurar a tua felicidade na possibilidade de uma reconciliação com a Carmen. Tens de ser feliz sem esperar por fatores externos. A tua felicidade é um trabalho que fazes diariamente. Tens de regar o teu jardim com pensamentos positivos e tomar as atitudes que te levam a eles.

— OK... Estás a dizer-me que não devo criar expectativas em relação à Carmen, nem achar que só vou ser feliz se ela voltar para mim.

— Podes e deves ter sonhos e desejos. Mas tens de aceitar que nem sempre aquilo que desejas é o melhor para ti.

— Estou a perceber.

— Tens de aceitar e confiar no processo da vida. Deves ser grato por cada oportunidade de acordares e viveres mais um dia. Sê grato pelas pequenas coisas, pelas tuas vitórias, mesmo que te pareçam quase insignificantes. Ser grato tornar-te-á mais leve. Ajudar-te-á a compreenderes melhor o teu caminho.

Ricardo estava deliciado com o que João dizia. Nunca o imaginara tão sábio.

— Lembra-te de que é o coração que te guiará no teu caminho. Deverás escutar, ver e sentir sempre com o coração. Faz tudo com o coração. Sê a tua maior inspiração.

— Estou admirado com a tua sabedoria, João... — deixou escapar Ricardo.

— Ora, não exageres. Sou um ser humano, só isso. Sou igual aos outros todos que há no mundo.

— Não é bem assim — insistiu Ricardo. — Tens uma visão da vida que a maioria não tem.

— A nossa visão da vida depende muito das nossas vivências. Que não devemos comparar às vivências dos outros. Além disso, se não as partilharmos, elas acabam por não servir de nada, não é? — João sorriu.

— Concorde. Quando é que te tornaste assim?

— Assim como? — perguntou João.

— *Assim*. Calmo, sábio, com uma consciência alargada.

— Não te sei responder, amigo. Como disse, não me sinto especial nem sábio, apenas vou observando as coisas que me rodeiam.

— Mas olha que és. Tens uma sabedoria e uma luz muito grandes.

— Isso é o que o teu coração vê e sente. Mas agradeço — disse João, levando a mão esquerda ao peito. Na sua humilde postura, ele não se

achava melhor do que ninguém, muito menos um sábio, mas Ricardo sabia que o amigo era assim por causa da doença do pai, que abanara o mundo que ele achava seguro. Quando o pai fora diagnosticado com cancro, João precisara de respostas que apaziguassem as suas dúvidas existenciais. Isso levava-o a descobrir as terapias alternativas e outras pessoas, incluindo monges. Lera muito e assistira a palestras de mentores, gurus e terapeutas, pessoas que tinham mudado de vida, mudando também de mentalidade. João não era sábio por ter sofrido, mas sim porque procurara aprender com esse sofrimento.

— A cura está em nós — resumiu Ricardo, abrindo um sorriso rasgado.

— Isso mesmo. — João devolveu-lhe o sorriso.

O tempo voou, e passava das duas da tarde quando eles deixaram o restaurante. João fez companhia a Ricardo enquanto ele fumava um cigarro. Antes de se ir embora, deu-lhe um abraço sentido e depois pôs-se a caminho da imobiliária. Ricardo decidiu fazer uma caminhada pela cidade, com uma paragem na obra de que Martins era o responsável. Tinha um favor para lhe cobrar, e chegara o dia em que isso ia acontecer. Não foi fácil, mas ele sabia usar o seu poder de persuasão e conseguiu convencer Martins a entregar a venda em exclusivo a João, que nem queria acreditar quando soube da novidade.

— Devo-te uma — disse João ao telemóvel.

— Nada disso, meu amigo. Eu, sim, devo-te várias.

Saindo da obra, caminhou até ao parque urbano, onde se demorou um par de horas. Sentado na relva, encostado a um tronco de árvore, ficou a ler um livro de Alberto Caeiro. Volta e meia, levantava a cabeça para observar as pessoas que iam passando.

Nunca busquei viver a minha vida

A minha vida viveu-se sem que eu quisesse ou não quisesse.

Só quis ver como se não tivesse alma

Só quis ver como se fosse eterno.

Após anos de leituras interrompidas, Ricardo voltava a sonhar dentro da poesia. Aos poucos, começava a sentir o seu coração a bater, lentamente, mas agora com um propósito — viver consciente de cada passo que dava. Os seus olhos cansados detiveram-se no fluxo constante de pessoas que ali passavam, cada uma imersa nas suas próprias narrativas. Ele não as conhecia, mas observava-as com interesse, tentando decifrar mais do que os olhos conseguiam ver.

Uma mulher grisalha segurava uma pasta com força. Os seus passos acelerados ecoaram no parque. Levaria consigo documentos importantes? Que segredos escondiam os seus olhos enrugados? Vindo em sentido contrário, um jovem de fones nos ouvidos movia-se ao ritmo da sua música. Ricardo sorriu. Talvez ele estivesse a ouvir uma canção de amor, mas também podia ser uma batida eletrónica que o transportasse para outro mundo. Mais adiante, uma mãe que empurrava um carrinho de bebé lutava para subir a calçada íngreme. O bebé dormia tranquilamente, alheio ao caos em seu redor. Ricardo perguntou a si mesmo que sonhos o pequeno teria quando crescesse, que aventuras viveria, que desafios enfrentaria, que mundo iria encontrar.

Olhando no sentido oposto, viu um homem de fato e gravata que parecia preocupado. Olhava para o relógio de poucos em poucos segundos. Ricardo imaginou as reuniões importantes que ele teria, os negócios que estariam em jogo e a correria desenfreada que seria a sua vida. Naquele momento, Ricardo era um espectador, pois assistia ao espetáculo da vida quotidiana. Cada pessoa era uma história não contada, e também ele tinha uma história por contar.

A sua mente mergulhou em memórias, algumas delas perdidas no tempo, outras bem vivas no seu pensamento. Lembrou-se de risadas

partilhadas com amigos, das lágrimas derramadas em solidão, de sonhos que acalentara, de desafios que enfrentara. Lembrou-se do dia em que, no Alto da Penha, em Guimarães, presenteara Carmen com o pingente em forma de lua que fora da sua mãe e que ele guardara com muito amor. Nunca pensara que um dia o ofereceria a alguém, mas Carmen não era apenas alguém, era a mulher da sua vida, e talvez de vidas passadas.

Ficou curioso em saber se ela ainda o usaria ou se o guardara numa gaveta, esperando um dia devolvê-lo. Ricardo procurava um sentido para tudo o que estava a viver. Ainda assim, o propósito parecia escapar-lhe como um pássaro assustado. Observou uma borboleta que dançava por entre as flores. Ela também tinha um propósito: voava, polinizava, vivia a sua vida breve com beleza e graciosidade. E a árvore ao lado? Crescia para tocar o céu, enquanto as suas raízes procuravam profundidade na terra. Tanto aquela borboleta como aquela árvore sabiam qual era o seu propósito e cumpriam-no na perfeição. Faziam aquilo que lhes estava destinado e não se importavam com mais nada.

Talvez o meu propósito não tenha de ser grandioso, pensou Ricardo. Talvez seja simplesmente existir, amar e aprender. Olhou para as mãos trémulas e sorriu. Talvez o meu propósito esteja nas pequenas coisas: um sorriso gentil, uma palavra de conforto, um gesto de bondade. O vento suave beijava-lhe a face; trouxera consigo o perfume das flores e a sensação de que ele fazia parte de algo maior. Talvez o meu propósito seja apenas ser, como as flores que desabrocham sem questionar porquê.

Permaneceu no jardim, contemplando a vida e o seu objetivo misterioso. *Talvez o segredo esteja em aceitar a viagem e em sentir o coração, mesmo sem entender completamente o destino.* Não tinha respostas definitivas, mas sentia-se em paz.

Capítulo 15

Eram quase seis da tarde quando Ricardo deixou o parque urbano. Mais do que nunca, estava decidido a ir esperar Carmen à estação. Sabia que ela chegaria no comboio das 18h13. Durante a semana, era sempre assim, a menos que ela se desviasse da rota habitual. O coração dizia-lhe que isso não aconteceria e que, naquele dia, ia voltar a olhá-la nos olhos. A ida ao parque inflara-lhe a coragem recém-nascida, que crescera e se tornara uma decisão. Ia pedir-lhe perdão. Iria ao encontro dela e assumiria as consequências dos seus atos passados.

O painel eletrónico indicava que o comboio chegaria ligeiramente atrasado. Sem pressa, Ricardo caminhou para a escada rolante que subia à plataforma da linha quatro. De repente, ficou cheio de medo. Fechou os olhos e suspirou. Acendeu um cigarro. As suas mãos tremiam ainda mais do que era costume. O seu coração pulava como um cavalo selvagem a galope pelas planícies. Andou de um lado para o outro.

Sentiu um frio na barriga, depois, borboletas no estômago. Voltara a ser um adolescente, atordoado pelo medo, mas suficientemente corajoso para estar ali e não pensar em fugir. De vez em quando, fechava os olhos e conseguia sentir a mão da sua amada no seu rosto, acariciando-lhe a pele, aquecendo o seu coração. Receava vê-la com alguém, com outro. Temia não se ter nas pernas caso isso acontecesse. Seria como morrer fuzilado por um pelotão. Sentiria uma dor agonizante e eterna. Abanou a cabeça para afastar aqueles pensamentos tenebrosos e, na ânsia de se acalmar, acendeu mais um maldito cigarro. Outra coisa que teria de deixar. Naquela manhã,

enquanto corria para a estação, sentira quanto os cigarros lhe dificultavam o *sprint*. Deu três passas no cigarro e apagou-o. Os dados estavam lançados. Não queria deixar-se dominar pelo medo, pela ansiedade, pela angústia da espera e pela incerteza do que ia acontecer. *O que tiver de ser, será*, pensou.

Até que o comboio chegou. Ricardo acompanhou-o com o olhar, espreitando cada carruagem, em busca de Carmen. Foi olhando rapidamente as pessoas que começavam a sair e as que continuavam dentro do comboio. Caminhando ao longo da plataforma, serpenteou por entre os passageiros. O seu coração acelerou ainda mais. Temeu desfalecer ou perder o controlo dos seus movimentos.

Chegando à quarta carruagem, gelou por completo. Ficou petrificado, aterrorizado, sem reação. Carmen não o viu. Pusera os auriculares do telemóvel e estava a falar com alguém. Ricardo foi novamente assombrado pela possibilidade de ela ter um namorado. Carmen desceu à plataforma e seguiu para a esquerda, para descer a escada que dava acesso à galeria comercial. Sem saber, caminhava em direção a ele. Ricardo observou aquele olhar, que tantas vezes o fizera ter esperança, e aquela maneira de andar que sempre o enfeitiçara. Estava apatetado, parecia um jovem perdido de amores e, ali parado, teve a certeza de que, além de amar Carmen, continuava apaixonado.

Ela vinha no seu mundo, alheada do que estava a acontecer à sua volta, até que, a um metro de Ricardo, levantou a cabeça e deu de caras com ele. Os seus olhos arregalaram-se, e ela quis dizer algo, mas nenhum som saiu dos seus lábios. As palavras foram travadas pelo espanto de o ver ali, como uma miragem no crepúsculo. Ambos tinham medo e estavam parados no tempo.

Carmen corou. Os seus olhos brilharam, e fugiu-lhe um sorriso tímido, logo devolvido por Ricardo. Nenhum dos dois se moveu. Estavam a um metro um do outro, mas separava-os um passado inteiro. A única coisa que conseguiam fazer era olharem-se fixamente, especados. A única certeza de

Ricardo era que sentira a falta da sua pequena Carmen todos os dias.

Quando ele deu um passo em frente, o coração dela disparou. Continuavam sem dizer uma palavra, pois eram os olhos a dizer tudo. Era amor aquele brilho no olhar de um e de outro. Ricardo avançou para a sua amada. *E agora? O que faço?*, pensou. O corpo dela estremeceu. Queria falar, mas as palavras estavam-lhe presas na garganta. Ricardo estava igual: sentia um nó no peito. Esfregou as mãos, não escondendo o seu nervosismo. O comboio partiu, a estação ficou praticamente vazia, e os dois continuavam ali, desejando dizer tanta coisa, mas presos nas emoções.

— Olá — disse ele por fim, com um sorriso tímido.

Carmen nada disse, embora tenha tentado articular uma resposta. Mordiscou o lábio, mas o silêncio permaneceu. Ainda o olhava com um ar admirado.

— Carmen? Carmen? — Alguém chamava por ela no telemóvel.

— Já te ligo, Raquel — respondeu ela. Tinha-se esquecido completamente da amiga, com quem vinha na conversa.

Sentindo um arrepio na alma, Ricardo recuou um passo. As mãos suavam ainda mais do que antes. O peito apertava com a falta de uma palavra dela. Começou a achar que provavelmente não fora boa ideia ter ido ali. Mesmo assim, foi o silêncio que ele mais adorou na vida. Tinha Carmen à sua frente. Isso compensava quaisquer palavras não ditas.

— Olá, Ricardo — disse ela finalmente, sorrindo meio sem jeito e encolhendo os ombros.

Ricardo acenou com a cabeça. Tivera tantas saudades de ouvir aquela voz suave... Ouvira-a sussurrar-lhe ao ouvido vezes sem conta, naquelas noites em que se perdia entre o malte e as mulheres. Mas agora era verdade, não estava a alucinar. O poema mais lindo que alguma vez lera estava novamente diante de si. Reconhecendo-se, as duas almas tinham criado um campo magnético à volta deles.

— Estás bem? — perguntou Ricardo. Tinha tanto para lhe dizer, tanto

para lhe perguntar, mas aquilo foi a primeira coisa que lhe saiu.

— Sim... Surpreendida com a tua presença, mas estou bem, sim — respondeu Carmen. — E tu?

— Eu estou a ficar bem... — gaguejou ele, enquanto estalava os dedos.

— Que bom!

O sol mergulhava nas traseiras da estação, e as pombas regressavam para pernoitar no telhado. No altifalante, uma voz anunciou a chegada do próximo comboio, e a plataforma tornou a encher-se de gente, mas eles não se importaram. Para um e para outro, nada existia senão aquele momento, em que, mais de um ano depois, estavam frente a frente. Ricardo ensaiara centenas de frases para quando isso acontecesse, mas nenhuma saía sem que ele gaguejasse.

Vieram-lhe à memória ocasiões com ela. Carmen continuava com o mesmo ar luminoso e a mesma pele macia. Ela reparou nas rugas suaves que ele antes não tinha, nos olhos um pouco encovados, vendo-se um misto de tristeza e esperança, na barba por aparar e nos traços do rosto que ela tanto amava. Havia nele algo diferente que ela não conseguia decifrar.

— Estás fantástica. Cada vez mais bonita.

— Obrigada — agradeceu Carmen, corando.

Quando os passageiros começaram a descer do comboio, Ricardo indicou um banco a pouco metros deles. Sentaram-se lado a lado, a centímetros um do outro, e ficaram a ver as pessoas a saírem do comboio e as outras que esperavam para entrar. O amor é uma emoção que, muitas vezes, os amantes não conseguem explicar. Não tem lógica, razão ou senso comum. Ali estavam eles, cheios de dúvidas e medos, apenas sentindo as emoções do momento, assistindo à luta entre a razão e o coração. Cortando o silêncio, Ricardo falou devagar, pois a voz tremia-lhe de emoção.

— Deves estar a pensar na razão para eu estar aqui, depois de tanto tempo.

— É uma das dúvidas que paira na minha mente, sim.

— Nem sei bem por onde começar. — Ricardo fez uma pequena pausa enquanto tentava encontrar as melhores palavras. — Queres ir para um sítio mais calmo, para podermos conversar?

Carmen olhou para o relógio do outro lado da plataforma e acenou com a cabeça, aceitando o convite.

— Pode ser. Tens alguma ideia em mente?

— Talvez pudéssemos ir até à beira-mar. Que te parece?

— Parece-me bem. Tenho de passar em casa para dar comida à *Luna*, mas depois podemos ir.

— Claro que sim. Aproveito e passo por casa para ir buscar o carro, e depois apanho-te. Até podemos jantar.

Carmen desviou o olhar e não respondeu. Estava hesitante. Apesar de ter uma enorme vontade de dizer que sim, sem pensar em consequências, a sua mente dizia-lhe que não. Ricardo deixara-lhe feridas que ainda eram bem visíveis no seu olhar. Por outro lado, o homem que ela via diante de si não era aquele que destruíra a relação, mas sim aquele que cuidava dela, que se preocupava, que tinha um coração bondoso. Quando voltou a olhar para Ricardo, ele tinha os olhos marejados, o que lhe dificultou ainda mais a resposta.

— Se calhar não é boa ideia. Pelo menos hoje. Desculpa. Não me leves a mal. Tudo isto foi uma surpresa, e estou muito confusa. Não esperava ver-te, e, sinceramente, acho melhor não irmos passear...

— Tens razão, desculpa — disse Ricardo, arrependido. — Precipitei-me...

— Talvez noutro dia...

— Quando for melhor para ti. Eu compreendo.

— Obrigada, Ricardo.

Foram andando para a saída, e, embora dissessem trivialidades, o silêncio era maior do que as palavras. Ricardo caminhava ao lado da sua amada. Sentia um enorme desejo de lhe tocar. Queria sentir o seu abraço, o

seu cheiro, segurar-lhe a mão e dizer-lhe que a amava e que queria fazer parte da sua vida novamente. Mas sabia que não podia, não naquele momento. Sentia o medo em Carmen, e também ele temia falhar e voltar a ser aquele outro que não queria ser, tão parecido com o pai.

Carmen viveu com alegria aquele momento. Não conseguia explicar, mas sabia que Ricardo estava diferente. Começou a achar que talvez pudesse ter aceitado o convite, mas, por outro lado, sabia que apenas sentir não chegava. Precisaria de mais do que isso para voltar a confiar nele. Amava Ricardo, mas precisava de mais do que o seu amor por ele; precisava do amor *dele*. Precisava de provas, de ações.

Saíram da estação e ficaram ali parados mais um pouco. Apesar de se conhecerem havia anos, sentiam-se dois estranhos a tentar dizer algo.

— Vou por ali — disse Carmen, apontando na direção do parque urbano.

— Posso acompanhar-te? Se não te importares. Depois sigo para minha casa.

— Claro. Vamos.

Caminharam lado a lado, em silêncio. Sentiam uma mistura de emoções, que não sabiam como expressar. Ainda se amavam, mas não se atreviam a dar o passo seguinte. Tinham medo de se magoarem. De se perderem. Ricardo queria dizer a Carmen quanto a amava e sentia a sua falta, quanto queria ficar com ela. Queria abraçá-la, beijá-la, protegê-la. Queria pedir-lhe uma nova oportunidade, um novo começo. Mas não conseguia, não sabia como dizer essas coisas, e esperava que a oportunidade se apresentasse.

Carmen sentia o corpo a pedir para se entregar. A mente dizia-lhe para fugir, mas o coração escutava o silêncio daquele momento e recordava os fins de tarde em que os dois tinham assistido ao pôr do sol no Jardim do Morro, sem nada dizerem, apenas vivendo aquela magia. Também se lembrou das traições. Não houve uma única palavra, um único olhar ou

gesto durante todo o caminho. Amavam-se, mas não o diziam.

Quando chegaram à entrada norte do parque, ficaram parados, de olhos nos olhos. Não sabiam a forma como se iam despedir. A Ricardo não faltava vontade de a abraçar e beijar, nem que lhe desse um beijinho na cara, mas não avançou. Carmen sentia saudade do abraço dele, mas não se despediria dessa forma. Despediu-se com um aceno e afastou-se na direção da sua casa. Era a primeira vez que estavam frente a frente depois da separação, e, embora a vontade de se abraçarem fosse enorme, tal não aconteceu. Era cedo de mais. Ali parado, Ricardo viu Carmen a ir-se embora. Não se moveu até a perder de vista. Sempre adorara a maneira como Carmen se movia; dissera muitas vezes que não conhecia um andar mais bonito do que o dela.

Sentiu-se desiludido consigo próprio. Não conseguira reunir coragem para pedir perdão a Carmen. Arrependeu-se de ter deixado escapar a oportunidade. Tinha sido egoísta. Quisera dar esse passo, mas achara que não era o momento; não sentira a atmosfera que lhe parecia certa para que isso acontecesse. Na verdade, ele ainda não estava pronto.

Estava quase a deixar de ver Carmen. Uma solidão infinita abraçou-o naquele momento. Cometera um erro irreparável, causara um dano irreversível, fizera uma escolha que nunca poderia apagar.

Ricardo não era aquele do passado, mas Carmen não sabia. Embora sentisse que algo mudara nele, o medo e a insegurança não a tinham deixado encorajá-lo a dar o passo seguinte, nem ela arriscaria atirar-se de cabeça, apenas escutando o seu coração. Entre a emoção e a razão, Carmen escolhera a razão.

Ele calculara que isso pudesse acontecer, por isso, em vez de se deixar invadir pela tristeza, antes ficou agradecido por ter voltado a vê-la. Por ter podido estar com ela, nem que tivesse sido a última vez. Tomou a direção da sua casa, levando um leve sorriso na cara, uma pequena esperança no coração e um futuro possível no olhar.

Capítulo 16

Sexta-feira, 10 de maio de 2019

Ricardo acordou com um grito abafado e suores frios. Sentia as pernas presas, pesadas. Não era capaz de se mover, apenas se contorcia de dor. O lençol e a almofada estavam encharcados, e o pijama colara-se ao corpo. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira: eram três da manhã. A dor de cabeça era lancinante. Sentia um nó na garganta e um vazio no estômago. Tudo aquilo era a abstinência do álcool.

Levantou-se da cama a muito custo e, amparado pelas paredes, cambaleou até à casa de banho. Olhou-se ao espelho e assustou-se. Não se reconhecia. Via um rosto pálido, magro, com olheiras profundas e negras. A boca estava seca, e tinha os lábios rachados. Sentia-se lixo, um fracasso, um monstro. Abriu a torneira e lavou o rosto com água fria, tentando acalmar-se. Respirou fundo e esforçou-se por pensar em algo positivo, mas a sua face mostrava os sinais da batalha contra o vício. Lembrou-se do que ouvira na reunião dos AA: não estava sozinho, tinha de ser forte, tinha de viver um dia de cada vez. Ia conseguir. Fechou a torneira e agarrou numa toalha para limpar o rosto.

Dirigiu-se à cozinha. Os efeitos da abstinência eram agonizantes. Sabia que tinha uma garrafa de uísque escondida num armário e foi direito a ela. Sabia que aquilo era o seu veneno, mas o corpo não lhe obedecia. Estava dominado pela mente, que gritava, desesperada por álcool. Podia ser a sua ruína, mas seria uma escolha sua. Abriu o armário e tirou para fora a

garrafa, olhando-a com ódio. Imaginou o cheiro forte, o sabor amargo e a sensação devoradora do primeiro gole. Sentou-se no chão frio da cozinha, com a garrafa ao colo, e chorou.

A tentação era muita. O corpo pedia-lhe que bebesse, apenas para acalmar os tremores e os suores frios. Então, conseguiria dormir. Sentia o corpo exausto, como se tivesse acabado de correr a maratona. Pousou a garrafa no chão, apoiou a cabeça nos joelhos e desejou ter ali Carmen para o abraçar e lhe dizer que tudo ia correr bem. Mas ela não estava ali, e aquela luta tinha de ser só sua, para si.

Passados alguns minutos, tentando pôr fim aos pensamentos que lhe martelavam a mente, respirou fundo, levantou-se, enxugou as lágrimas com as costas das mãos, agarrou na garrafa e deitou-a para o lixo. De repente, a coragem inundara a sua alma. Não seria derrotado naquele dia. Sabia que tinha um longo caminho pela frente, que teria de enfrentar muitas dificuldades, que corria o risco de recair, mas estava mais decidido do que nunca. Não queria voltar às noites em que adormecia estendido sobre o próprio vomitado, em que perdia a memória do que fizera e do que acontecera. Sabia que tinha de ser agora, senão o futuro seria sombrio, talvez mais do que o passado.

As dores ainda se faziam sentir no seu corpo fragilizado quando agarrou no saco do lixo e desceu à rua para o pôr no contentor, não fosse sentir-se tentado novamente. Antes de regressar a casa, parou a poucos metros da entrada do prédio e admirou o céu. A noite estava clara e silenciosa. As estrelas cintilantes banhavam tudo em luz prateada. Olhando a Lua, Ricardo foi invadido por um misto de calma e nostalgia. Lembrou-se do pingente de lua no pescoço de Carmen, outrora no pescoço da mãe, e recordou com saudade e ternura as duas mulheres que mais amava.

Após alguns minutos a admirar a Lua, Ricardo subiu e, embalado pelas recordações do passado, foi diretamente para a cama. Cheio de dores no corpo, remexeu-se vezes sem conta, demorando largos minutos a

adormecer. A ansiedade prendia-lhe a perna esquerda, e a mente não o deixava descansar.

Foi uma noite mal dormida. Ricardo acordou e abriu os olhos lentamente. A cabeça latejava, e tinha a boca seca. Olhou para o lado e viu o vazio da cama, o lençol amarrotado e a almofada fria. Suspirou e levantou-se com dificuldade. Parecia-lhe que tinha pesos amarrados às pernas. Arrastou os pés até à casa de banho para tomar um duche de água quente. Olhou-se ao espelho antes de entrar na banheira e viu um rosto desfeito e amargurado pela luta travada nessa noite. Estava pálido e tinha papos debaixo dos olhos e os lábios gretados, mas sentia-se vitorioso. Ganhara mais uma batalha. Sorriu ao seu reflexo no espelho.

Depois do banho, vestiu-se e saiu. Fechou a porta e rodou as chaves. Segurando o puxador com a mão direita, empurrou e puxou algumas vezes, para se certificar de que a porta estava bem fechada. Algumas coisas mudavam, mas aquele hábito mantinha-se na vida dele. Passou pelo Bella Donna para tomar um café e comer um pão com manteiga, mas não se demorou por lá. Não se queria envolver com os seus pensamentos. Saiu apressado e foi em direção à Gandra, que ficava do outro lado da estação. Tinha lá o seu barbeiro e estava a precisar urgentemente de uma tosquia. Pelo caminho, enviou uma mensagem a Carmen, desejando-lhe um bom dia, e outra a João. Passava das dez. Tanto um como o outro já estariam a trabalhar, por isso não contava ter resposta senão mais tarde, mas João respondeu no mesmo minuto, perguntando-lhe como se sentia. Ricardo preferiu ligar ao amigo em vez de lhe enviar mais mensagens. Era-lhe mais fácil dizer de viva voz como se sentia, e sempre era uma companhia enquanto ia andando.

— Bom dia — disse, ainda um pouco ensonado.

— Bom dia, rapaz! — respondeu João do outro lado da linha, quase com demasiada energia. — Como te sentes?

— Um chapéu de um trolha, mas vivo.

— Já não é mau — disse João, rindo-se.

— Tive uma noite horrível, mas sobrevivi.

— Abstinência?

— Sim. Pensei que ia morrer. Sentia o meu corpo a definhar. Foi horrível. Nem quero pensar no número de vezes que vou ter de passar por isto.

— És um campeão. Vais conseguir. Tenho muito orgulho em ti.

— Obrigado. Sabe bem ouvir isso logo pela manhã.

— Sabes que é sincero. Gosto de ti.

— Também gosto de ti, amigo.

— Então e que andas a fazer? — perguntou João.

— Estou a caminho do barbeiro. Quero aparar a barba e cortar o cabelo. Estou com um aspeto horrível.

— Muito bem. Cuida de ti.

— Ontem estive com a Carmen.

— Ah, então é por isso que o menino se quer pôr bonito! — brincou João, puxando um sorriso a Ricardo.

— Sim, mas não só. Também é por mim. Hoje, quando me olhei ao espelho, vi alguém que precisa de ser cuidado. Tenho de o fazer por mim.

— É assim mesmo — encorajou-o João.

— Tenho de gostar de mim.

— E como correu o encontro? — perguntou João.

— Não foi bem um encontro... Apareci na estação. Acho que correu como tinha de ser. As palavras foram poucas, mas acredito que houve muito sentimento. Tenho tanto para lhe dizer... Ontem não era o momento certo. Além disso, eu tremia como varas verdes.

— Com calma. O que tiver de ser, será.

— Ah! Além de ir à psicóloga, também vou fazer umas sessões de reiki e ter aulas de ioga.

— Isso é que é lutar por ti! Estás a ir com tudo!

— Tem de ser. Se eu não o fizer, ninguém o faz por mim. Olha, cheguei ao barbeiro.

— *OK, OK.* Falamos depois. Grande abraço.

— Abraço, amigo.

Quando desligou, viu que Carmen lhe enviara uma mensagem de boas-dias. Sorriu quando a leu, e o seu coração acelerou, fazendo-o andar um pouco mais depressa. Naquele dia, sentia uma força dentro de si que o fazia acreditar que conseguiria ultrapassar todas as dificuldades, apesar da noite assombrada que tivera. Carmen voltava a estar presente nos seus pensamentos, e, olhando-se no espelho enquanto o barbeiro lhe cortava o cabelo e aparava a barba, os seus olhos viam-na sentada no sofá, à sua espera. Também via outro alguém no espelho, com um rosto mais cuidado e um brilho cada vez mais forte no olhar. Ao contrário da miragem de Carmen sentada no sofá, esse outro que ele via no espelho não era uma ilusão, mas sim um homem que estava disposto a ultrapassar todos os desafios que a vida lhe pusesse à frente.

Quando o barbeiro terminou, Ricardo ergueu-se da cadeira e voltou-se para o sofá, mas só ali estava um senhor que rondaria os sessenta anos e que por certo não o esperava. Deixando o estabelecimento, encheu os pulmões com o ar quente daquele dia. Não tinha nenhum compromisso à espera, por isso caminhou lentamente e sem destino certo, observando tudo com uma curiosidade de alguém novo na cidade. Passou pelo mercado, onde tantas vezes comprara fruta e peixe com Carmen. Viu os vendedores atarefados e diligentes no seu trabalho, distribuindo sorrisos por quem se aproximava.

Aquela cena fê-lo recordar-se dos empregos por que passara e do dinheiro que ganhara e esbanjara, e perguntou a si mesmo se teria tido algum trabalho que o completasse. Sabia que era um bom profissional, mas nunca se sentira realizado, sentia sempre que faltava algo. Talvez fosse o momento de sair da imobiliária. Mas iria fazer o quê? Era a dúvida que o

assaltava.

Afastando-se do mercado, passou pela igreja onde tantas vezes rezara quando era rapaz. Lembrou-se da fé que tinha nessa altura, e da esperança e confiança que entretanto perdera. Lembrou-se das orações, das promessas e do milagre que pedira e não acontecera — a mãe não voltara. Lembrou-se dos pecados, dos perdões e das bênçãos que recebera na catequese. Olhava Jesus pregado na cruz e perguntava a si mesmo porquê tanto sofrimento. Qual o motivo para que o ser humano fizesse constantemente escolhas menos boas, que o levavam ao sofrimento, como fora o seu caso?

Entrara na igreja em busca de um pouco de paz e consolo, mas, de repente, apenas tinha perguntas. Porque permitia Deus tanta dor e injustiça no mundo? Por que razão ele próprio tinha passado por tantas provações? Porque vivia uma relação tóxica com o álcool? Lembrou-se de quando era criança e ia à catequese com os amigos. Aprendia sobre o amor de Deus, sobre a Sua misericórdia e bondade. Acreditava que Deus tinha um plano para ele e que tudo daria certo no final. Depois, à medida que crescia, foi perdendo a sua fé. Vira o pai a ser violento e a mãe a cair em depressão e morrer com o coração desfeito. Tinha-se sentido abandonado por Deus, traído pela vida. Deixara de rezar, deixara de acreditar. Desviara-se por maus caminhos e escolhera más companhias, movido pela revolta que carregava dentro de si, por tudo o que lhe acontecera. Passara a viver sem rumo, sem sentido e sem esperança. Somara relações vazias, trabalhos precários e vícios destrutivos. Não entrava numa igreja desde os tempos da catequese e, agora que ali estava, apercebeu-se do vazio dentro de si.

Ricardo olhou novamente para a cruz. Viu o rosto de Cristo, ensanguentado e sofredor. Mas viu também a compaixão e o perdão nos Seus olhos. Viu o Seu coração aberto e generoso. Viu o Seu ato de entrega e sacrifício, o Seu exemplo de humildade e obediência. Ricardo sentiu uma energia diferente a percorrer o seu corpo. Ouviu uma voz suave e doce que lhe dizia: *Não temas, Eu estou contigo. Eu amo-te, Eu perdoo-te, Eu salvo-te. Eu*

sofri por ti, morri por ti e ressuscitei por ti. Eu dou-te uma nova vida, uma nova oportunidade, uma nova esperança. Basta que me aceites, que me sigas e me ames. Ricardo não sabia se a voz era real ou fruto da sua imaginação. Teve medo de estar a ficar paranoico, já que ultimamente as alucinações e miragens eram frequentes na sua vida. Sacudindo a cabeça, avançou lentamente até ao altar e ajoelhou-se diante da cruz. Fechou os olhos e abriu o coração.

Ali, percebeu que a voz que ouvia vinha de dentro de si, para o ajudar a conectar-se com a sua essência. Estava confuso. A voz era familiar, mas, ao mesmo tempo, era estranha, como se fosse de alguém que ele conhecia há muito tempo mas que nunca tinha visto. Tentou ignorá-la, mas ela persistia, insistia em resgatá-lo, em dar-lhe a mão. Fazia muito tempo que ele não perguntava a si mesmo o que realmente queria e sentia, quem realmente era. Desconectara-se de si próprio, perdera a identidade e esquecera o seu propósito. Mas a sua voz interior não o abandonara. Estivera sempre ali, à espera dele, aguardando o momento em que ele estaria pronto para a ouvir novamente.

Esteve na igreja durante quase uma hora, depois desceu a rua que levava à estação. Continuava a refletir sobre o seu caminho, o seu destino e o legado que deixaria. Carmen voltava ao seu pensamento, assim como o filho que ela sempre desejara ter e que ele sempre fora adiando. *Ainda bem que assim foi*, pensou Ricardo. Não era exemplo para ninguém, muito menos para um filho, que teria crescido a ver o pai a perder-se entre as sombras da noite, como ele próprio vira acontecer com o seu pai. Mas algo estava a mudar na mente de Ricardo. Aos poucos, começava a acreditar que a vida era uma história cujo rumo ele tinha o poder de mudar, para que o final fosse feliz.

Chegando à estação, subiu à plataforma onde ele próprio tantas vezes apanhara o comboio. Sentou-se num banco e observou as pessoas e o movimento. Puxou do telemóvel. Não recebera nenhuma mensagem de Carmen. Olhou em volta, sem saber bem o que procurava. Nem sequer

sabia qual o motivo para estar sentado num banco da estação. Por ali ficou, em silêncio, vendo os comboios chegar e partir. Atravessava um momento de grandes desafios e tinha de ser forte. Essa era a primeira escolha. Aos poucos, a dor que carregava consigo e o vazio existencial que sentia iam-se dissolvendo. Queria encontrar um propósito, para não ser igual ao pai nem seguir o mesmo caminho que ele. Agora que ganhava consciência, não queria ser igual a um homem que tanto mal lhe fizera. Estava disposto a renascer.

Capítulo 17

Pouco passava do meio-dia quando Raquel chegou a Ermesinde. Sem consultas agendadas para a tarde, decidira vir almoçar a casa. Desceu do comboio com os fones nos ouvidos, como era seu hábito quando não tinha companhia. Estava a ouvir *rock*.

Raquel era uma solitária, não por escolha, mas porque a vida a empurrara para esse lugar, e ela assim se deixara ficar. Carmen era a única pessoa em quem ela confiava e com quem se abria. Mas nem sempre fora assim. Passara a juventude e os anos de vida académica rodeada de amigos. No entanto, a traição do namorado que tinha nessa altura destroçara o seu coração frágil. Tinha deixado de acreditar nos homens, mas também nas amigas, já que Daniel a traíra com uma amiga de ambos. Só a amizade com Carmen sobrevivera.

Afastada da escada rolante, aguardou que a afluência de pessoas diminuísse. Não gostava de confusões. Olhou para o seu lado esquerdo e viu Ricardo sentado num banco da plataforma 1. Estava voltado para ela. O primeiro impulso de Raquel foi aproximar-se dele e apertar-lhe o pescoço. Talvez literalmente. Vontade não lhe faltava.

Instantes depois, a plataforma ficou vazia. Restavam ela e, do outro lado, Ricardo. Ele não a viu, estava cabisbaixo, mergulhado nos seus pensamentos. Raquel sentiu crescer em si a vontade de lhe ir falar. No passado, tinham tido uma boa relação, mas ela cortara com ele ao descobrir que Ricardo sabia da traição de Daniel e não lhe dissera nada. Concluindo que ele dera cobertura às mentiras do amigo, confrontara-o, mas não

aceitara as explicações dele e nem tinha levado em conta que Ricardo namorava com a sua melhor amiga. Passara a evitar estar com Carmen quando ele se encontrava presente, deixando a amiga numa situação complicada. Carmen ainda havia tentado mediar o desentendimento, mas em vão.

Raquel desceu a escada rolante, atravessou a galeria comercial, subiu até à entrada principal e dirigiu-se à plataforma 1. Desligou a música e tirou os fones dos ouvidos. Os seus passos tornaram-se hesitantes. Queria muito falar com ele, perceber até que ponto ele estava interessado numa nova tentativa com Carmen, mas, ao mesmo tempo, não queria desenterrar um passado que estava mais do que morto, ou assim achava ela. Não queria ameaçar Ricardo, nem se sentia no direito de fazer tal coisa. Sabia que, por vezes, era brusca nas palavras, e que isso podia intimidar os outros. Aproximou-se até parar atrás dele. Deixou-se ficar ali durante alguns segundos, depois tocou-lhe no ombro direito. Franzindo o sobrolho, Ricardo voltou a cabeça, e então arregalou os olhos.

— Raquel?! — perguntou, espantado.

— Dizem que sim — respondeu ela, com o seu humor sarcástico habitual. Reparou nas mudanças no rosto de Ricardo. No lugar da pele lisa que tinha antes, havia agora algumas rugas vincadas em volta dos olhos escuros. Um certo ar cansado deixava transparecer as batalhas que ele travara. Ainda assim, havia um ligeiro brilho no seu olhar. Pouco tempo depois de ele e Carmen se terem separado, Raquel vira-o e notara o semblante pesado e os olhos vidrados e sem cor. Isso mudara. Carmen tinha razão; ele parecia diferente.

Levantando-se, Ricardo encarou-a em silêncio, à espera de que ela dissesse algo.

— O que estás aqui a fazer? — perguntou Raquel.

— Nada de especial. Saí para fazer uma caminhada e parei aqui, para pensar na vida.

— Tu pensas?! Estou admirada! — ironizou ela, com um sorriso amarelo.

— Não comeces, por favor — murmurou Ricardo, baixando a cabeça e reocupando o seu lugar no banco. — Podes sentar-te, pagas o mesmo.

— Não tenho trocos para te dar — retaliou ela, e sentou-se ao seu lado.

— Como estás? — perguntou ele, olhando-a nos olhos.

Raquel também se fixou nele. Tornou a notar o brilho nos seus olhos. Estranhamente, sentia que Ricardo emanava paz.

— Estou bem. E tu?

— Olhando para trás, posso dizer que estou bem.

— O que queres dizer com isso?

Ele puxou do maço de tabaco. Pôs um cigarro na boca e acendeu-o.

— Devias parar de fumar.

— Eu sei. Uma coisa de cada vez.

— Mas então? Como é que estás realmente?

— Posso dizer que estou bem, embora me sinta um farrapo por dentro.

Digamos que estou em reconstrução.

— Descobriste o milagre da vida? — Raquel estava a provocá-lo.

— Tu não mudas — disse Ricardo, abrindo um tímido sorriso.

— E tu mudaste?

— Certamente que sim. Não sou a mesma pessoa que fui, nem aquela que serei.

— Oh, foda-se, que ele agora é filósofo. Não me digas que andas com uma professora de Filosofia...

Ricardo deu uma gargalhada.

— Já tinha saudades desse teu jeito.

— Conta-me histórias. Mas olha lá, tu mudaste ou não?

Ricardo inclinou-se para diante e olhou o comboio que acabava de entrar na linha 4. Ficou em silêncio durante alguns segundos, depois endireitou as costas, respirou fundo e fitou Raquel.

— Como te disse, estou numa fase de reconstrução. Decidi procurar ajuda para deixar de beber. Foi a melhor decisão que tomei nos últimos anos, senão a melhor da minha vida. Mas estou a passar pelo Cabo das Tormentas...

— Já ouvi essa conversa em algum lado — resmungou Raquel.

— Eu sei. Mas desta vez é a valer, e é por mim que o faço.

Ela olhou-o, desconfiada. Custava-lhe acreditar naquela conversa. No passado, ele prometera a Carmen que deixaria de beber, dizendo que faria isso por ela, e falhara. Raquel lembrou-se da mãe, que também prometera inúmeras vezes que ia deixar a droga, mas sempre sem sucesso. Ainda assim, ela queria saber mais, queria ouvir Ricardo.

— E o que estás a fazer de diferente agora?

— Em primeiro lugar, admiti que tenho um problema. Depois, estou com uma força de vontade como nunca tive. É mesmo isto que quero. Quero largar este vício maldito. Quero uma vida nova.

— Sabes que só isso não basta. Não digo que não seja importante, porque é, e muito, mas tens de fazer mais do que isso.

— Sim, eu sei. Já fui a uma reunião dos Alcoólicos Anónimos e também marquei consulta com uma psicóloga e com o meu médico de família.

— Ah, muito bem... — surpreendeu-se Raquel, cada vez mais atenta ao que Ricardo dizia. Fitava-o nos olhos, tentando perceber se aquelas palavras eram verdadeiras. — E como te tens sentido?

— Tudo isto é recente. Já me apeteceu beber, mas resisti. Tento desviar o pensamento para outro lugar. É uma luta. O que me tem custado mais são as dores no corpo, por causa da abstinência.

— Se isso for verdade, fico muito feliz por ti. Tens é de continuar.

— Não quero mais mentiras na minha vida, Raquel. Já basta o passado com a Carmen.

— Pois...

— E tu? Já te casaste? — perguntou ele, com um sorriso matreiro nos lábios.

— Preferia morrer — respondeu Raquel prontamente, revirando os olhos. — Os homens são todos iguais.

— Conheço bons homens.

— Mas já morreram todos — disse ela de modo brusco, rindo com escárnio.

— Sempre com bom humor, Raquel. Vá lá, não seas mazinha.

— Pois, pois. Tudo farinha do mesmo saco.

— Continuas magoada comigo por causa do Daniel?

— Isso pergunta-se? — disse friamente Raquel. — Acho que devias ter consciência disso.

— Eu compreendo-te — disse Ricardo.

Raquel lançou-lhe um olhar fulminante.

— Se compreendes, porque é que na altura não me disseste?

— Não era o homem que sou hoje e tive medo. Sei lá.

— Medo? — Raquel revirou os olhos. — Poupa-me, Ricardo!

— Não sabia o que fazer, a sério. Ainda pensei em contar à Carmen, mas não tive coragem.

— Vocês são todos uns corajosos — ironizou ela.

— Acho que podemos ultrapassar isso. Na altura não te pedi desculpa, mas peço agora. Não o quis defender, apenas não sabia mesmo como agir. Desculpa. Devia ter-te contado. Talvez tivesses sofrido menos sabendo mais cedo.

— *Atirei o pau ao gato-to, mas o gato-to não morreu-en-eu* — cantou ela, enquanto olhava para o teto da estação. — Não me dês música, Ricardo. Mas OK, aceito o teu pedido de desculpa. Também já não sou a mesma pessoa, por isso, vamos pôr este assunto para trás das costas.

— Obrigado. Posso dar-te um abraço? — pediu ele.

— Não abuses. Não avançámos assim tanto — disse ela, afastando-o

com as mãos.

— É justo. — Ricardo riu-se.

Ficaram em silêncio durante alguns minutos. Nunca tinham sido melhores amigos, mas não se davam mal. Antes da omissão de Ricardo, havia respeito entre eles.

— O que pensas fazer em relação à Carmen? — perguntou Raquel, interrompendo o silêncio.

Ricardo fitou-a, pensativo. Tentava encontrar uma resposta.

— Estava a ver que nunca mais perguntavas! — acabou por dizer, com um ligeiro sorriso. — Sempre foste direta, mas tens estado a enrolar... Estás a perder qualidades.

Raquel não respondeu. Limitou-se a olhar para ele em silêncio, erguendo o queixo. Ricardo continuou:

— Vivemos uma grande paixão. Um grande amor. Uma história intensa, carregada de sentimentos. Eu era louco por ela, mas não tive força para largar o vício.

— E as outras — sublinhou Raquel, interrompendo-o.

— Não posso negar o meu passado, mas entrei num processo de mudança. Quero largar o álcool e farei de tudo para conseguir. Mais do que nunca, sinto essa força em mim. Basta desta vida que não me leva a lado nenhum. Não vou negar que amo a Carmen. Das vezes em que me tentei convencer de que já não a amava, estava a mentir a mim mesmo. Mas tenho medo.

— Medo de quê?

— Medo de a magoar novamente. Ela não merece.

— Não merece, não!

— Eu sei...

— Vê se tens juízo e faz o que é correto, pelo menos uma vez na tua vida.

— Estou a tentar. Estou a dar o melhor de mim para ser uma melhor

pessoa.

— E dou-te os parabéns por isso. Mas há palavras, e há ações. No passado, convenceste a Carmen usando palavras, mas não havia ações. E ela era sempre iludida. Pensa bem se vale a pena iludi-la uma vez mais. Se não será melhor vocês se afastarem de uma vez por todas.

— Eu amo-a, e acredito que a Carmen também me ama. Mas, se ela decidir que fica melhor longe de mim, afasto-me. Tenho pensado muito no que é o amor. E o amor também é deixar ir, não aprisionar.

Pela primeira vez, Raquel não sabia o que dizer. Estava confusa. Queria acreditar que Ricardo seria sempre um canalha incapaz de respeitar uma mulher, daqueles que gostavam de saltar de cama em cama. Mas, naquele momento, duvidava das suas certezas. Algo em si *queria* acreditar nele.

Não. Não acreditava que alguém mudasse.

— Quase me convenceste — disse, sarcástica. — Não acredito que as pessoas mudem assim.

— Talvez seja melhor dizer que melhorei. Que cada vez me conheço melhor. E isso faz com que mais facilmente reconheça os meus erros e os poços em que caio. Assim, torna-se mais fácil trabalhar para não repetir os erros do passado. E as mudanças acontecem naturalmente.

De novo, Raquel ficou sem saber o que dizer. Estava desarmada e sem vontade de atacar. No fundo, desejava que Ricardo estivesse mesmo a mudar, e ele dava-lhe todos os sinais de que assim era. E dava-lhe uma esperança com que ela não contara: acreditar novamente nas pessoas.

— OK, OK. — Não conseguiu dizer mais nada. — Tenho de ir. Tu ficas?

— Posso sair contigo.

Silenciosos, ergueram-se do banco e deixaram a plataforma. Despediram-se no átrio principal. Raquel tornou a descer a escada rolante e atravessou a galeria comercial. Tinha de sair pelas traseiras da estação.

Por sua vez, tomando o caminho de casa, Ricardo pensou no que

acabava de acontecer. Ele e Raquel tinham passado anos sem trocar uma palavra. Fora bom tornar a vê-la. Sentia o Universo a alinhar-se consigo. Sentia que estava a fazer escolhas mais acertadas e que isso lhe traria bênçãos. Uma delas era reencontrar pessoas por quem nutrira um sentimento bom no passado.

Raquel sugerira-lhe afastar-se de Carmen. Ricardo não a levava a mal e até a compreendia. Mas sabia que em nenhum outro lugar do mundo ou tempo da eternidade amaria alguém como amava Carmen. Por isso, queria curar-se, para depois reconquistar o amor da sua vida. Se assim tivesse de acontecer.

Capítulo 18

Raquel deixou a estação e atravessou a rua, para mais à frente cortar à direita. Morava por trás do centro de saúde, numa rua calma onde não passavam muitos carros. Isso dava-lhe a tranquilidade de que ela precisava depois de um dia de trabalho.

Ricardo não lhe saía da cabeça. O reencontro mexera com os seus sentimentos e convicções. Estava segura de que seria sempre difícil alguém deixar um vício — afinal de contas, vira a mãe morrer por culpa da droga, sem nunca ter tido forças para se curar. Agora, ali estava Ricardo, disposto a lutar por si próprio. Ela acreditava e não acreditava nele, mas, apesar das dúvidas, um grande pedaço do seu coração queria que fosse verdade. Raquel desejava que Ricardo conseguisse deixar o álcool e ter uma vida plena.

Era bem verdade que estava magoada com a situação do passado, mas, naquele dia, percebera que ele não tivera culpa, que fora Daniel quem errara e a magoara. No entanto, Ricardo tinha magoado Carmen, que era a melhor amiga de Raquel, e o medo de ele voltar a fazer o mesmo pairava na mente dela. Não desejava isso. Não seria justo. Carmen não merecia tornar a passar pelo mesmo, ou por algo ainda pior. Não merecia voltar a sofrer, agora que a esperança renascera no seu coração.

Raquel entrou em casa, descalçou-se e ligou o sistema de som. Pôs um CD dos Pearl Jam e atirou-se para o sofá. Ricardo mexera consigo, por mais que ela se esforçasse por afastar essa ideia. Não queria dar o braço a torcer, mas chegou à conclusão de que havia realmente algo diferente em

Ricardo. Talvez fosse o brilho no olhar e a calma que ele transmitia. Carmen tinha razão naquilo que lhe dissera. Decerto vira a mesma esperança no olhar dele, e isso tinha feito a diferença. Ricardo acreditara que as coisas podiam melhorar, que os problemas podiam ser superados, que os sonhos se podiam realizar.

Raquel refletiu e questionou-se sobre se ela própria tinha esperança. Talvez não, foi a conclusão a que chegou. A esperança ajudava a cultivar valores como a paciência, a perseverança, a confiança e a fé, tudo coisas que ela não tinha. Quase todos a achavam uma pessoa forte, mas, na solidão da sua casa, por vezes, Raquel sentia-se abandonada. Havia dias de escuridão absoluta, em que ela apenas tinha vontade de se isolar e permanecer longe de tudo e todos. Sentia a falta da mãe. Queria odiá-la por ela não ter lutado contra o vício, mas não conseguia, e odiava-se por não conseguir. Nos dias em que era vencida pela tristeza, só Carmen conseguia tirá-la de casa, só Carmen conseguia entrar no seu coração.

Raquel levantou-se de um salto, sacudiu o corpo, pôs a música mais alta e dançou descalça pela sala. Queria afastar aqueles pensamentos e energizar o corpo. Fazendo o *moonwalk*, foi até à cozinha ver o que podia almoçar. Não lhe apetecia nada do que ali tinha. Agarrou no telemóvel e ligou para Carmen. Ia propor-lhe almoçarem, mas o seu verdadeiro intuito era falarem de Ricardo.

— Então? — disse Carmen, do outro lado.

— Já estás na hora do almoço?

— Sim. Ia sair precisamente agora.

— Não me apetece almoçar sozinha.

— Oh! Estás carente? — brincou Carmen.

— Olha, se calhar até estou...

— Não acredito! Raquel Vicente, sai desse corpo que não é teu! — exclamou Carmen. Raquel ouviu-a estalar os dedos, armada em exorcista de meia-tigela.

— Parva! — resmungou.

— Não posso almoçar contigo. Tenho consultas à tarde.

Raquel quis dizer-lhe que tinha encontrado Ricardo, que era esse o verdadeiro motivo do telefonema. Mas não foi capaz. Não arranjou maneira de abordar o assunto e, na verdade, nem sabia se o queria realmente abordar.

— Não tem mal — conformou-se.

— Está tudo bem contigo? — perguntou Carmen. A amiga parecia-lhe um pouco estranha.

— Sim, está. Só me apetecia companhia.

— Podias ter esperado aqui na clínica e almoçavas comigo antes de ires para casa.

— Pois, mas não sei o que me deu. Tinha vontade de me vir embora.

— Estás mesmo bem?

— Sim, não te preocupes — tranquilizou-a Raquel.

— OK. Vou almoçar, senão tenho de engolir a comida à pressa.

— Vai lá. Beijinhos.

Não tinha conseguido abrir o jogo com a amiga, embora não lhe faltasse vontade. Decidiu ir até ao MaiaShopping, que ficava perto da sua casa. Almoçou lá e aproveitou para fazer compras. Havia promoções, e ela estava a precisar de renovar o guarda-roupa.

Enquanto andava de loja em loja, não parou de pensar sobre se devia contar a Carmen ou não. Aquilo não lhe saía da cabeça. Por um lado, sentia que Ricardo estava diferente. Por outro, não podia ter a certeza disso, e, ao contar a Carmen, poderia alimentar-lhe falsas esperanças, o que aumentava o perigo de ela se magoar novamente. A dúvida estava a matá-la. Ela, que sempre fora decidida, via-se agora inundada de incertezas. Raquel gostava de controlar as situações, de estar por cima. Mas o reencontro com um homem a tentar sair do Inferno fazia-a remoer o assunto, deitando por terra algumas das certezas que Raquel achara serem

indestrutíveis. Era-lhe impossível não pensar na mãe. Se a mãe tivesse saído do caminho que levava, talvez ela própria tivesse tido uma vida muito diferente. Talvez...

As dúvidas tinham aparecido em força, e isso irritava-a profundamente. Parou num café e pediu uma fatia de bolo de chocolate. Refletiu sobre o que se estava a passar consigo. Não deixava o amor entrar na sua vida. De momento, não estava numa relação, e as que tivera tinham sido fugazes. Não se permitia ir mais fundo e, de cada vez que sentia que o companheiro queria mais, afastava-o sem dó nem piedade. Passados tantos anos, ainda sentia intensamente cada dor do passado: a traição, a morte da mãe, ter estado num orfanato. Teve de ser forte desde nova. Percebera que, para vingar na vida, não podia mostrar as suas fragilidades a qualquer um. Daniel fora a primeira pessoa a quem ela se dera a conhecer como era de verdade. Contara-lhe cada segredo e cada ferida, entregara-se de corpo e alma. E fora apunhalada pelas costas. Desde então, nunca mais se entregara a ninguém profundamente. Passara a usar os homens para sua satisfação pessoal.

Mas estava cansada de levar essa vida. Começava a sentir que talvez fosse bom adormecer nos braços de alguém que realmente a amasse e em quem ela pudesse confiar. Alguém que fosse maduro a ponto de a aceitar como ela era, sem serem precisas as capas que ela por vezes colocava e com que se escondia.

Terminou a enorme fatia de bolo de chocolate, deixou o centro comercial e foi para casa. Queria encher a banheira, relaxar o corpo e a mente e ouvir música. Depois, faria o jantar e ficaria no sofá a ver um filme. O dia seguinte era sábado, o que lhe permitia dormir até às horas que quisesse.

Capítulo 19

Sábado, 13 de julho de 2019

O sol começou a rasgar as nuvens, iluminando as ruas e casas de Ermesinde, a pequena e densa cidade do concelho de Valongo, a nordeste do Porto. Os primeiros sons do dia eram os dos comboios que passavam na estação, levando e trazendo pessoas. Fora lá que, semanas antes, Ricardo e Carmen se tinham reencontrado depois de quase dois anos sem se verem.

Embora fosse uma manhã de sábado durante o mês de julho, o largo da estação estava cheio. Havia quem descesse do comboio e parasse na pastelaria para tomar um café e comer uma nata, outros mudavam de comboio ou apanhavam o autocarro, seguindo para outras localidades, e outros deixavam a estação e continuavam pela rua, cumprimentando os vizinhos e os comerciantes. Aqueles que estavam de férias tomavam descontraidamente o pequeno-almoço na esplanada da confeitaria, para depois irem à praia, ou, no caso dos emigrantes, seguirem viagem para ir visitar familiares.

Passava das dez da manhã quando Ricardo chegou ao centro. Estacionou perto do parque urbano, na rua paralela à de Carmen, e continuou a pé até ao centro para tomar o pequeno-almoço. Não tornara a beber álcool depois do dia do seu aniversário. Continuava a ir às reuniões dos AA e era acompanhado por uma psicóloga. Sabia que ainda tinha muito caminho pela frente até se livrar de uma vez por todas da tentação do álcool. Também sabia que uma recaída podia ter consequências graves

para a sua saúde física e mental e para o seu relacionamento com os outros. Estava cada vez mais consciente da sua fraqueza, mas também da sua força.

Não tornara a ver Carmen desde aquele dia na estação. Tinham trocado mensagens, por simples cortesia ou para comentarem situações do dia a dia, mas também tinha havido algumas mais profundas. Apesar de não se terem encontrado, Carmen foi tendo mais confiança nele, e a relação deles tornou a florir. Ricardo partilhara a sua experiência de luta contra o álcool, e Carmen sentira que ele estava realmente a lutar por si mesmo. As palavras dele não eram as mesmas de antes. Aos poucos, tornara a ver o Ricardo da altura em que tinham trocado o primeiro beijo, o poeta apaixonado.

Naquele dia, o reencontro ia acontecer, e a conversa que Raquel tivera com Carmen contribuíra para isso. Semanas antes, Raquel contara-lhe que encontrara Ricardo por acaso e que tinham conversado e sarado as feridas do passado. Também partilhara com Carmen a sua opinião sobre o «novo» Ricardo: achava que ele crescera e que, mais do que nunca, estava consciente do mal que fizera, não apenas a si mesmo mas também a ela. Raquel acrescentara ter sentido que ele estava disposto a sair do buraco em que se metera, e que isso até a fizera refletir sobre a sua própria vida.

— Mas não te quero influenciar em nada! — assegurou. Claro que, mesmo que não fosse essa a intenção, acabava por influenciar indiretamente. Ouvindo aquilo da melhor amiga, que antes «não podia» com Ricardo, Carmen confirmou o que havia sentido quando o vira na estação. Ele mudara. A partir daquele momento, a porta ficou entreaberta para que Ricardo pudesse entrar novamente na vida dela. Foram trocando mensagens, até que marcaram um encontro. Aos poucos, acontecera aquilo que os dois nunca teriam imaginado: estavam a reaproximar-se.

Ricardo esperava por Carmen na confeitaria junto da estação. Tinham combinado ali, para depois irem até à praia. Precisavam de falar olhos nos olhos. O convite partira dele. Queria pedir perdão à mulher que

continuava a amar com a mesma força depois de uma primeira tentativa falhada. Queria resolver todas as questões e arrumar as dores do passado. Inquieto, foi enrolando as mãos uma na outra enquanto aguardava a chegada de Carmen. Fumou dois cigarros de uma assentada. Com o corpo tenso, tentou respirar profundamente algumas vezes. Impaciente, não parava de olhar para o relógio. Passavam dez minutos da hora marcada, e ela ainda não aparecera. Ricardo sentiu o coração a bater mais rápido. A ansiedade ia crescendo, e o suor escorria-lhe pela testa. Respirou fundo novamente, tentando acalmar-se. Olhou em volta, procurando Carmen. A esplanada estava cheia de gente que queria aproveitar o sol de verão. Conversavam e riam. Sentindo-se deslocado e nervoso, Ricardo desejava que ela chegasse logo. Quando a visse, ficaria mais calmo. Sentia a frustração a aumentar, a preocupação a crescer e a angústia a apertar. *Será que ela não vai aparecer?*

*

Carmen ainda estava em casa. Parada à janela, fitava as árvores do parque urbano. Sentia o medo a percorrer o seu corpo. Em silêncio, tentava escutar os seus pensamentos.

Estava prestes a sair de casa para ir ao encontro dele, mas não tinha a certeza de ter escolhido bem a roupa. Acordara cedo, para se preparar com tempo, mas as dúvidas não a largavam. Custara-lhe adormecer e tivera uma noite agitada. O reencontro não lhe saía da cabeça, e pensar nele deixava-a entusiasmada. Passara horas a escolher entre vestidos, sapatos e acessórios e, quando faltavam poucos minutos para sair de casa, concluía que não estava convencida de ter acertado na roupa. Sob o olhar atento da *Luna*, mirava-se ao espelho e murmurava para si própria. No fundo, queria convencer-se de que estava tudo bem. Escolhera um vestido branco muito simples, que fazia sobressair o seu corpo bem desenhado. Aquele vestido

tinha sido a sua primeira escolha, e também aquele que Raquel lhe sugerira para o reencontro. Depois, a confusão instalara-se na sua mente indecisa. Mas ela pôs-lhe um ponto final. Seria aquele.

Deixando o espelho para trás, tornou a entrar no quarto. Espalhara todo o seu guarda-roupa em cima da cama. Ainda pensou em arrumar tudo aquilo, mas viu as horas e constatou que não tinha tempo para arrumações — ia chegar atrasada, coisa que nem parecia sua.

Desde a noite anterior, sentia um misto de medo, ansiedade, esperança e desejo. Tinha medo de que Ricardo não aparecesse ou a quisesse enganar novamente, e de que tudo o que ela sentia por ele fosse uma fraqueza sua, que não a deixava ver a verdade. A ansiedade era porque queria vê-lo, abraçá-lo e beijá-lo — e ela sabia que não haveria nenhum beijo escaldante, mas continuava a desejá-lo na mesma. Pelo meio do medo, ela desejava estar com ele, sentir o seu corpo e o seu abraço e fazer amor com ele. Reprovou-se por tal pensamento. Mas não o podia negar... A reaproximação tinha trazido à tona muitos momentos partilhados pelos dois. Carmen tinha medo de se entregar, mas precisava daquele reencontro para seguir em frente, fosse com Ricardo, fosse sozinha.

Depois de calçar umas sandálias, ergueu-se e olhou novamente para os vestidos espalhados na cama. Estava atrasada, não podia demorar mais. Apressada, foi à cozinha e encheu a taça da *Luna*, não fosse chegar tarde. Não sabia o que ia acontecer, como se desenrolaria o dia — e a noite. Saiu de casa, encheu os pulmões e pôs-se a caminho, atravessando o parque urbano num ápice. Sentia um frio na barriga, uma vontade enorme de finalmente desvendar quem Ricardo era agora. Ela amava-o, e ele amava-a, mas nem sempre é possível viver um amor assim. E ela estava prestes a descobrir como seria consigo.

Fechando os olhos, Ricardo pediu a Deus que ela chegasse em breve, que não se tivesse arrependido do encontro. Quando ia puxar de um cigarro para acalmar a ansiedade, viu-a. Estava a atravessar a rua, sorrindo, deslumbrante. O seu cabelo brilhante lembrava o reflexo do sol a beijar um rio límpido. Com um sorriso estampado no rosto, Ricardo levantou-se e esperou por ela. O vestido branco acima do joelho fazia sobressair a pele morena. Ricardo sempre adorara as pernas torneadas de Carmen. Desenhadas na perfeição, culminavam nuns pés perfeitos, como se da Cinderela se tratasse.

Carmen estava agora a dois metros dele, e Ricardo não sabia como devia cumprimentá-la. Não queria forçá-la a nada. Gostaria muito de a receber com um abraço, mas tinha passado tanto tempo e acontecera tanta coisa... Achou que não seria o melhor. Ficaram parados durante alguns segundos, embaraçados e meio atarantados. Ele não conseguia dizer nada, e os músculos não lhe obedeciam.

Na sua cabeça, ensaiara aquele momento inúmeras vezes, mas agora não sabia o que dizer. Tudo o que lhe vinha ao pensamento lhe parecia inadequado, insuficiente e até ridículo.

Carmen observou-o. A barba aparada dava-lhe um ar mais limpo e jovem. Gostou do brilho no seu olhar, que a deixou estonteada. Recordava-lhe o cheiro da pele de Ricardo, as mãos dele percorrendo o seu corpo, os beijos no seu pescoço. Recompôs-se e lutou contra a vontade de se entregar. No entanto, a emoção não ia embora, e, durante um momento, Carmen sentiu o mesmo que sentira ao vê-lo pela primeira vez. Na verdade, era isso que estava a acontecer. Era a primeira vez que ela via o novo Ricardo.

— Olá — disse ele, interrompendo o silêncio. Apesar do sorriso rasgado, estava muito nervoso. Sem querer, fez o suporte dos guardanapos cair ao chão.

— Olá, Ricardo — retribuiu ela, rindo do acidente.

Rindo nervosamente, ele baixou-se e apanhou o suporte dos guardanapos com destreza. Continuaram de pé durante mais um instante, sem saberem bem o que fazer, até que ele puxou a cadeira para Carmen. Foi sentar-se do outro lado, de frente para ela, e fitou-a. Pareciam dois miúdos a descobrir o amor, de tão nervosos que estavam.

— Queres o quê? — perguntou então Ricardo, por não se lembrar de mais nada.

— Um sumo natural de laranja e um pão de sementes de girassol torrado, com pouca manteiga.

— Parece-me bem.

— E tu?

— Vou pedir um abatanado e uma torrada.

Ricardo fez o pedido ao empregado, e, enquanto esperavam pelo pequeno-almoço, falaram do que andavam a fazer. Depois de tanto tempo afastados, não havia qualquer desconforto entre os dois. Carmen tinha medo do que podia acontecer, mas sabia que não havia volta atrás. Apesar do receio, decidira encontrar-se com Ricardo. Dera um passo, e agora não podia fugir. O sol brilhou com mais força, deixando a praça mais bonita. Naquele momento, Carmen e Ricardo eram a poesia das manhãs de sol.

Quando terminaram o pequeno-almoço, depois de terem falado de tudo menos daquilo de que mais desejavam falar, ele tomou a iniciativa.

— Estás bem? — perguntou.

— Sim, estou. E tu?

— Sim, também estou bem — disse Ricardo. Fez uma pausa. — Carmen...

— Sim... Ricardo?

Ele inspirou fundo, fortalecendo-se e ganhando coragem.

— Eu sei que errei, que te fiz sofrer, que não fui o homem que merecias. Fiz coisas horríveis e não posso culpar o álcool, pois eu tinha a escolha de não beber, mas segui sempre o caminho contrário. Por isso,

queria pedir perdão por todo o mal que te fiz e por todo o sofrimento que te causei.

Os olhos de Carmen ficaram rasos de lágrimas.

— Estás bem? — perguntou ele, aflito. — Desculpa, não te queria fazer chorar...

Pôs a sua mão sobre a mão de Carmen, e ela não ofereceu resistência. Tocarem-se com suavidade trouxe recordações aos dois. Olharam-se, enternecidos. Com a outra mão, ela limpou as lágrimas.

— Está tudo bem — disse, ainda não refeita das palavras que acabava de ouvir.

— Não merecias passar por tudo o que eu causei. Fui infantil. Gritei contigo e disse-te coisas horríveis que não eram verdade, e que eu nem tão-pouco sentia como verdades. Fui cruel. As traições... — Calou-se durante um momento, para ganhar coragem, e continuou: — Foram a maior estupidez que fiz na minha vida. Tu eras tudo para mim, e, em noites de copos, eu deixava-me levar pelo ego embriagado. Não merecias. Por tudo o que representavas para mim e pela mulher que és. Peço-te perdão se te fiz duvidar de que és uma mulher maravilhosa.

Carmen observava-o. Quando combinaram o encontro, ela não tinha a certeza do que ele lhe ia dizer. Sentira que ele lhe ia pedir perdão, que seria esse o propósito do encontro, embora a voz racional na sua cabeça lhe dissesse o contrário. Agora que tinha ouvido essas palavras da boca dele, vindas do coração, sentiu-se frágil, mas também mais leve. Aquela era a prova definitiva de que Ricardo estava diferente. Nunca lhe pedira desculpa depois de ter perdido de vez o controlo sobre a bebida. Pelo menos, não de forma sentida e sincera. Estava a ver um homem mudado. Mas e agora? O pedido de perdão viria demasiado tarde? Conseguiria ela entregar-se novamente a Ricardo?

Embora desejasse dizer-lhe que o amava, que tinha saudades dele e que se preocupava com o seu bem-estar físico e emocional, naquele momento,

o medo não a deixava avançar, e ela não sabia se haveria alguma altura em que isso fosse acontecer. Estava feliz por Ricardo, por ver quanto ele tinha crescido como ser humano e como estava a ficar bonito por dentro. Ficara feliz por ele ao ouvi-lo pedir desculpa e reconhecer os erros, mas a verdade era que já não precisava de nada disso. Havia muito que o perdoara, já deixara essa dor para trás. Naquele momento, só havia uma coisa importante: ver que Ricardo se transformara. Contudo, sabia que ele precisava do seu perdão para seguir em frente.

— Estou profundamente arrependido. Percebi que desperdicei um grande amor ao tratá-lo com desprezo e egoísmo. Só te dei valor quando te perdi. Sei que a frase é corriqueira, mas também é muito certa. — Fazendo uma pequena pausa, Ricardo respirou fundo, a tentar segurar as lágrimas. — Neste momento, o mais importante para mim é tu sentires que as palavras que te estou a dizer são verdadeiras. Quando deixaste de estar presente na minha vida, percebi que te amava de verdade, que te amava muito, e ganhei consciência dos meus atos. Entendi que sempre fui o único culpado e parei de arranjar desculpas para o que fazia e para o que não fazia. Basta de ser esse homem.

Carmen escutava em silêncio cada palavra dita por ele, e aquilo que ia ouvindo ecoava no seu coração. Ricardo estava finalmente a reconhecer os seus erros e as consequências dos seus atos.

— Não estou a dizer nada disto para te dar a volta, ou por achar que é o caminho mais curto para conseguir uma reconciliação. Digo porque acho que mereces. És uma pessoa de uma luz enorme, e serás sempre merecedora de amor e nunca menos do que isso. Perdoa-me.

— Sabes que eu te perdoo. Já estás perdoado há algum tempo. Não quero guardar sentimentos negativos em mim.

— Obrigado — agradeceu Ricardo. Agora era ele que tinha os olhos marejados. Segurou as mãos de Carmen. — Se tivesse feito diferente, hoje ainda estaríamos juntos. Sei que não posso voltar atrás e mudar o passado,

mas era importante para mim pedir-te perdão.

Vendo o olhar sereno de Carmen, sentiu uma vontade enorme de a abraçar. Queria dizer-lhe que tudo ia ser diferente, que agora iam ser felizes. Mas sabia que as palavras não chegariam para reconquistar o amor perdido. Teria de ser mais e melhor. Teria de a reconquistar com os seus atos, ações e escolhas. Talvez fosse uma missão impossível, mas ele estava disposto a tentar. O seu coração sabia que a mulher diante dele era o seu lar, o seu aconchego nos dias cinzentos.

— Não vale a pena remoer o passado. Não o podemos mudar.

— Mas podemos olhar para trás com a intenção de fazer diferente — afirmou Ricardo.

— Sim, enquanto aprendizagem — disse Carmen. — Esse é um dos poucos momentos em que faz sentido olhar para o passado.

Ricardo suspirou, encostando-se na cadeira.

— Tem sido um turbilhão de emoções nestes últimos tempos — disse, já sem a mão pousada na de Carmen.

— Acredito. É de uma coragem enorme o que estás a fazer por ti.

— Estou na luta. Tinha de ser. Foram muitos anos a enganar-me, a tentar convencer-me de que não tinha nenhum problema.

— Tens ido às reuniões dos AA? — perguntou ela.

— Não falho uma.

— Fazes bem. É o melhor para ti.

Quando Carmen disse aquilo, uma voz na mente de Ricardo sussurrou-lhe que o melhor para ele era beijá-la sem esperar mais um segundo. Ela ia falando, e ele fitava os seus lábios simétricos, macios e sensuais. Queria sentir novamente o fogo de Carmen.

— Ainda estás aí? — perguntou ela.

— Desculpa — disse ele, aflito, regressando do seu devaneio. — Estava a viajar.

— Eu reparei — disse Carmen, sorrindo. — Sempre me vais levar à

praia? — perguntou, inclinando-se para a frente, aproximando o seu rosto do dele.

O coração de Ricardo tinha disparado, galopava como um cavalo selvagem.

— Vamos ou não? — perguntou ela novamente, com um sorriso matreiro.

— Sim, sim, vamos — disse ele, atordoado, como se o tivessem vindo acordar a meio de um sonho colorido.

Deixaram a confeitaria e foram andando para o carro de Ricardo, que o deixara perto da casa dela. Caminhavam lado a lado, e ambos pensaram em entrelaçar os dedos, como tantas vezes tinham feito nos seus passeios por Ermesinde. Carmen desejava isso, mas o medo não a deixava tomar a iniciativa. Também era o que Ricardo mais queria, mas ele sabia que teria de ir devagar, fazer tudo de um modo correto e honesto. Se fosse para acontecer, tinha de ser com calma. Acima de tudo, tinha de mostrar à sua Lua que merecia a confiança dela. Tinha de lhe mostrar que estava verdadeiramente arrependido e que aprendera com o passado.

Capítulo 20

Ricardo estacionou o carro em frente à praia de Lavadores. Eles tinham uma ligação com aquela praia, por ser a mais próxima da antiga casa de Carmen, onde tinham passado momentos únicos ao começarem a namorar. Nascia ali um areal que continuava para sul ao longo de vários quilómetros. Aquela praia era uma ótima opção para quem procurava um lugar tranquilo e bonito para desfrutar do mar e da natureza, e, muitas vezes, Carmen e Ricardo tinham-na tornado um lugar só dos dois, ficando ali durante horas, sentados a observar o mar enquanto falavam de tudo e de nada. Fugiam para a praia de Lavadores para se isolarem do mundo e sentirem a imensidão do mar. Meditavam, ou simplesmente sorriam. Numa dessas vezes, olhando o horizonte, tinham combinado que um dia viveriam nos Açores. Não acontecera.

Caminharam, descontraídos, pelo areal, dando seguimento ao ambiente leve que reinara no carro. Sorrindo, tinham cantado em coro «O Homem do Leme», dos Xutos & Pontapés, que passara na rádio. Ambos recordaram uma memória que essa música lhes trazia, mas não falaram disso, porque não queriam falar do passado. De qualquer maneira, os dois sabiam que estavam a pensar numa noite no Porto em que, num bar de *karaoke*, tinham decidido cantar juntos aquela música dos Xutos. Ricardo foi inscrevê-los e voltou com um ar triunfante, como se tivesse feito algo heroico. Aguardaram a sua vez pacientemente. Quando chegou o momento, Carmen, que tivera a ideia, disse que tinha de ir à casa de banho, deixando Ricardo sozinho e constrangido. Mas ele recompôs-se e

não se amedrontou. Com passos firmes, dirigiu-se ao palco, «feito gringo». Desafinou por todo o lado, mas Carmen bateu palmas no fim da atuação, merecendo um mar de beijos quando ele voltou para a mesa. Depois, no final da noite, ela disse-lhe que seria melhor ele dedicar-se à poesia e não ao canto.

A intenção deles não era fazerem praia, mas caminharem um pouco e conversarem. Foram andando para norte, onde ficava a zona mais rochosa. Dantes, era lá que se iam sentar. Lado a lado, foram caminhando em silêncio, ligados pelo som da água. Carmen quis molhar os pés na espuma que beijava a areia, por isso levava as sandálias na mão. Ricardo tirou os ténis, arregaçou as calças e caminhava pela areia molhada, sentindo uma felicidade dentro de si como havia muito não sentia. Derretido, via Carmen a chapinhar na água serena. Estava maravilhado com a beleza dela. Carmen notou o olhar dele e sorriu. Sentia o desejo de Ricardo a acariciar-lhe a pele e estava arrepiada da cabeça aos pés. Além do amor, os dois desejavam-se intensamente. Eram loucos um pelo outro. As almas amavam-se, os corpos desejavam-se.

— Não queres molhar os pés? — perguntou ela.

— Estou bem assim. Daqui, tenho uma vista maravilhosa.

Ela corou. Sabia bem ao que ele se estava a referir.

— Olha que daqui também se tem uma vista bonita...

— Ai sim?

— Sim. Estes peixinhos à minha volta tornam a vista fantástica... — brincou ela, piscando-lhe o olho.

Ricardo sorriu. Não tinha dúvidas de que desejava aquela mulher mais do que nunca. Imaginou-se com ela, os dois com rugas e os ossos a estalar, a caminharem pela praia enquanto o sol se escondia por trás do mar. O pensamento foi interrompido pelo banho que levou de Carmen. Nem teve tempo de fugir. Pasmado, olhou para a roupa, um pouco molhada. Sorrindo, ela juntou as mãos para o molhar outra vez. Dando um *sprint*, ele

afastou-se.

— Estou encharcado! — queixou-se Ricardo, também na brincadeira.

— Isso já seca. É só água — disse ela, sem conter uma gargalhada.

— Espera, que já vêes o que é água!

— Ui, que medo!

Estavam felizes. Afastando-se da beira da água, Carmen foi caminhando para ele.

— Queres ir sentar-te nas rochas? — perguntou Ricardo, apontando nessa direção.

Carmen assentiu. Sabia que aquele lugar ia trazer recordações a ambos, mas estava decidida a enfrentar todas as sombras que existiam entre eles. A maré estava vazia, e foi fácil chegarem às rochas. Ricardo foi à frente e subiu primeiro, depois estendeu a mão a Carmen para a ajudar a subir. Quando as mãos deles se encontraram, foi como se o tempo parasse. O mundo ao redor desvaneceu-se. Eles encaixavam-se como peças de um quebra-cabeças, com uma perfeição que dava arrepios. A chama antiga reacendeu-se, e o calor inundou-os. Os dois corações aceleraram como um tambor em dia de romaria. Entre eles, havia conexão, intimidade, confiança. E amor.

Ficaram sentados em silêncio durante alguns minutos, olhando a imensidão do mar. A poucos metros, algumas pessoas apanhavam mexilhões e lapas, mas, para eles, era como se não houvesse ali mais ninguém. Estavam outra vez no seu mundo, acariciados por uma brisa perfumada de mar.

— Tenho medo, Ricardo... — disse Carmen, fitando-o com os seus olhos grandes.

— Eu sei... E tens razões para ter medo. Por tudo o que fiz no passado. Por todas as vezes que te menti e te fiz sofrer.

— Queria ter certezas...

— Compreendo. Mas haverá certezas na vida?

— Sim, nada é certo... Tanto me posso arrepender de me ir embora, como me posso arrepender de ficar. Nunca saberemos...

— ...se não tentarmos — rematou ele, olhando-a no fundo dos olhos. Ficaram presos um no outro, e o tempo parou durante alguns segundos. — Naquele dia em que fui ter contigo à estação, queria pedir-te perdão. Estou a recomçar. É como se tivesse morrido para agora renascer. Não vou dizer que não houvesse em mim uma pequena esperança de podermos voltar a namorar. Havia, mas também estava preparado para seguir em frente, e para te deixar seguires em frente. Estava preparado para deixar ir, deixar fluir. Por vezes, o amor é deixar ir quem se ama. Mas hoje, depois de vir aqui contigo, não acho que esteja realmente preparado para te deixar partir e saíres da minha vida. Por outro lado, sei que não te posso obrigar a nada.

— Nós tínhamos uma história tão bonita... — sussurrou Carmen, de olhos a brilharem, prestes a chorar.

— Não quero que chores — pediu Ricardo, refém da emoção. — Não é suposto este momento ser triste. Quero que seja feliz e libertador.

— Sabes que eu sou assim. Choro por tudo — disse ela, soltando um risinho.

Ricardo queria beijá-la. Era o que mais queria no mundo. Custava-lhe vê-la a chorar. Desejava abraçá-la e dizer-lhe que tudo ficaria bem.

Carmen respirou fundo, depois endireitou as costas e olhou o infinito para lá do mar. Ricardo mexia na pulseira, indeciso sobre a beijar ou não. Por fim, inclinou-se delicadamente, beijou-lhe a face e voltou a endireitar-se. Esperando pela reação dela, arrependeu-se. Avançara demasiado depressa, tinha estragado tudo.

— Desculpa, não devia ter feito isto.

— Está tudo bem — murmurou Carmen, sorrindo timidamente. Levou as mãos ao fio que trazia ao pescoço, puxando o pingente que o vestido escondia e mostrando-o a Ricardo.

— A lua... O colar da minha mãe — disse ele, surpreendido.

Carmen assentiu, olhando para o pingente.

— Nunca o tirei. Talvez tenha sido um dos motivos para nunca ter avançado para outra relação. Sabia que ainda te amava. E ainda amo...

— Também te amo muito. Hoje sei que sim. Percebi isso na saudade. Tive de te perder para descobrir o quanto te amo.

— Fazes ideia de como o amor funciona? — perguntou-lhe Carmen.

— Acho que sim. Pelo menos, a minha maneira de pensar mudou. Acredito que é o amor que nos salva.

— Quando amamos uma pessoa, continuamos a amá-la durante todos os seus estados emocionais e todas as suas mudanças ao longo do tempo. Eu amava-te muito, e ainda te amo. Sempre acreditei no nosso amor, mas não podia continuar a aceitar o que me davas, ou o que não davas. Com isso, percebi que não tinha amor-próprio. Depois de teres partido, aprendi a gostar de mim. Posso dizer que houve uma coisa boa no meio disto tudo. Encontrei-me novamente, e isso tornou-me mais forte.

— Desculpa uma vez mais. Não fui um bom homem, nem um bom companheiro ou amigo. Não adianta arranjar justificações para o que aconteceu. A culpa foi minha. Tinha a alma doente e deixei-me levar pelo ego inflamado.

Apesar de estarem a falar de um passado doloroso, sentiam que iam ficando mais leves. Estavam a libertar-se de sentimentos pesados que precisavam de deixar ir. Calmamente, sem acusações, cada um deles estava a dizer o que a sua alma sentia.

— Cheguei a um ponto em que me quis lembrar de quem era, mas não sabia. Perdi todo o entusiasmo, porque tu eras a minha prioridade. Tinha deixado de existir para viver apenas em prol de ti — explicou Carmen.

Fitou Ricardo. Ele nunca tinha admitido um erro. Nunca pedira desculpa por nada, culpava sempre os outros por tudo o que acontecia. Agora, diante dela encontrava-se um homem que reconhecia os seus erros

e estava disposto a ser diferente. Aliás, já o era.

— Mas a gente só cresce assim. Levantando-se de cada queda, de cada desilusão, com paciência e resiliência, cuidando de nós como o bem mais precioso que temos.

— Talvez eu tenha aprendido tarde de mais — disse ele.

— Talvez não. Tudo acontece quando tem de acontecer — afirmou Carmen.

— Hoje, seria capaz de morrer por ti. Prefiro morrer a fazer-te sofrer. Morreria para viveres.

Carmen deixou escapar aquele riso leve tão típico de si.

— Não quero que morras por mim, nem nada do género. Gostaria, sim, que me demonstrasses todos os dias que sou a mulher que amas e respeitas. Que é em mim que pensas quando não estou. Quero que saibas sempre o caminho para casa e nunca te percas.

Quando disse aquilo, vieram-lhe as lágrimas, e, sem hesitar, ele abraçou-a. Ficaram suspensos naquele instante, e Ricardo também não conseguiu conter as lágrimas. Guardariam aquele abraço por toda a eternidade. Tinham esperado tanto por aquele momento... Tinham desejado tanto estar de novo nos braços um do outro, sem dor nem rancor...

Enquanto abraçava Carmen, Ricardo inspirou o seu perfume, o mesmo que o vento trouxera até ele durante meses a fio. O abraço parecia não acabar. Como uma força magnética, devolvera-os ao lugar onde tinham sido felizes, depois de quase dois anos sem perceberem a força daquele amor, com toda a loucura, paixão, saudade e dor que lhes trouxera. Carmen cheirou o pescoço dele, reconhecendo aquele corpo e aquela alma. Estava em casa. De olhos fechados, pousou a cabeça no peito de Ricardo. Ficaram abraçados. O tempo não contava, o abraço seria eterno. Teriam todo o tempo do mundo para se curarem e para tentarem novamente. Aquele abraço estaria com eles, fossem onde fossem, estivessem onde

estivessem.

Desceram das rochas e caminharam para um futuro liberto do passado.

Epílogo

A chuva matinal purificou a cidade. Agora, o céu está perfeito, de um azul-claro que se perde de vista no mar, onde os dois se beijam e fundem num só. Estou sem fôlego, depois de ter percorrido o trilho e subido a um dos cumes da ilha Terceira, na Vila das Lajes, a norte da minha casa. O vento afaga-me o rosto com delicadeza, trazendo consigo o perfume do mar salgado. Olho o horizonte, vejo o oceano e sinto paz.

Fecho os olhos e respiro profundamente. Lembro-me das vezes que entrava no escritório dele e via os seus poemas espalhados sobre a mesa. Numa gaveta, guardava os cadernos — centenas, talvez — em que escrevia os seus pensamentos e reflexões. Gostava, e ainda gosto, de ler o que ele escreveu. A profundidade da sua alma está em cada folha.

Acredito na magia do amor eterno e nunca duvidei de que ele existisse, pois eu conheci um amor assim. Um amor bonito, que não era aquele dos contos ou das lendas. Vi esse amor de que falo, presenciei-o e cresci com ele por perto. Os meus pais contaram-nos imensas vezes a história desse amor, e eu ficava encantado quando via a maneira como o meu pai falava deles e de tudo isso. Era raro ele esquecer-se de algum pormenor, mas, quando acontecia, a minha mãe acrescentava a informação que faltava. Cresci nesse amor e sempre me senti imensamente acarinhado.

Pelo que vi nas fotografias e nos vídeos, até o pedido de casamento foi extraordinário. Quando o meu pai deu esse passo, fazia um ano que eles moravam nos Açores. Estava um dia de sol, e a Mãe queria ir à praia, mas ele teimava em não chegar. Dando uma desculpa esfarrapada, disse-lhe que

fosse andando, que ele ia lá ter mais tarde. Quando a minha mãe chegou à praia, viu o que o meu pai tinha feito e ficou sem palavras.

Começando numa das entradas do areal, um caminho composto por girassóis levava a um pequeno altar. Boquiaberta, ela procurou o meu pai, mas não havia sinal dele. Foi andando até ao altar e notou que as velas e lanternas desenhavam um coração. No fim do caminho, erguia-se um arco, feito também de girassóis, onde estavam pendurados uma lua e um lobo, simbolizando cada um deles. Deslumbrada com o que lhe estava a acontecer, a Mãe subiu ao pequeno altar. O meu pai apareceu num cavalo branco e percorreu também o percurso de girassóis, até junto dela. Desceu do cavalo, pegou na mão da Mãe e ajoelhou-se. Tirou uma caixinha do bolso e abriu-a, revelando um anel brilhante. Olhou-a nos olhos e disse:

— Minha Lua, eu amo-te mais do que tudo na vida. És, sem dúvida, a minha alma gémea, a minha melhor amiga, a minha companheira. Quero envelhecer ao teu lado, vendo os nossos filhos crescerem, e quero ver os nossos netos nascerem. Quero ficar contigo até ao fim dos meus dias e fazer-te feliz para sempre. E que «sempre» seja todos os dias. Queres casar comigo?

A Mãe não conseguiu conter as lágrimas. Emocionada, abraçou-o e beijou-o, e respondeu:

— Sim, sim, sim! Também te amo muito, meu Lobo. És o homem da minha vida. Quero ser tua esposa e construir uma família contigo. E, sim, que o nosso amor seja eterno, para sempre, e que «sempre» seja todos os dias.

Entretanto, apareceram João e Raquel, que tinham vindo do continente, e dezenas de outras pessoas. Aplaudiram toda a encenação e comemoraram. Os meus pais trocaram anéis e beijaram-se apaixonadamente. Estavam mais felizes do que nunca. Sabiam que começava ali uma nova etapa da sua história de amor. Naquela noite de 20 de agosto, comemoraram o noivado no jardim da nossa casa.

O amor dos meus pais foi uma história de coragem, perdão e resiliência, de recomeços e muitos sorrisos. Foi, e ainda é, um amor que transcende o tempo, o espaço e a morte. Foi e é um amor revelado em cada gesto, palavra e olhar, um amor nutrido de respeito, confiança, admiração e cumplicidade. Um amor traduzido em abraços, beijos, sorrisos e lágrimas, que se fortaleceu nas dificuldades, nas alegrias, nas tristezas e nas esperanças, renovando-se a cada dia, a cada hora, a cada minuto. Esse amor eterno ficará para sempre na minha lembrança. Foi o amor mais bonito que presenciei nestes meus trinta anos. Um amor de entrega total ao outro. Os dois viviam e sentiam a sua energia. Eu procuro e desejo viver um amor assim. Um amor dedicado como vi nos meus pais.

Um amor como os meus pais viveram ilumina, aquece, envolve e transborda. Fica na lembrança. Permanece vivo. Inspira, motiva, orienta e protege. Consola, conforta, acalma e cura. Mais do que um sentimento, é uma essência. Mais do que uma relação, é conexão. Mais do que uma escolha, é uma missão. E, mais do que uma dádiva, é uma bênção saber que nasci desse enorme amor entre os meus pais, a Carmen e o Ricardo.

Desde que ele partiu, venho aqui sozinho quando o meu coração é invadido pela saudade ou se preciso de respostas para as minhas dúvidas. Nunca falha. De todas as vezes, saio daqui renovado, de coração cheio. O meu pai faz-se presente no vento, no perfume das flores ou no silêncio, e abraça-me com o mesmo carinho e a mesma ternura de sempre.

Ele era um homem bom, generoso e carinhoso. Sempre encorajou os meus sonhos e me apoiou perante todos os desafios. Ensinou-me a amar a vida, a arte, a música e a poesia. Lembro-me das noites quentes na ilha, nós os quatro no alpendre, ele a declamar poesia e a Mãe deitada na cama de rede, deixando-se transportar por aquela voz serena. No colo dela, com a cabeça pousada no seu peito, eu escutava o bater do seu coração. Estendida numa manta, a minha irmã desenhava personagens do seu imaginário. Levei para a minha vida a poesia desses momentos, repetidos

vezes sem conta. Também guardo com ternura a carta que ele me escreveu dias antes de ter partido. Encontrei-a na sua secretária, dentro de um envelope com o meu nome. Quando a li pela primeira vez, correram-me as lágrimas. De longe a longe, num dia mais cinzento, torno a lê-la e encontro ali forças para continuar.

Que bom homem foi — e ainda é — o meu pai! Acima de tudo, ele partilhou. Sempre nos tratou, à minha mãe e a mim, com doçura e delicadeza. Era atento e protetor. A minha mãe retribuiu com coragem e amor incondicional. Ela tem muitas saudades. Falta-lhe o abraço dele, o seu cheiro, a sua companhia e dançarem na sala nas tardes de domingo.

A minha mãe é forte, sempre foi, mas eu sei que ela chora quando ninguém vê. Ela tem consciência de que a sua missão não terminou, e sabe que os dois se encontrarão noutro lugar. Apesar da dor da ausência do meu pai, ela consegue sorrir, dando-me força para continuar. Por vezes, quando está na cozinha, vejo-a voltar o rosto para a janela e olhar para lá do mar, enquanto aperta nos dedos o pingente de lua que o meu pai lhe deu. Parte dela foi com ele; sinto isso até mesmo quando a vejo sorrir.

Hoje faz um ano que o meu pai partiu. Morreu de cancro do pulmão, e nem nos dias em que o tratamento lhe arrasava o corpo ele deixou de sorrir. Nessa altura, foi ele que nos segurou, transmitindo tranquilidade a mim e à Mãe. Dizia-me para viver no momento, para não pensar no que lhe podia acontecer, pois ele continuaria a acompanhar-me. Lembro-me dos seus conselhos, das histórias e dos poemas. E lembro-me dos dias em que a fragilidade tomou conta dele: nas tardes de domingo, ficava sentado no cadeirão, e eu deitava-me no sofá, ao lado da minha mãe, e lia-lhe poemas de Sophia de Mello Breyner. Em troca, ele contava-me episódios da história dos dois. A superação do vício do álcool. O encontro na estação e o perdão da Mãe. O pedido de casamento. A *Luna*, a doce cadela que eles tiveram, que morreu de velhice no colo da minha mãe. E a escolha de virem para os Açores, para a ilha Terceira, onde abriram um centro

holístico, com um espaço dedicado a pessoas com problemas com o álcool, pois esta ilha é um dos sítios do país onde mais pessoas sofrem desse mal. Com o seu testemunho, ele ajudou centenas de pessoas.

O meu pai era um contador de histórias. Sabia como passar a mensagem pretendida, fosse nas palestras ou nas histórias que nos contava antes de adormecermos. Todas as noites, à hora de dormir, ele nos contava uma pequena história. Eu e a minha irmã ficávamos maravilhados com as entoações, as expressões do rosto e as diferentes vozes das personagens. Ele transportava-nos para dentro da história. Quem me dera poder regressar a esses momentos e tornar a ouvir cada história pela primeira vez.

Lembro-me de quando aprendi a andar de bicicleta sem ajuda das rodinhas. Foi ele quem me encorajou. Todas as tardes, depois de eu chegar da escola e fazer os trabalhos de casa, íamos para a rua nas traseiras da nossa casa. Como não tinha saída, não passavam muitos carros, e podíamos estar à vontade. O meu pai tinha sempre tempo para nós. Ao contrário do pai dele, nunca nos levantou a voz ou a mão. Na adolescência, perguntei-lhe pelo Avô e pela Avó. Sentámo-nos no alpendre. Lá longe, o sol mergulhava no horizonte. E ele contou-me sobre a sua infância.

Partilhou comigo as suas dores e mágoas. Ouvi-lhe na voz a tristeza por não ter tido mais tempo com a sua mãe. Contou-me sobre a primeira vez que bebera álcool, em busca de coragem para enfrentar o pai, que espancava a minha avó com um cinto. Disse-me que esteve perto de se tornar como ele, mas que ainda foi a tempo de escolher viver. Contou que, no começo, o amor da minha mãe lhe fez confusão, porque nunca tinha experienciado um sentimento igual. Naquele dia, fiquei de coração apertado ao imaginar a infância do meu pai, em tudo diferente da minha.

Ele era o melhor ouvinte do mundo. Certo dia, íamos pela cidade, e eu levava na mão um boneco do Super-Homem. Parámos para ele conversar com uma senhora, e ela perguntou-me qual era o meu super-herói preferido. Talvez esperasse ouvir-me falar do boneco que levava comigo,

mas a minha resposta não foi essa. «O meu pai», disse eu. «O meu pai é o meu super-herói preferido. Depois dele, é o Super-Homem.»

O brilho no seu olhar não desapareceu durante a quimioterapia, e isso descansava-me. Hoje, eu, a minha mãe e o Nuno continuamos o legado dele. O Nuno é um açoriano que se tornou o melhor amigo do meu pai aqui na ilha e o seu braço-direito no combate ao alcoolismo.

Mas eu queria ir mais além. Por isso, para honrar a vida do meu pai, concretizei um dos sonhos que ele não conseguiu realizar. Tantas vezes me disse que um dia escreveria a história do seu amor, mas o Tempo não o deixou. Tenho a certeza de que ele não conseguiria conter uma lágrima ao segurar este livro. Não tenho dúvidas de que lhe devo a minha enorme paixão pelos livros e pela escrita. Foi graças a ele que me tornei escritor.

Acima de tudo, sinto-me grato por o meu pai ter sido meu amigo. A sua grande lição foi ensinar-me que é sempre possível recomeçar, sermos melhores pessoas, fazermos diferente.

Agora que falei com ele, que o senti entre o mar e o céu, vou regressar a casa. À minha espera estão a Mãe, a minha irmã, a Raquel e o João e a filha deles, a Carolina. Vamos saborear o bolo de chocolate que a Mãe fez e relemburar histórias do meu pai. Honrar o seu legado também é mantê-lo vivo entre nós, pois uma pessoa só morre quando não resta ninguém que se lembre dela.

É como ele dizia: o amor vence sempre. Acredito nisso e, se alguma vez duvidar, só tenho de ler a carta que ele deixou. O meu pai continuará a guiar-me. Esta história não acaba aqui, é apenas um recomeço, um recomeço que nasce de todas as sementes de amor que ele semeou.

*

Querido filho,

Escrevo-te esta carta com o coração apertado, sabendo que não vou

poder estar contigo daqui para a frente. Não queria deixar de poder abraçar-te, beijar-te e dizer-te o quanto te amo e me orgulho de ti, mas a vida é assim mesmo, cheia de surpresas e desafios, e tive de enfrentar o maior deles: uma doença que me roubou a saúde e o tempo neste plano. Não fiques triste por mim, nem te sintas culpado por algo que não pudeste evitar ou por aquilo que deixaste de fazer. Quero que saibas que tu, a tua mãe e a tua irmã me fizeram muito feliz. Vocês foram a melhor coisa que me aconteceu. São o meu maior tesouro e a minha maior alegria. Tu és o meu legado, o meu reflexo e a minha continuação, por isso peço-te que vivas a tua vida com intensidade, paixão e coragem. Segue os teus sonhos, luta pelos teus ideais e sê fiel aos teus valores. Sê bondoso, generoso e solidário. Respeita os outros, ama a natureza, cuida de ti mesmo e lê poesia à tua mãe. Sê feliz, meu filho. Sê muito feliz.

Vou estar sempre contigo, no teu coração, na tua memória e no teu espírito. Estarei sempre a olhar por ti. Vou proteger-te, guiar-te, aplaudir-te e admirar-te, mesmo nas alturas menos boas. Quero que saibas que és humano, falível e imperfeito. Vais errar, fracassar e sofrer. Terás dúvidas, medos e angústias, e em alguns momentos precisarás de ajuda. Não te envergonhes das tuas fraquezas, nem tão-pouco te feches aos outros. Aprende com as tuas falhas, levanta-te quando caíres e abre os braços à vida.

Sê feliz, grato e abençoado. Tens muitas razões para sorrir, para agradecer e celebrar. E, se nalgum momento tudo falhar, não esqueças que tens a tua família e os amigos para te apoiarem. Tens talento. Haverá oportunidades, sonhos, projetos e esperança. Nunca esqueças as bênçãos nem te lamentes pelo que não tens. Não te compares aos outros. Desfruta do que tens, partilha aquilo que puderes partilhar e valoriza quem és.

Quero que saibas que te tenho um amor incondicional e eterno. És o meu orgulho. És o meu herói corajoso, o meu mestre sábio, o meu exemplo inspirador. Não há nada que eu não fizesse por ti, que me

afastasse de ti ou me fizesse deixar de te amar. Nem mesmo a morte.

Não me esqueças, mas não deixes que a minha ausência te impeça de viver. Recorda-me com carinho, mas não deixes que a minha partida te faça sofrer. Honra-me com o teu sorriso, mas não deixes que a minha morte roube a tua alegria. Estarei em paz, meu filho, e quero que tu também estejas. Orgulho-me de ti, Rafael, e quero que sintas isso. És um homem extraordinário. Tens o meu sorriso e herdaste a beleza e o coração da tua mãe. Nunca te arrependas de partilhar amor, pois só ele pode vencer.

Sabes bem que, no passado, tive problemas com o álcool. No início, tudo parecia fantástico, mas depois veio uma escuridão que me dilacerou por dentro, e quase destruí a minha vida. Nunca te escondi nada, e peço-te que tragas sempre na consciência todos os conselhos que te dei. Felizmente, não presenciaste esse momento sombrio. Fui a tempo de me resgatar e pude tentar diariamente ser um bom pai para ti e para a mana, bom marido para a mãe e um homem às direitas para todos os que me rodeavam. Fui a tempo, mas muitos não conseguem largar o vício.

Antes de te deixar alguns conselhos, torno a pedir-te que cuides da mãe e da tua irmã, mas sobretudo da mãe, que vai precisar de muito apoio. O nosso amor não acaba aqui, apenas vai continuar noutro plano e de outra maneira.

Agora, os conselhos: sê amável; sê pontual; diz sempre «por favor» e «obrigado».

Sê generoso. Atencioso. Tem compaixão quando os outros enfrentarem dificuldades, ainda que tenhas os teus problemas. Os outros irão admirar o teu altruísmo e ajudar-te-ão quando precisares.

Mostra sempre coragem moral. Faz o que é certo, mesmo que isso não te traga vantagens. O mais importante é não sentires culpa nem remorsos quando te olhares ao espelho todas as manhãs. Mantém a consciência limpa.

Mostra humildade a cada passo. Tem a tua opinião, mas escuta sempre o outro lado. Não sejas cabeça-dura, e volta atrás quando souberes que estás errado. Isso não é sinónimo de falta de personalidade. Admitir o erro e corrigi-lo revela grande coragem. Aprende com os erros. Vais cometê-los, de certeza, mas usa-os sempre como aprendizagem, para não os repetires.

Nunca rebaixes o outro. Se tiveres problemas com alguém, fala com essa pessoa cara a cara.

Nunca reajas de cabeça quente, pois nessas alturas dizemos coisas que não queremos, e, depois de ditas, elas não podem ser apagadas.

A maioria das pessoas merece uma segunda oportunidade. Lembra-te de que a Mãe me deu essa segunda oportunidade. Pela minha parte, tudo fiz para a merecer.

Cada manhã é um recomeço. A vida está sempre em mudança, num estado de impermanência, e o mesmo sucede com cada um de nós. Se algo correr mal, não tenhas medo, recomeça; o amor pode sempre florescer nessa impermanência. Nunca esqueças que a única coisa certa é que tudo vai acabar.

A cada manhã, agradece por estares vivo e teres saúde. Expande o teu coração e vibra de amor. Não desperdices a tua vida.

Quem me dera ter tido mais tempo contigo. Não tendo sido possível, basta-me que saibas que te amo, admiro e respeito.

Amo-te, filho.

Sê feliz.

O teu pai

Agradecimentos

Este livro não teria sido possível sem a ajuda da minha mulher, a Mia, que me deixa ser quem sou, sempre me apoiando com amor e paciência. És, sem dúvida, o meu grande amor.

Aos meus filhos de sangue, o Diogo, a Carolina e o Rafael, e à minha filha de coração, a Leonor, que muito representam para mim, sendo o reflexo do amor incondicional.

Aos meus pais, que foram o meu primeiro amor, por tudo o que me ensinaram e pelos valores que me passaram.

Ao meu irmão, que me deixa tão orgulhoso do seu caminho e que agora caminha ao lado da sua amada esposa.

À Carolina Sousa, por toda a paciência e sabedoria e pelo tempo que passou comigo partilhando ideias para este livro. Este projeto ajudou-me a crescer enquanto escritor, e a participação dela foi muito importante.

Finalmente, a todos os meus leitores, aos seguidores das minhas páginas nas redes sociais, aos amigos e restantes familiares: agradeço o vosso carinho e amor.

Nota do autor

Para mim, todos os livros que escrevo são especiais. Deixo sempre um pouco de mim em cada um, mas este, em particular, tem muito de mim.

Escrever este livro foi recordar um passado doloroso, mas, ao mesmo tempo, libertador. Esta história foi inspirada numa parte da minha vida. Um tempo duro, em que me entreguei ao álcool. Durante treze anos, fui alcoólico. Mantive uma relação com o álcool que me levou quase à destruição, e ele foi a minha maior dor; porém, foi também a minha maior lição.

O álcool era um escudo entre mim e a realidade. Gostava de ficar bêbedo, a embriaguez era um estado que me agradava naquele tempo. Não conseguia beber apenas socialmente. Bebia de forma compulsiva, e acreditava que isso me trazia espontaneidade. Hoje sei que não. É apenas uma distorção da realidade.

Sempre fui muito inseguro. Vivia sem amor-próprio e sujeitava-me a situações que não me agradavam só para me encaixar. Depois, crescia uma revolta em mim por não saber dizer que não. O álcool atenuava essa angústia.

Tentei pôr fim à vida algumas vezes. Misturei comprimidos com álcool. Vi-me algumas vezes com uma faca na mão para cortar os pulsos, mas não tive coragem para ir até ao fim. Só pensava em morrer. Pedia muitas vezes a Deus que me levasse. Que acabasse com o meu sofrimento e com o sofrimento que causava aos outros.

Felizmente, consegui superar essa situação, e já caminho para o sexto

ano sem beber. Através deste livro, pretendo passar a mensagem de que é possível vencer o vício, recuperar a dignidade e ser feliz. Mantenho-me alerta todos os dias, para não ter uma recaída. A lucidez que se deu em mim foi uma espécie de despertar. Foi como se um nevoeiro que pairava na minha mente e diante dos meus olhos se tivesse dissipado, fazendo-me ver a vida de outro ângulo e com outra consciência.

Gostava de beber. Hoje, se pudesse, beberia. Acontece que não posso. Não pretendo recair, porque conheço as consequências do primeiro gole. Se bebesse o que fosse, não iria parar. Seria copo atrás de copo, num desejo sem fim. Nenhuma quantidade iria saciar-me. Não vou voltar a beber, porque sei que o álcool só me traz dor, a mim e a todos os que me rodeiam.

Este livro nasceu da minha ida à estação de comboios de Ermesinde, para reencontrar a mulher que amava e que tinha perdido. Nessa altura já não bebia, e tinha intenção de pedir perdão por todo o mal que lhe fizera. O encontro foi emocionante para ambos. Ainda existia amor, mas a dor também permanecia grande. Aos poucos, fomos voltando a falar, até que se deu o meu regresso a casa. Sou eternamente grato pela segunda oportunidade que a vida me deu.

Muitas passagens deste livro são pura ficção; outras aconteceram mesmo. Misturei a realidade com a ficção sabendo que o leitor irá sempre ser capaz de se identificar com algumas situações. Infelizmente, o consumo excessivo de álcool é um problema grave em Portugal, independentemente da classe social. Partilho a minha história para alertar outras pessoas para os riscos do alcoolismo e incentivar quem sofre a procurar tratamento. É possível recomeçar. É possível viver com amor, pois, acredito, só ele pode vencer.

Foi o amor que me salvou.